



**PROJETO IMPRENSA JOVEM NA REDE DE ENSINO MUNICIPAL DE SÃO  
PAULO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO**

**KELLY VICTOR**

**SÃO PAULO  
2014**

**KELLY VICTOR**

**PROJETO IMPRENSA JOVEM NA REDE DE ENSINO MUNICIPAL DE SÃO  
PAULO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Maurício Pedro da Silva

**SÃO PAULO  
2014**

**Victor, Kelly.**

***Projeto Imprensa Jovem na rede de ensino municipal de São Paulo: uma abordagem a partir da educomunicação./ Kelly Victor. 2014.***

**119 f.**

***Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2014.***

***Orientador (a): Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva.***

**PROJETO IMPRENSA JOVEM NA REDE DE ENSINO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EDUCOMUNICAÇÃO**

**KELLY VICTOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (PPGE - UNINOVE)

---

Membro: Professora Dra. Margarita Victoria Gomez (PROGEPE – UNINOVE)

---

Membro: Prof. Dr. José Eduardo de Oliveira Santos (PPGE - UNINOVE)

Dedico este trabalho a vocês que sempre me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos e trabalharam muito para que eu pudesse realizá-los, meus pais, Ivani e Roberto, e minha avó Lourdes.

## AGRADECIMENTOS

Grata à minha mãe, Ivani, meu pai, Roberto, e meu irmão, Ricardo, pela compreensão, dedicação e apoio nos momentos difíceis e de alegria. Por me proporcionarem, além de extenso carinho e amor, os conhecimentos da integridade, da perseverança e pelo meu desenvolvimento como ser humano.

A toda a minha família pelo apoio.

A Deus, pela saúde, pelo entusiasmo, por ter me concedido a oportunidade de concretizar este sonho e ter me colocado junto de tantas pessoas com quem pude aprender.

À minha avó Lourdes, figura de extrema importância na minha vida, companheira, confiante, amiga.

*In memoriam* aos meus avós Francisco, Aladir e Renato.

À minha tia Sidneia, pela força e acolhimento em vários momentos.

À minha prima Cirley, que me acompanhava nos meus primeiros passos na pesquisa.

Aos meus amigos parceiros, fiéis, que sempre estiveram do meu lado, em especial Rosângela e Carlos, Lilian, Wilson, Jupiará.

Aos Professores Doutores Sergio Haddad e Marília P. Sposito, pela oportunidade de iniciar meus primeiros passos na pesquisa acadêmica.

Aos professores da EMEF João Amos Comenius, pela compreensão e apoio.

Às professoras, alunos e diretores das escolas que participaram deste estudo, pelo acolhimento, verdade e profissionalismo.

Ao Prof. Carlos Lima, que gentilmente me recebeu e deu as suas contribuições a minha pesquisa.

Aos amigos da UNINOVE, com quem pude ter oportunidade de aprender muito. Sobretudo nas pessoas de Eliabe, Lucia Yara, Maria Lucia, Jose, Ana Lucia; Fernanda; Angela; Denise; Idileini; Marcia; Margarete; Sylvia; Fernanda Saul; Miriam; Valéria; Roseli; Tatiana; Luciana, Manfio; Fernando e toda a turma dos mestrados: acadêmico e profissional de educação.

Ao meu orientador Prof. Drº. Mauricio Pedro da Silva pela abertura, liberdade e acolhimento da minha proposta de estudo e nos direcionamentos para conclusão da minha pesquisa.

À Profa. Dra. Margarita Victoria Gomez, pelo acolhimento no grupo de pesquisa pelas parcerias estabelecidas que contribuíram significativamente na minha produção acadêmica.

A todos os educadores que fizeram parte da minha vida ao longo desses anos.

A todas as escolas e professores por onde trabalhei e aprendi. Em especial, ao EEPSEG Prof. Benedito Tolosa; EMEI Brigadeiro Eduardo Gomes; CEI Vereador Homero Domingues da Silva; CEI Jardim Panamericano; EMEI Marechal Odílio Denys.

A todos os educandos que passaram pela minha vida durante esses sete anos de docência, tanto na educação infantil, fundamental quanto na de jovens e adultos, com quem pude aprender muito enquanto ser humano.

A todos os professores e funcionários que compõem a equipe de Pós-graduação em Educação da UNINOVE – SP, que partilharam desse sonho, pelo aprendizado, estímulo, parcerias, amizade.

## RESUMO

A pesquisa tem como objeto empírico o Projeto Imprensa Jovem, que é desenvolvido nas escolas municipais de São Paulo. O projeto é animado por alunos e professores que, por meio de entrevistas, diálogos com a comunidade e/ou coberturas de eventos importantes que acontecem na cidade de São Paulo, produzem todo um material de cunho jornalístico. As tecnologias de comunicação e informação são amplamente utilizadas na construção tanto do processo quanto da produção final dos conteúdos e reportagens disponibilizadas na rede para a comunidade e a sociedade em geral. Tal projeto é um braço do Programa Nas Ondas do Rádio, no qual são desenvolvidos diversificados projetos que implicam práticas educacionais. Dentro das abordagens qualitativas, a pesquisa apresentou um estudo de caso a partir de duas escolas públicas municipais que desenvolviam o referido projeto. Pretendeu-se responder ao seguinte questionamento: Quais objetivos propostos pela portaria que instituiu o Programa Nas Ondas do Rádio são efetivamente alcançados no Imprensa Jovem na percepção dos educandos(as) participantes? Partiu-se da hipótese de que as atividades desenvolvidas incorporam os objetivos elencados no Programa Nas Ondas do Rádio e, conseqüentemente, agem em consonância com os conceitos da educação. Os fundamentos teóricos da pesquisa são, principalmente, os textos de Paulo Freire; Ismar Soares; Jesus Martin-Barbero; Pierry Lévy; Margarita Victoria Gomez; Jose Manuel Moran; Vania Moreira Kenski; José Armando Valente; e Maria Elizabeth Bianconcini. Ao final de nossa investigação, ficou evidente a efetiva consecução dos objetivos legitimados pelo Programa Nas Ondas do Rádio nas práticas desenvolvidas no interior do Imprensa Jovem.

**Palavras-chave:** Tecnologias Educacionais. Educação. Comunicação.

## RESUMEN

La investigación empírica es objeto de Projeto Imprensa Jovem, que se desarrolla en las escuelas públicas de São Paulo. El proyecto está animada por los estudiantes y profesores, a través de entrevistas, diálogos con la comunidad y / o la cobertura de los acontecimientos importantes que suceden en la ciudad de São Paulo, producen toda una naturaleza material periodístico. Las tecnologías de la información y la comunicación son ampliamente utilizados en la construcción tanto el proceso como la producción final del contenido y de los artículos disponibles en la red para la comunidad y la sociedad en general. Este proyecto es un brazo del Programa Nas Ondas do Rádio, que se desarrollan en diversos proyectos relacionados con prácticas educomunicativas. Dentro del enfoque cualitativo, la investigación presenta un estudio de caso de dos escuelas públicas para desarrollar dicho proyecto. Se tenía la intención de responder a la siguiente pregunta: ¿ Qué objetivos propuestos por la ordenanza que establece el Programa Nas Ondas do Rádio se cumplen efectivamente en la Imprensa Jovem en la percepción de los (las ) participantes a los estudiantes ? Partimos de la hipótesis de que las actividades que incorporan los objetivos que figuran en el Programa Nas Ondas do Rádio y en consecuencia actúan de acuerdo con los conceptos de la comunicación educativa. Los fundamentos teóricos de la investigación son principalmente textos de Paulo Freire; Ismar Soares; Jesus Martin-Barbero; Pierry Lévy; Margarita Victoria Gomez; Jose Manuel Moran; Vania Moreira Kenski; José Armando Valente y Maria Elizabeth Bianconcini. Al final de nuestra investigación se hizo evidente la consecución efectiva de los objetivos legitimados por Programa Nas Ondas do Rádio de las prácticas desarrolladas en la Imprensa Jovem.

**Palabras clave:** Educational Technologies. Educommunication. Education. Communication.

## Lista de Figuras

Esquema 1 – Educom.Rádio: base legislativa e normativa.....	42
Organograma 1 – Programa Nas Ondas do Rádio.....	45
Figura 1 – <i>Blog</i> no Ar Imprensa Jovem.....	60
Figura 2 – Publicações postadas.....	60
Figura 3 – Cobertura de eventos e relação do <i>blogs</i> das escolas participantes.....	61
Figura 4 – Mapa – Rede Imprensa Jovem.....	62

## Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Tempo de utilização de computadores e internet .....	70
Gráfico 2 – Tempo de uso de computador e internet – pais ou responsáveis .....	71
Gráfico 3 – Em quais equipamentos você acessa a internet?.....	72
Gráfico 4 – Você tem: .....	73
Gráfico 5 – Onde você utiliza a internet? .....	73
Gráfico 6 – Conhecimento do Imprensa Jovem .....	77
Gráfico 7 – Condições para participar .....	78
Gráfico 8 – Atividade que não gosta de fazer .....	79
Gráfico 9 – <i>Softwares</i> utilizados.....	81
Gráfico 10 – Canal de publicação das atividades .....	86
Gráfico 11 – Tempo de participação .....	88
Gráfico 12 – Espaços utilizados .....	89
Gráfico 13 – Relacionamento .....	90
Gráfico 14 – Participação/criatividade/expressão .....	91
Gráfico 15 – Trabalho desenvolvido .....	91
Gráfico 16 – Responsabilidade e aprendizagem.....	92
Gráfico 17 – Eventos culturais e diversão .....	93

## Lista de Quadros

Quadro 1 – Denominação dos ambientes <i>on-line</i> por região.....	45
Quadro 2 – Relação de cursos oferecidos.....	46
Quadro 3 – Relação de <i>workshops</i> oferecidos .....	47
Quadro 4 – Perfil comparativo das unidades educacionais .....	68

## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Arquivos do <i>blog</i> .....	61
Tabela 2 – Total de turmas .....	64
Tabela 3 – Espaços físicos.....	64
Tabela 4 – Turmas – Imprensa Jovem.....	64
Tabela 5 – Turmas .....	66
Tabela 6 – Espaços físicos .....	66
Tabela 7 – Turmas – Imprensa Jovem.....	66
Tabela 8 – Idade .....	68
Tabela 9 – Sexo .....	69
Tabela 10 – Cor .....	69
Tabela 11 – Ano escolar .....	70
Tabela 12 – Atividades que gosta de fazer .....	79
Tabela 13 – Equipamentos utilizados .....	82
Tabela 14 – Habilidades .....	82
Tabela 15 – Formas de participação .....	85

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CIEJA – Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos**  
**DOT – Diretoria de Orientação Técnica**  
**DRE – Diretoria Regional de Ensino**  
**FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**  
**ECA – Escola de Comunicação e Artes**  
**EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil**  
**EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental**  
**EMEFM – Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio**  
**MEB – Movimento de Educação de Base**  
**MEC – Ministério da Educação**  
**NAE – Núcleo de Ação Educativa**  
**NCE – Núcleo de Comunicação e Educação**  
**NOR – Programa Nas Ondas do Rádio**  
**POIE – Professor Orientador de Informática Educativa**  
**SME/SP – Secretaria Municipal de São Paulo**  
**TIC – Tecnologia de Informação e comunicação**  
**USP – Universidade de São Paulo**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA UMA INTER-RELAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 Educação e comunicação: o caso brasileiro .....</b>	<b>24</b>
<b>1.2 Europa, Estados Unidos e América Latina: algumas contribuições.....</b>	<b>27</b>
<b>1.3 Consolidação de um novo campo: a educomunicação .....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO II - A EDUCOMUNICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO .....</b>	<b>36</b>
<b>2.1 Programa Nas Ondas do Rádio – NOR.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO III - AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>CAPÍTULO IV - O PROJETO IMPRENSA JOVEM .....</b>	<b>57</b>
<b>4.1 O retrato das escolas .....</b>	<b>63</b>
<b>4.1.1 Perfil dos educandos .....</b>	<b>68</b>
<b>4.1.2 A voz dos educandos .....</b>	<b>74</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho foi abordar a crescente aproximação entre educação e comunicação, tendo como pano de fundo a percepção que os estudantes sujeitos ativos do Imprensa Jovem possuíam do projeto. A partir daí, conduziu-se uma investigação com o intuito de verificar os conceitos e objetivos da educomunicação que permeiam o Programa Nas Ondas do Rádio enquanto estratégia que viabiliza a construção do conhecimento no âmbito escolar.

No decorrer de minha trajetória profissional, aproximei-me do campo da educação e da comunicação no ano de 2002, durante a graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Nos quatro anos de estudo, tive a oportunidade de concluir duas disciplinas: Coordenação de Trabalho na Escola, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Ferreira; e Mídia na Educação, lecionada pela Profa. Dra. Maria da Graça Setton. No curso dessas disciplinas foi proposta a realização de trabalhos e estudos acerca das novas mídias digitais e suas implicações sociológicas, comunicativas e pedagógicas na área de educação. Dentre os trabalhos produzidos de minha autoria, foram desenvolvidos dois específicos: um sobre a Escola do Futuro e outro a respeito do Programa Educom, no qual pude conhecer e entrevistar o seu mentor, o Prof. Dr. Ismar Soares. O assunto proposto suscitou-me o interesse por pesquisas relacionadas às mídias, à comunicação, às tecnologias e à internet.

Por consequência, incluí duas disciplinas optativas da Escola de Comunicação e Artes da USP – História da Cultura e da Comunicação I e Antropologia Cultural – no transcorrer do último ano da minha graduação. Em virtude dessa aprendizagem, fui me aproximando ainda mais dos estudos culturais e ampliando o meu olhar em relação à educação e à comunicação.

Em 2006, por meio de concurso público, ingressei como professora na rede estadual de educação de São Paulo. Busquei sempre trazer os elementos da tecnologia, da comunicação e da cibercultura para minha prática pedagógica em sala de aula. Estava responsável por ministrar aulas para a então 4<sup>a</sup> série e percebia que os alunos demonstravam muito interesse em participar das aulas no laboratório de informática. Sempre comentavam sobre suas relações nas redes sociais virtuais, das quais eram usuários assíduos. Essas experiências ficaram por um bom tempo rodeando meus pensamentos; tinha uma curiosidade imensa de saber o que tanto os instigava no ciberespaço.

Depois, por questões pessoais, exonerei-me do cargo da rede estadual e ingressei, em 2007, na prefeitura de São Paulo como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Nesse período, comecei a participar de diversas formações continuadas oferecidas pela Secretaria Municipal de São Paulo relacionadas às áreas da comunicação, tecnologias educacionais e mídias na educação. Com base nessas aprendizagens, direcionei minha formação à educomunicação.

Como professora titular da prefeitura de São Paulo, trabalhei em diferentes escolas, onde sempre procurava integrar ao cotidiano das aulas elementos da educomunicação. Em 2008, em uma escola de educação infantil, consegui desenvolver atividades no laboratório de informática educativa de maneira mais sistematizada, sob os fundamentos de um projeto educacional cujo conteúdo contemplava atividades e práticas educativas com viés em tecnologia, educomunicação e ciberespaço.

Em 2010, fiz o curso Educom.Rádio na Diretoria Regional da Freguesia/Brasilândia, por meio do qual pude ampliar meu olhar e ter a certeza de que estava no caminho certo, criando uma base sólida de práticas educacionais que poderiam ser incorporadas à minha prática pedagógica em sala de aula. Depois da realização desse curso, passei a desenvolver atividades com crianças de três a seis anos de idade, com a inserção de rádio, jogos educativos, filmes, escrita, *blogs* e criação de pequenos vídeos elaborados em conjunto com as crianças, sempre enquadradas dentro do ciberespaço constituído com auxílio da internet.

Porém, por uma questão de demanda política da região, os laboratórios de informática da maioria das EMEIs (Escolas Municipais de Educação Infantil) foram desmontados para alojar sala de aulas comuns em atendimento à demanda de alunos da educação infantil, e as escolas tiveram de acatar a decisão. Por esse motivo, vi-me obrigada a deixar essa escola de educação infantil e me transferir para a Escola de Ensino Fundamental João Amos Comenius, pois no ensino fundamental a informática educativa é componente obrigatório do currículo escolar.

Assumi, em 2011, o cargo de Professora Orientadora de Informática Educativa (POIE) e, atualmente, ministro aulas somente no laboratório de informática, atendendo no ensino fundamental I e II, respectivamente os 1<sup>os</sup> e 2<sup>os</sup> anos e as 5<sup>as</sup>, 6<sup>as</sup>, 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries, além de uma única turma de educação de jovens e adultos da unidade educacional.

Com a minha inserção no cargo de POIE, meu interesse pela educomunicação, associada à tecnologia educacional, levou-me a questionar as antigas posturas pedagógicas e surgiu a vontade de investigar mais a fundo programas/práticas/projetos pedagógicos com viés educacional dentro da rede municipal de São Paulo.

Por meio da minha experiência profissional, tenho percebido que os alunos se sentem mais motivados a desenvolver as atividades propostas (por intermédio das tecnologias, tendo como base a educomunicação).

A figura da escola como espaço do saber não é tão nítida para os alunos que hoje possuem outras fontes de informação, por vezes mais instigantes, complexas e compostas por multimeios. O papel hegemônico da escola como espaço de saber está em xeque.

Constata-se que a educação acontece mais fora das fronteiras escolares e familiares, diferentemente do que acontecia no passado; no futuro, essa provavelmente será uma tendência a se confirmar com maior impacto devido à influência das mídias e das tecnologias de informação (MARTÍN-BARBERO, 1997; 2000). Conforme apontam pesquisas mais atuais, os meios de comunicação encontram-se disseminados no mundo dos educandos, funcionando até como escolas paralelas (BORGES, 2009; OROZCO, 2007; TAVARES JUNIOR, 2007).

Nessa linha de pensamento, Queila Cristina Goes Borges (2009, p. 17), em sua dissertação intitulada “Educomunicação e democracia na escola pública: o educom.rádio e o planejamento”, inicia a análise contextualizando a presença da escola na sociedade de informação. Observa que a escola ainda configura-se numa estrutura tradicional disciplinar, de fragmentação dos saberes.

Segundo a autora, faz-se necessário compreender a escola dentro de um contexto mais próximo do mundo tecnológico, no qual surgem novas exigências sociais e que prepara os sujeitos para o pleno exercício democrático.

A escola ainda se defronta com muitas dificuldades para abrigar e desenvolver outras linguagens que não aquelas centradas no livro didático e nos rituais cotidianos, tais como ditado, redação e cópias de textos. De acordo com Lévy (2010, p. 8): “[...]é certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão.”

Diante disso, é importante fazer reflexões acerca não só do modelo de sociedade que queremos construir e consolidar, mas também sobre qual é o papel das novas tecnologias de informação e comunicação nesse processo. Convém reconhecer que tais tecnologias estão no nosso dia a dia e precisamos empreender debates sobre como usá-las adequadamente, de modo que permitam ao educando ser inserido em uma sociedade do conhecimento, e não apenas na sociedade de informação.

A pesquisa concentrou sua análise no Projeto Imprensa Jovem que vem sendo desenvolvido nas escolas municipais de São Paulo. O projeto é animado por alunos e professores que, por meio de entrevistas, diálogos com a comunidade e/ou coberturas de eventos importantes que acontecem na cidade de São Paulo, produzem todo um material de cunho jornalístico. As tecnologias de comunicação e informação são amplamente utilizadas na construção tanto do processo quanto da produção final dos conteúdos e reportagens disponibilizadas na rede para a comunidade e a sociedade em geral. Tal projeto é um braço do Programa Nas Ondas do Rádio, no qual são desenvolvidos diversificados projetos que implicam práticas educomunicativas.

Dessa maneira, a pesquisa pretendeu responder ao seguinte questionamento: Quais objetivos propostos pela portaria que institui o Programa Nas Ondas do Rádio são efetivamente alcançados no Imprensa Jovem na percepção dos educandos(as) participantes?

Supõe-se que as atividades desenvolvidas incorporam os objetivos elencados no Programa Nas Ondas do Rádio e, conseqüentemente, agem em consonância com os conceitos da educomunicação.

Esta pesquisa justifica-se pela utilidade/necessidade de compreensão dos objetivos do referido projeto na educação dos alunos, cujo propósito é promover uma educação mais consoante com as transformações da sociedade em que vivemos. Em complementação a isso, a prefeitura de São Paulo dispõe de uma ampla rede de informática educativa, de portarias e documentos que fornecem embasamento para a condução de políticas, programas e práticas pedagógicas com viés educomunicativo.

Dessa forma, considerando o fato de que a mídia não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significações, cresce o interesse especialmente entre pesquisadores da área de educação em refletir, de forma fundamentada, sobre as interações e práticas pedagógicas que os educandos constroem, facilitadas pelo aparato tecnológico digital junto aos meios de comunicação.

Por esse motivo, é relevante analisar como se traduzem, na prática pedagógica escolar, as transformações encadeadas pelas tecnologias e produzir conhecimentos que possam ser incorporados às áreas de pesquisa da educação e comunicação.

Para a realização da investigação, optamos por uma abordagem qualitativa, baseada em Ludke e André (1986, p. 13), em que esse tipo de pesquisa:

envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos com o contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, porque

nesse tipo de pesquisa os significados que as pessoas dão as coisas e a sua vida são foco de atenção especial do pesquisador.

Dentro das abordagens qualitativas, a pesquisa propôs apresentar um estudo de caso a partir de duas escolas públicas municipais que desenvolvem o Imprensa Jovem (projetos de caráter educomunicativos). Portanto, é preciso assinalar que isso permite a interpretação do contexto e “[...]é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

Expostos tais entendimentos em relação ao método utilizado neste trabalho, as técnicas de pesquisas utilizadas basearam-se, sobretudo, em primeiro lugar, no levantamento bibliográfico que nos permitiu ampliar a compreensão sobre as peculiaridades da inter-relação educação e comunicação, enfocando aspectos históricos, educacionais, comunicacionais e tecnológicos, em artigos, livros, dissertações e teses. “Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 183).

Acerca do estudo de caso nas escolas, utilizaram-se entrevistas, questionários semiestruturados, e análise de documentos que compunham a base pedagógica do projeto Imprensa Jovem.

Dessa forma a pesquisa passou por quatro etapas, conforme descrito abaixo:

1. Levantamento bibliográfico sobre o tema.
2. Levantamento de informações acerca do projeto com Carlos Lima responsável pela coordenação do Programa “Nas Ondas do Rádio” na Secretaria Municipal de Educação.
3. Levantamento com o professor orientador de informática educativa, acerca do projeto educacional voltado ao Imprensa Jovem e do cotidiano de sua aplicação na escola.
4. Elaboração e aplicação de questionário *on-line*, com o objetivo de detectar as percepções dos alunos acerca do projeto.

Elaborado o questionário, partiu-se para averiguação da sua validade por meio de um pré-teste com uma porcentagem de alunos inscritos no projeto. Tal análise preliminar fundamentou-se na definição de Lakatos e Marconi (2001, p. 165), que afirmam a necessidade de um pré-teste com o objetivo de:

[...] testar os instrumentos da pesquisa sobre uma pequena parte da população do “universo” ou da amostra, antes de ser aplicado definitivamente, a fim de evitar que a pesquisa chegue a um resultado falso. Nem sempre é possível prever todas as dificuldades e problemas decorrentes de uma pesquisa que envolva coleta de dados. Questionários podem não funcionar; as perguntas serem subjetivas, mal formuladas, ambíguas, de linguagem inacessível; reagirem os respondentes ou se mostrarem equívocos; a amostra ser inviável (grande ou demorada demais). Assim a aplicação do pré-teste poderá evidenciar possíveis erros permitindo a reformulação da falha no questionário definitivo.

Após essa etapa, partimos para um segundo momento relacionado a técnicas de pesquisa que se conduziram por meio de coleta documental do Projeto Imprensa Jovem, e num terceiro momento na entrevista via questionário e formulário eletrônico.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 195).

De início, a pesquisa previa à observação participante dos alunos ao longo do desenvolvimento do projeto na escola. Porém, por questões da participação dos professores na reivindicação de melhores condições de trabalho e salário, muitas escolas acabaram aderindo à greve dos professores, que se iniciou em maio de e estendeu-se por 21 dias.

Decidimos mudar a estratégia de pesquisa e realizar um grupo focal, porém, logo que os professores retornaram da greve já praticamente em junho, as escolas estavam em período de provas e fechamento das notas para o recesso escolar, o que acarretou dificuldades de encontrar os alunos. Por conta da greve e recesso escolar, os alunos acabaram efetivamente retornando ao projeto somente no início de agosto. Como o grupo focal demanda tempo de investigação, e após conversas com o orientador, resolvemos realizar apenas as entrevistas com os alunos por meio de questionário.

Após finalização do preenchimento dos questionários pelos alunos participantes do projeto, partimos para a tabulação dos dados coletados e análise. Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 168),

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados

obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise.

Finalmente, a consolidação da pesquisa se deu por meio de análise da percepção que os alunos traziam em suas falas em relação ao processo pedagógico desenvolvido nas atividades, confrontadas com os conceitos da educomunicação e diretrizes e objetivos do Programa Nas Ondas do Rádio.

O objetivo desta pesquisa foi retratar a realidade de modo mais completo e profundo possível.

Dividimos a presente dissertação em três capítulos. O capítulo 1 apresenta a discussão e os elementos teóricos que dão base à inter-relação entre os campos da comunicação e educação, evidenciando-se os exemplos Brasil, França, Estados Unidos e América Latina.

O capítulo 2 traz um breve histórico da educomunicação no município de São Paulo, remetendo-se ao surgimento do Educom.Rádio e suas implicações na construção e indução de políticas de cunho educacional, sobretudo no âmbito educacional, além de discorrer sobre o Programa Nas Ondas do Rádio e as diferentes ações e projetos que vão sendo delimitados para incorporação da educomunicação no currículo das escolas municipais.

O capítulo 3 aborda as questões da tecnologia de informação e comunicação na educação, refletindo sobre sua possível contribuição na questão do ensino e aprendizagem.

O capítulo 4 versa especificamente sobre o Projeto Imprensa Jovem e promove a análise da experiência educacional nos laboratórios de informática educativa a partir da visão dos sujeitos participantes. Trata-se da análise dos dados levantados na pesquisa.

No último capítulo, as considerações finais retratam os resultados da investigação. Confirmaram-se nas vozes dos alunos participantes, a efetiva consecução dos objetivos proclamados pelo Programa Nas Ondas do Rádio nas práticas desenvolvidas no Imprensa Jovem tais como: a promoção do protagonismo infantojuvenil por meio das tecnologias da informação e da comunicação; a contribuição do projeto no desenvolvimento da competência leitora e escritora e das expressões comunicativas dos alunos; a integração entre professores, alunos e comunidade.

## **CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA UMA INTER-RELAÇÃO**

Para fazer uma abordagem epistemológica e teórica das relações entre comunicação e educação, faz-se necessária a compreensão do que entendemos sobre essas duas grandes áreas do saber humano.

Para a presente pesquisa, seguimos o pensamento teórico de Paulo Freire (1996), no qual a educação, além de ser um ato de conhecimento, é uma experiência especificamente humana e também uma forma de intervenção no mundo. De acordo com tal concepção, a educação deve ser universal não apenas no sentido de ser para todos, mas no que tange a dar conta da universalidade, pluralidade, omnilateralidade das dimensões humanas. E a educação não se realiza somente no espaço escolar, como esclarece Arroyo (1998, p. 147):

A escola não é o único espaço de formação, de aprendizado e de cultura. O fenômeno educativo acontece em outros espaços e tempos sociais, em outras instituições, nas fábricas, nas igrejas e terreiros, nas famílias e empresas, na rua e nos tempos de lazer, de celebração e comemoração, no trabalho.

Em outras palavras, a educação entendida como um processo de formação humana atua sobre os meios de reprodução da vida, bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender coisas, a fim de se reconhecer na percepção do outro e constituir sua própria identidade; envolve todo esse instrumental de formas de percepção do mundo, de comunicação e intercomunicação, de autoconhecimento e de conhecimento das necessidades humanas (RODRIGUES, 2001; BRANDÃO, 2007; FREIRE, 1996).

Dito isso, entendemos comunicação como o fenômeno de relações que não se esgota no uso dos meios comunicativos, mas constitui um processo de construção conjunta com a realidade, sendo parte essencial do processo educativo, pois sem a comunicação inserida por meio do diálogo não há educação.

Os estudos que inter-relacionam comunicação e educação já datam de alguns anos. Eles tiveram início nos Estados Unidos na década de 30, com o surgimento da televisão, e no

caso brasileiro, foram inseridos por Roquette-Pinto e Anísio Teixeira. Por intermédio dos trabalhos desenvolvidos por Celestin Freinet, a França trouxe suas contribuições acerca do tema.

### **1.1 Educação e comunicação: o caso brasileiro**

Desde os primórdios do século XX, a influência cada vez mais presente dos meios de comunicação em nossa sociedade tem propiciado reflexões, análises e discussões em torno da inter-relação dessas duas grandes áreas do saber humano: a educação e a comunicação.

Pesquisas de mestrado, como as de Francine Sayuri Segawa (2009), “Programa Educom.rádio: Um estudo sobre representações”, e de Claudia da Consolação Moreira (2007), “EDUCOM.RÁDIO: Indícios e sinais”, salientam que no Brasil o histórico da interconexão da educação e comunicação tem como referência principal duas grandes figuras: Roquette-Pinto e Anísio Teixeira. De acordo com essas autoras, Edgar Roquette-Pinto foi um educador que aplicou os meios de comunicação à educação popular. Por meio do rádio, o educador transmitia programas e cursos, como um canal de comunicação, com vistas à difusão de conhecimento e cultura.

Segawa (2009, p. 22), em seu texto “Rádio e Educação no Brasil: introdução”, afirma que, “no Brasil, muitas vezes a rádio de educação popular se dirigiu a adultos que não passaram pela escola, tratando de conteúdos escolares e não escolares.”

Moreira (2007) destaca que os discursos proferidos por Roquette-Pinto, na primeira emissora oficial brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, de 1923, abarcavam a definição que ele tinha sobre a importância do rádio enquanto meio de comunicação capaz de promover o progresso do Brasil. Conforme aponta a autora, citando Roquette-Pinto:

o rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado. (apud MOREIRA, 2007, p. 19).

Ainda segundo a autora, a programação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro era composta de músicas e diversos temas ligados a diferentes áreas do conhecimento. Distintos temas compunham as pautas dos programas educativos, proferidos por acadêmicos e professores da Escola Politécnica, que abrangiam, sobretudo, assuntos ligados à literatura, português, latim, francês, geografia, biologia, higiene, ginástica e silvicultura.

No dia 7 de setembro de 1923, Roquette-Pinto inaugura a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Com seu programa de educação em massa, a Rádio Sociedade parecia, a princípio, uma extensão da Academia de Ciências. [...] Os acadêmicos faziam tudo: produziam, escreviam e apresentavam os programas. Roquete dava o exemplo, acordava todos os dias às 5 da manhã, lia os matutinos, circulava com seu lápis de duas cores tudo que lhe parece interessante e, duas horas depois, estava diante do microfone apresentando o 'Jornal da Manhã'. Lia as notícias, com destaque para o noticiário internacional, e comentava-as para os ouvintes. (CASTRO, 2002, p. 6).

Nesse período, o rádio vai alcançar grande número de ouvintes, atingindo a massa com rapidez, além de servir como projeto de integração nacional devido à sua capacidade de expandir-se para além das distâncias continentais, levando conhecimento aos lugares mais longínquos e isolados (SEGAWA, 2009; GURGUEIRA, 1995).

No ano de 1933, Roquete-Pinto convence o amigo Anísio Teixeira, então Diretor-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, a fundarem juntos uma rádio-escola, como modelo para outras futuras experiências. Anísio, de pronto, aceitou a ideia e, com os empréstimos de equipamentos e funcionários da Rádio Sociedade, cedidos gentilmente por Roquette, é fundada no ano seguinte a primeira Rádio Escola Municipal.

Segawa (2009, p. 22) assinala que a rádio escolar “era direcionada [...] aos locais onde não havia escola e professor, sendo um recurso do qual se lançava mão ante as graves deficiências educacionais e sobre o qual não existiram avaliações que permitam julgar sua eficácia.”

Anos depois, a Rádio Sociedade é doada por Roquette ao Ministério de Educação e Saúde, que, como exigência maior de seu criador, deveria continuar a ser um canal cultural. Depois de muitas negociações, foi realizada a transferência legal para o Ministério e a rádio passou a denominar-se Rádio Ministério da Educação. Empreende-se, nessa época, uma educação com viés inclusivo de formação cultural, pedagógica e política. O objetivo de suas ações era fornecer a uma população majoritariamente analfabeta um meio de ter acesso à

educação, numa linguagem oral próxima ao cotidiano das pessoas que viviam no campo. Conforme aponta Citelli (2010, p. 73):

Importa-nos registrar o fato de vivermos em um País que consignava algo como 75% da população no campo. O analfabetismo endêmico, à maneira de um processo de igualdade pelas avessas, atingia quase 80% da população. Nesse ambiente, o rádio parecia atender plenamente a uma cultura de baixo letramento, em que a tradição oral se impunha e provocava equilibrado casamento entre a voz do enunciador e audição dos enunciatários.

Em suma, Segawa discorre que no Brasil o uso do rádio para a educação estava associado a uma imagem progressista e moderna e desde os anos 20 configuraram-se no país diversos projetos radiofônicos que visavam transmitir conteúdo educativo. A autora ainda faz um estudo aprofundado da utilização do rádio, dividindo-os por décadas, que são analisadas de forma densa e consistente. Porém, para uma breve apresentação, citaremos de forma sucinta a divisão por períodos de tempo acerca da introdução do rádio no Brasil, conforme exemplificação da própria autora:

De 1920 a 1930 – o rádio como instrumento de educação, período no qual se formulam as ideias acerca do rádio educativo no Brasil que irão influenciar todo o seu período posterior; de 1930-1945 – o rádio educativo no Estado Novo, no qual as ideias forjadas nos anos anteriores se transformam e se fortalecem como iniciativa oficial; de 1945 a 1960 – o rádio educativo no período democrático, no qual surgem iniciativas de uso do rádio ligadas à educação popular; de 1964 a 1980 – o rádio educativo no regime militar, no qual se fortalecem usos centralizadores e tecnicistas; e o rádio educativo a partir dos anos 1980, que se caracteriza pela heterogeneidade de propostas e, a partir da metade da década de 1990, por uma perspectiva protagonista-culturalista. (SEGAWA, 2009, p. 23-24).

Podemos destacar, entre 1945 a 1960, no qual o rádio educativo se constituía em meio à formação de um período democrático no país, a figura de Paulo Freire para o desenvolvimento e consolidação desse projeto educativo democrático. O educador tornou-se símbolo de tal empreitada por embasar a ideia de uma educação movida pela conscientização da população frente à opressão social e por promover uma educação comprometida com a mudança social, por meio de um método educativo de alfabetização de adultos criado por ele próprio, que se disseminou no Brasil. Nessa época, são criados programas de rádios de cunho educativo veiculados pelo Movimento de Educação de Base – MEB, com a finalidade de catequizar, desenvolver a cidadania e a visão política do homem do campo, utilizando-se das chamadas escolas radiofônicas, abarcando principalmente as regiões Norte e Nordeste do país (SEGAWA, 2009, p. 49).

Nos anos posteriores, imprime-se, no cenário político nacional, a ditadura militar, e a radiodifusão educativa passa a ser tratada com muitas reservas, principalmente a de caráter político. Durante o período de 1964 a 1980, o governo militar concentra suas iniciativas radiofônicas na difusão do ensino supletivo que criando o Projeto Minerva, que era transmitido pela Rádio Ministério da Educação e Cultura e promoveu a milhares de pessoas os estudos básicos. O projeto consistia no enfrentamento do alto índice de analfabetismo.

Na década de 1990, surgem os primeiros projetos voltados a uma produção radiofônica realizada por estudantes, hospitais, comunidades. Abre-se espaço para a importância da atividade e expressão do aluno e de atores comunitários, como um canal de comunicação com setores que historicamente eram excluídos dos meios de comunicação. “O diferencial desse tipo de intervenção é o deslocamento da proposta anterior de transmissão de conteúdos educativos elaborados por educadores e técnicos de rádio, para a produção de conteúdos pelo estudante.” (SEGAWA, 2009, p. 76).

Outros personagens da história da educação também deram suas primorosas contribuições para a aproximação entre comunicação e educação.

Segawa (2009, p. 70) conclui que o “histórico do uso do rádio na educação hoje é bastante heterogêneo. Misturam-se propostas de transmissões de conteúdos curriculares e não curriculares, de recepção e produção de educação profissional e formação de professores”. Ainda de acordo com a autora, muitas propostas assemelham-se às formulações de Roquette-Pinto e outras constituem experiências pioneiras em diversos cantos do país.

## **1.2 França, Estados Unidos e América Latina: algumas contribuições**

Na década de 20, para situarmos historicamente, Célestin Freinet, na França, é o educador que mais se destacou na construção da relação entre educação e comunicação.

Freinet era professor primário, tendo iniciado seu trabalho em escola instalada em um casebre antigo localizado em uma pequena aldeia. Tinha por hábito realizar anotações acerca dos interesses, problemas e personalidade de seus alunos.

Porém, sempre foi um questionador da rigidez normativa que imperava nas escolas (filas, relação aluno-professor, disciplina e programa de ensino). Acreditava que tais normativas e posturas faziam da escola um lugar sem vida e desinteressante para os alunos.

Na busca de romper com essa realidade educacional, Freinet começa a criar situações inovadoras a partir da utilização da imprensa escolar, do jornal, do estudo do meio, da

correspondência, do texto livre, dos cantos de atividades, entre outras. Para nós, cabe destacar o recurso da imprensa escolar e o jornal escolar, que se utilizam da comunicação como apoio à educação ativa e mais igualitária, segundo os pressupostos de Freinet.

O nome Freinet é recorrente na literatura que trata especificamente do assunto jornal escolar. Suas experiências servem como referência para estudos contemporâneos na área da educação, comunicação, pedagogia, psicologia e também nos colóquios contemporâneos de educomunicação, tal fora a importância de suas iniciativas timidamente aplicadas numa aldeia de Gars, no Sul da França. (SANTOS, 2011, p. 1).

No artigo “O jornal escolar e a livre expressão na visão de Célestin Freinet”, Santos afirma que o livro de Freinet publicado em 1967, *O jornal escolar*, não se apresenta como mero e simples manual, e sim como um relato de experiências e um importante registro histórico. Ainda enfatiza a autora, “com o uso das ferramentas disponíveis na época, o jornal escolar de Freinet se caracteriza por dois fatores principais: o conteúdo – o texto livre; e sua técnica de impressão – a imprensa escolar.” (SANTOS, 2011, p. 9).

Para Freinet, o jornal escolar deve ser produzido inteiramente pelas crianças, desde a confecção dos textos até o processo de montagem das páginas e a impressão. Na época em que concebeu seu método, Freinet dotou todas as escolas de equipamentos gráficos necessários para a execução desta tarefa. Vale ressaltar que, no início do século passado, o jornal impresso era feito com tipos móveis (as letras que formavam as frases) e impresso em máquinas de manuseio complexo, para se dizer o mínimo. Os alunos das classes Freinet, porém, tinham acesso a todos estes equipamentos como parte do projeto de educação do trabalho proposto pelo pedagogo. (SOBREIRO, s.d., p. 8).

Expostas às contribuições de Freinet, vamos nos reportar ao caso dos Estados Unidos, impulsionados com o advento dos meios de comunicação, sobretudo da televisão.

Em 1984, a inter-relação entre educação e comunicação em âmbito mundial organiza-se como um campo de estudo por meio da UNESCO com a publicação em Paris de *A educação em matéria de comunicação*. Já na segunda metade no século XX, de forma quase simultânea e sem conexão entre si, desenvolvem-se novos estudos acerca dessa inter-relação, principalmente nos Estados Unidos com a *Media Literacy*, no Reino Unido com a *Media Education* e na Finlândia com a *Educação Liberal Popular Audiovisual* (APARICI, 2010).

Nos Estados Unidos, os estudos veiculados pela *Media Literacy* propunham a alfabetização audiovisual, com o objetivo de promover uma visão crítica acerca dos meios de comunicação de massa. Identificam-se três fases principais na difusão e desenvolvimento dessa área.

Nos anos 70, caracteriza-se a fase defensiva, que responsabilizava os meios de comunicação, principalmente a televisão, pela violência entre os mais jovens. A fase seguinte, denominada desautorização, que se dá nos anos 80, tolerava os meios de comunicação de massa e concentrava sua preocupação nos efeitos das drogas e da delinquência juvenil, buscando utilizar vídeos como instrumento pedagógico. Nos anos 90, temos a fase de recuperação, que traz um caráter construtivista e multiculturalista. Buscava desenvolver diversas habilidades expressivas pela comunicação, com vista a uma leitura crítica dos meios de comunicação. O foco era voltado para a análise e produção das mensagens (SOARES, 2000; APARICI, 2010).

Na América Latina, desenvolvem-se propostas e estudos sobre a comunicação e cultura popular baseadas nos princípios pedagógicos de Paulo Freire. Além de Freire, temos estudos pioneiros como os de Daniel Prieto Castilho, Mario Kaplun e Francisco Gutiérrez (APARICI, 2010).

De acordo com os estudos concernentes ao histórico da referida inter-relação, Freire (1977) é citado como um dos precursores nesse tema com sua obra clássica *Extensão ou Comunicação?* Ensaio escrito para o Instituto de Capacitación e Investigación em Reforma Agrária do Chile, discutia conceitualmente a noção de comunicação e “tinha duplo objetivo de formular uma crítica às atividades de extensão dos agrônomos e servir de texto-base num grupo interdisciplinar composto por especialistas ligados ao programa de Reforma Agrária.” (LIMA, 2011, p. 81).

Desta análise se depreende, claramente, que o conceito de extensão não corresponde a um que-fazer educativo libertador. [...]  
No processo de extensão, observado do ponto de vista gnosiológico, o máximo que se pode fazer é *mostrar*, sem *revelar* ou *desvelar*, aos indivíduos, uma presença nova: a presença dos conteúdos estendidos.  
A capacitação destes, como mera presença, por si mesma, não possibilita, àqueles que o captam, que deles tenham um verdadeiro conhecimento. (FREIRE, 1977, p. 23 e 28).

A obra, portanto, caracteriza-se como uma crítica radical à noção de extensão, que no entendimento de Freire, com base na associação semântica da palavra, significa a transmissão, entrega, doação, invasão cultural, transferência, manipulação, e não uma comunicação entre os sujeitos.

Ao delimitar conceitualmente a comunicação, Freire (1977, p. 66-67) afirma que:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”.

[...] Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação.

[...] Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante.

Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo.

O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.

Nesse livro, o educador enfatiza que os processos comunicativos podem ser incluídos no ideal do agir pedagógico libertador e, nesse contexto, entende a comunicação como um componente do processo educativo transformador.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2002) aponta suas críticas quanto ao tipo de educação realizada nas escolas. Afirma que a tônica da educação é muitas vezes constituída de relações narradoras. Disserta-se sobre a realidade de uma forma estática, compartimentada e distante da experiência de vida dos educandos. “Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.” (FREIRE, 2002, p. 58).

De acordo com o autor, uma educação realmente comprometida com a libertação dos homens não pode compreendê-los como seres vazios que necessitam ser preenchidos de conteúdos, mas basear-se numa educação problematizadora que responde a essência do ser e os entende como corpos conscientes. E essa educação é somente construída pela comunicação entre os seres no diálogo estabelecido entre educandos e educadores, no qual ambos educam e são também educados. “A tendência, então, do educador-educando como dos educando-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar este pensar da ação.” (FREIRE, 2002, p.72).

A existência humana, na visão freiriana, é uma forma de pronunciar o mundo e modificá-lo. Essa pronuncia se dá por meio da palavra e da ação-reflexão dos pronunciamentos proferidos por meio de diálogos entre os homens. “Por isto o diálogo é uma exigência existencial.” (2002, p. 79).

Lima (2011, p. 19), ao analisar os conceitos de comunicação nas obras de Paulo Freire, argumenta que diversos pesquisadores e estudiosos brasileiros, como Chista Berger, Armand Mattelart e Jesus Martín-Barbero, “reconhecem a contribuição de Freire na construção de suas perspectivas teóricas” acerca do campo da comunicação.

Denise Cogo (1999, p. 33) afirma que a obra de Paulo Freire permitiu a consolidação das bases para a compreensão das inter-relações entre as áreas de comunicação, educação e

cultura, “cujos desdobramentos refletem-se, mais tarde, no desenvolvimento de uma vertente denominada de estudos culturais e comunicação.”

[...] a obra de Paulo Freire torna-se referência obrigatória tanto em projetos e experiências que envolvem o uso de meios de comunicação impressa (jornais, boletins, panfletos, folhetos, murais), radiofônicos (emissoras de alto-falantes) e audiovisuais (slides, vídeo), quanto na compreensão de outras práticas e manifestações comunicativas que não são mediadas por veículos de comunicação, mas que envolvem dinâmicas interpessoais, intergrupais e comunitárias (reuniões, encontros, liturgias, assembleias, etc.). (COGO, 1999, p. 30-31).

Ao descrever as contribuições de Freire nos dias de hoje, Lima (2011, p. 21-25) o vê como representante da tradição da teoria da comunicação enquanto perspectiva dialógica, personagem da história que teorizou a comunicação interativa, muito antes da chamada revolução digital, ou seja, da era da internet e das redes sociais. As ideias dele incorporam uma base teórica para a consolidação da comunicação como direito humano fundamental.

Outra figura que se destaca é a de Mario Kaplún, que, inspirado pelas teorias de Freire, cunha o termo educomunicação pela primeira vez. A expressão foi empregada com o intuito de traduzir uma concepção de educação para uma formação crítica em face da mídia, principalmente aquela veiculada pela televisão, e abrangia a área denominada educação para a comunicação (CITELI, 2000; SOARES, 2011).

Os livros do pesquisador, como *De la educación a la comunicación*, denotam as inquietações e preocupações do autor em torno da educação para a comunicação, e sua convicção na construção de uma comunicação baseada no diálogo (URIBE, 1999; COELHO, 2009).

Para Kaplún, a comunicação atua diretamente no desenvolvimento dos movimentos populares, estimulando a integração e sintonia entre os grupais, incentivando a participação de todos os integrantes, fazendo com que estes tenham contato com as ideias das lideranças e a partir dessas ideias formulem seus pensamentos e opiniões. (COELHO, 2009, p. 5).

Kaplún apresenta-se como um autor crítico em relação ao modelo de educação conteudista e em sua concepção considerava os meios de comunicação como agentes educativos. A comunicação, portanto, na sua visão compreendia o engajamento participativo, a organização social, a difusão e a troca de conhecimentos (COELHO, 2009).

O rádio também foi um dos veículos comunicacionais utilizados por ele. Kaplún desenvolveu sua prática pedagógica comunicativa por meio do método cassete-fórum,

“sistema de comunicação para a promoção comunitária e a educação de adultos, colocado a serviço de organizações populares – rurais e urbanas –, centrais cooperativas, centros de educação popular, programas de educação à distância, etc.” (KAPLÚN, 1998, p. 9). Proposto junto a grupos populares como uma atividade de leitura crítica dos meios de comunicação de massa, visava à autogestão e organização comunitária dos participantes.

Segundo Messias (2011), apesar de Mario Kaplún ser denominado por muitos pesquisadores, inclusive o próprio Soares, como o primeiro a utilizar a educomunicação, “em suas publicações não emprega a Educomunicação enquanto objeto, assim como não tem suas práticas definidas – por estudiosos da época ou posteriores à sua vivência – como educacionais.” (MESSIAS, 2011, p. 78). Para corroborar essa afirmação, o autor vai a fundo no conceito estabelecido por Kaplún a partir de suas obras, sendo uma delas *La pedagogia de la comunicación*, descrita pelo autor a obra mais citada como arcabouço teórico de pesquisadores em todo o Brasil. Segundo ele, o autor não faz nenhuma referência à educomunicação, e esclarece: “o que há é uma variação para adjetivo e substantivo masculino de educador.” (MESSIAS, 2011, p. 79).

Analisando outra obra de Kaplún, *El comunicador popular*, reitera: “em nenhuma das 262 páginas Kaplún [...] apossa-se etimologicamente da Educomunicação.” (MESSIAS, 2011, p. 81). O autor, portanto, define Kaplún como um teórico e não praticante da educomunicação.

É, portanto, da relação entre comunicação e educação que surge o conceito de educomunicação.

### **1.3 Consolidação de um novo campo: a educomunicação**

Para compreendermos como se deu o processo de consolidação do campo da educomunicação, recorreremos à dissertação de mestrado intitulada *Duas décadas de Educomunicação: da crítica ao espetáculo*, na qual Messias (2011) aponta que o conceito de educomunicação tem seu berço de nascimento na Argentina por volta dos anos 80 e passa a ser constituído como campo de saber científico na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) em 1999.

O autor argumenta que é na ECA/USP “[...]que são fincadas as raízes de um pensamento que, partindo dos princípios levantados por Freire, seria desdobrado a partir dos

anos 1980 e culminaria nos estudos empíricos de constituição do campo científico da Educomunicação.” (MESSIAS, 2011, p. 90).

A partir das discussões acerca da relação entre os campos da educação e comunicação, surge o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), fundado por Soares no ano de 1991. Firmado o Núcleo e a emergência de discussões acerca da inter-relação educação e comunicação, cria-se a primeira revista, *Comunicação e Educação*, em 1994, na qual são veiculadas matérias com abordagem teóricas e científicas acerca da leitura crítica da comunicação (SHAUN, 2002; CABALLERO CÓRDOBA, 2002; MESSIAS, 2011). “É do espaço de reflexões, tensões e proposta do NCE que surge a pesquisa capitaneada por Soares, denominada A Inter-relação Comunicação e Educação no âmbito da cultura latino-americana: o perfil dos pesquisadores e especialista na área” (MESSIAS, 2011, p. 99).

A educomunicação ganha, portanto, legitimidade após a publicação de uma pesquisa realizada pela ECA/USP, na qual vários pesquisadores, “provenientes de 4 das 5 regiões políticos-administrativas do Brasil, definiram suas práticas da inter-relação comunicação/educação como sendo educacionais”. (MESSIAS, 2011, p. 26). Segundo assinalado por Shaun (2002), a pesquisa estabeleceu como hipótese central a existência de um novo campo de intervenção social, constituído de práticas específicas e peculiares.

Para comprovar as hipóteses levantadas a respeito da presumível emergência do campo da inter-relação Comunicação/Educação, a equipe do NCE realizou aproximação ao tema através [...] da aplicação de questionários junto a uma amostragem significativa (400 questionários respondidos por 178 especialistas de 12 países do continente); a promoção de entrevista junto a 25 especialistas latino-americanos de reconhecido renome, além da promoção de *workshops*, seminários e de congressos, para coleta de dados posteriormente incorporados ao trabalho. (SHAUN, 2002, p. 91).

Com base nos resultados dessa pesquisa, o NCE/USP “ressemantizou” o termo educomunicação para designar o conjunto das ações que produzem o efeito de “articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação” (SOARES, 2011, p. 11).

Para construir o diálogo entre os dois campos, partimos de dois axiomas: o primeiro afirma que a educação só é possível enquanto [sic] “ação comunicativa”, uma vez que a comunicação configura-se, por si mesma, como um fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano. No caso, o tipo de comunicação adotado passa a emprestar identidade ao processo educativo, qualificando-o (por exemplo, a expressão “educação bancária”, utilizada por Paulo Freire, aponta para a adoção de uma maneira vertical de disseminar/transferir conteúdos; já a denominada “educação dialógica” representa o esforço para se obter uma construção solidária e compartilhada de conhecimentos). O segundo axioma afirma que

toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos – é, em si, uma “ação educativa”. No caso, diferentes modelos de comunicação determinariam resultados educativos distintos. Como consequência, defendemos a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especificidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação. A essa precondição e a esse esforço multidisciplinar denominamos educomunicação. (SOARES, 2011, p. 17).

Em outras palavras, a educomunicação consiste em um conjunto de ações que visa criar ecossistemas comunicativos, proporcionado pelas tecnologias da comunicação, e que, conseqüentemente, tem como pano de fundo a prática cidadã.

Ainda dentro dessa perspectiva de ecossistemas, Soares (2011) criou divisões caracterizadas como “áreas de intervenção”, que seriam as ações a partir das quais o sujeito passa a refletir sobre a educomunicação, conforme descritas a seguir:

1. Educação para a Comunicação: voltada para o estudo do lugar dos meios de comunicação na sociedade e seu impacto.
2. Mediação Tecnológica na Educação: ocupa-se dos usos das tecnologias de informação e comunicação.
3. Expressão Comunicativa por Meio das Artes: constituída pelas ações relacionadas à expressão artística na comunidade educativa, como meio de comunicação acessível a todos.
4. Pedagogia da Comunicação: referenda-se na educação formal, pensando-a como um todo.
5. Gestão da Comunicação: voltada para o planejamento, implementação e avaliação de ecossistemas comunicacionais.
6. Reflexão Epistemológica: acadêmica e metodologicamente conduzida, dedica-se às pesquisas, à reflexão, à sistematização de experiências e ao estudo do próprio fenômeno constituído pela inter-relação educação e comunicação.

Após a apresentação das áreas, cabe salientar que a tecnologia é um mecanismo usado para a consolidação da educomunicação, não como ferramenta ou instrumentalização, mas como um tipo de mediação capaz de favorecer a ampliação de diálogos sociais e educativos.

Conforme aponta Messias (2011, p. 128), Soares nos adverte acerca do conceito de educomunicação, afirmando que essa “não pode ser puramente reduzida a um capítulo da didática, no que a levaria a ser confundida com a mera aplicação das tecnologias da informação e da comunicação no ensino.”

Moreira, em sua pesquisa, enfoca que a educomunicação enquanto conceito “designa todos os esforços realizados pela sociedade no sentido de aproximar os campos da Cultura, Comunicação e Educação.” Conforme aponta a autora:

Trata-se de um campo que nasce na sociedade civil, consolida-se ao longo dos anos 70 a 80, especialmente na prática das organizações não governamentais que passaram a usar os processos e os meios de comunicação (leia-se jornais e rádios comunitárias) para consolidar seus projetos no campo da cidadania. (MOREIRA, 2007, p. 25).

Segunda a autora, tanto a educação quanto a comunicação são áreas recentes na história e suas concepções são desenvolvidas, respectivamente, no século XVIII e no século XIX. A educação é responsável pela tarefa de instruir e formar o homem, e a comunicação, de gerar informação, promover o lazer e a divulgação de produções de cunho comercial ou cultural (MOREIRA, 2007, p. 26).

## CAPÍTULO II - A EDUCOMUNICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Conforme levantamento realizado acerca de pesquisas que tiveram como objetivo analisar programas com práticas educacionais, definimos como contribuições importantes para pensarmos nosso objeto de pesquisa as que trataram da experiência da educomunicação e do Educom.rádio no município de São Paulo. Aqui, portanto, inserem-se os estudos de Alves (2007); Cordeiro (2009); Funari (2007); Tavares Junior (2007); Messias (2011) e Moreira (2007).

Messias (2011) menciona que, depois de dois anos já constituído o NCE, foi estabelecida a primeira parceria com o governo do estado de São Paulo, na qual cerca de 900 professores designados pelas diretorias de ensino regionais puderam participar de cursos acerca das novas tecnologias da comunicação voltadas ao ensino. O curso aplicado no ano de 1998 apresentava-se como uma formação continuada para professores da rede estadual. Tal experiência se estende para a Secretaria de Educação Municipal de São Paulo e culmina no programa Educom.rádio: Educomunicação pelas ondas do rádio.

Cordeiro (2009) reitera que o programa tem sua criação originária em um projeto da professora Fátima Mohamed Younis, da rede pública de educação municipal paulistana. A professora trabalhava como assistente técnico educacional no antigo Núcleo de Ação Educativa 8<sup>1</sup>, e era aluna do curso de Especialização *Lato Sensu* Gestão da Comunicação, da Escola de Comunicação/USP.

Em 2001, o projeto foi proposto para ser elaborado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Benedito de Jesus Batista Laurindo, pertencente à região do NAE 8, e também como trabalho de conclusão do curso de especialização da ECA/USP. Intitulado “Gestão da Comunicação, via rádio em escola numa situação de conflito”, continha no seu corpo nove

---

<sup>1</sup> Os antigos NAEs – Núcleos de Ação Educativas, atualmente, são denominados como Diretorias Regionais de Educação-DRE.

objetivos a serem atingidos e utilizava-se basicamente da linguagem radiofônica para comunicação intraescolar como alternativa de combate à violência nas escolas (CORDEIRO, 2009, p. 46).

Com o apoio do NCE, o projeto de Younis passa a ser paralelamente apresentado ao Projeto Vida, porém, tal iniciativa é deliberadamente negada pela equipe técnica, alegando-se a inviabilidade da administração pública em financiar um trabalho de caráter acadêmico que beneficia apenas um funcionário e uma unidade escolar (CORDEIRO, 2009, p. 49). Conforme descreve documento oficial da Secretaria de Educação Municipal:

Em reunião com a interessada e Sr. Coordenador do NAE, Prof. Matias Vieira, ponderamos que era inviável a administração pública financiar um trabalho acadêmico beneficiando um funcionário que tenha uma unidade escolar como objeto (EMEF Pe Batista). Houve o compromisso por parte do Projeto Vida de buscar formas de viabilizar ações na escola em questão bem como estudar com o Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares e o NCE-ECA/USP trabalhar a linguagem do rádio não apenas para uma, mas para as demais EMEFs, uma posição defendida pelo Gabinete do Secretário de Educação. A problemática apresentada pela EMEF Pe Batista estava dentro dos objetivos do Projeto Vida. (SÃO PAULO/SME, 2002, p. 1).

Com a negativa da proposta por parte do governo municipal, o projeto de Younis é redigido pela NCE, na tentativa de ser incorporado ao Projeto Vida. Conforme aponta Cordeiro (2009, p. 50):

Já sob autoria do NCE, foi redigido o projeto Novas ondas – gestão de comunicação, via rádio, em escola numa situação de conflito, com a supervisão geral de Ismar de Oliveira Soares [...]. Os objetivos do projeto Novas ondas e os da professora Yonius são os mesmos, todavia, esta já não aparece como autora. O problema do financiamento havia sido solucionado: o NCE, agora, assinava o projeto. Mas, ainda era uma proposta para uma única escola.

No entanto, houve uma nova reformulação da proposta, com o intuito de abranger todas as escolas municipais de ensino fundamental de São Paulo. No período entre março a junho de 2001, NCE e Projeto Vida promoveram diversas reuniões institucionais para elaboração de uma nova proposta, que poderia contar com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. (FNDE/MEC). Em 31 de julho de 2001, Soares apresenta o documento *Programa Educom – Educomunicação pelas ondas do rádio: construindo a paz pela comunicação* à Secretaria Municipal de São Paulo que começa a ser implementado nas escolas por meio de ações do Projeto Vida (CORDEIRO, 2009).

As pesquisas remetem-nos ao histórico inicial do referido programa, desde os seus primórdios enquanto uma ação de prevenção à violência escolar nas escolas inseridas dentro do Projeto Vida (ALVES, 2007; CORDEIRO, 2009; FUNARI, 2007; TAVARES JUNIOR, 2007; MESSIAS, 2011). O Projeto Vida era vinculado ao Gabinete do Secretário Municipal de Educação de São Paulo e tinha como foco o desenvolvimento de ações que auxiliassem professores, funcionários, pais e alunos a posicionar a questão da violência dentro da esfera escolar e enquanto compreensão da realidade social e econômica do país. Destacava-se como objetivos: entender as causas da violência; precisar os limites da atuação profissional; exercer formas não violentas para resolução de conflitos; reconhecer sinais de violência contra os alunos e a tomada de devidas providências como base no Estatuto da Criança e do Adolescente; além de promover estruturas democráticas e princípios éticos (ALVES, 2007; CORDEIRO, 2009; FUNARI, 2007; BORGES, 2009).

Os projetos especiais elaborados pelo Projeto Vida eram: o projeto Escola Aberta e o Programa Educom.rádio, além de iniciativas ligadas às questões de gênero e étnico-raciais. O projeto Escola Aberta, como o próprio nome sugere, consistia na abertura e utilização das escolas durante os finais de semana, feriados e período de recesso e férias escolares, para o desenvolvimento de atividades de cunho cultural, artístico, esportivo e de lazer (ALVES, 2007; CORDEIRO, 2009; FUNARI, 2007; BORGES, 2009). De acordo com Cordeiro (2009, p. 13):

O programa Educom.rádio começou a ser implantado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo em 2001, durante o governo da Marta Suplicy à frente do Executivo Municipal em São Paulo. Foi elaborado para ser uma das ações desenvolvidas pelo Projeto Vida com a justificativa anunciada de conferir cumprimento à lei nº 13.096 (Programa de Prevenção da Violência nas Escolas), de 8 de dezembro de 2000.

Segundo Borges (2009), Alves (2007) e Cordeiro (2009), firmou-se um contrato entre a Secretaria Municipal de Educação e o Núcleo de Comunicação da USP, no qual se previa a execução do Programa Educom – Educomunicação pelas ondas do rádio: construindo a paz pela comunicação. O Programa tinha como principal objetivo a formação de educadores e estudantes do ensino fundamental da rede pública, para o planejamento e o desenvolvimento de diferentes modos de comunicação no interior da sala de aula e também no conjunto das atividades educativas, preferindo-se o uso da linguagem radiofônica.

Já Funari (2007, p. 197) descreve que a prática educacional proposta pelo projeto “[...] tinha como princípio a mediação sob bases dialógicas, democráticas e solidárias, no

sentido de horizontalizar as relações comunicacionais e proporcionar a criação de ecossistemas comunicativos abertos”.

Como resultados, a intenção era a de que as pessoas que participassem da formação proposta pelo programa fossem capazes de “identificar caminhos metodológicos para o uso da educomunicação de acordo com o que inspirava a nova LDB” e ficassem habilitadas a trabalhar com a linguagem e a tecnologia radiofônica. (CORDEIRO, 2009, p. 14).

A metodologia concentrava-se num conjunto de atividades de capacitação, assistência pedagógica e técnica. Previa-se a capacitação em turmas, em escala crescente. O curso, portanto, dividia-se em sete fases, e cada uma era concluída em um semestre, totalizando uma carga horária de 100 horas de atividade para cada turma. Em relação ao número de participantes, as vagas obedeciam aos critérios do NCE, sendo destinadas a 10 professores, 10 alunos e 5 membros da comunidade (CORDEIRO, 2009, p. 14; BORGES, 2009, p. 96).

O contrato estipulou que o programa seria dividido em três módulos, subdivididos em seis tipos de atividades. O primeiro módulo foi denominado Pensando o ecossistema educacional, compreendendo as atividades Workshops sobre educomunicação e Oficinas pedagógicas de rádio. O segundo, Educomunicação em ação, continha as atividades Encontros temáticos sobre a comunicação na construção da paz; Planejamento e avaliando a educomunicação; Práticas laboratoriais em multimídia; e O educador em avaliação. O terceiro módulo teve o mesmo nome da sexta atividade proposta, ou seja, O educador em avaliação. (CORDEIRO, 2009, p. 14).

Cordeiro (2009) e Alves (2007) afirmaram que, em relação à certificação acadêmica, o programa fornecia três certificados de extensão universitária, em três cursos de 32 horas disponibilizados pela Universidade de São Paulo. O curso foi realizado entre 2001 a 2004, obedecendo à seguinte programação periódica:

- a) segundo semestre de 2001: dá-se início à primeira fase do programa implementado pelo NCE em 26 escolas públicas, compondo um total de duas escolas de cada região pertencentes aos Núcleos de Ação Educativas. Essa fase dedicou-se a promover atividades de discussões acerca da educomunicação e oficinas de produção de rádio. A partir daí, as escolas foram distribuídas em cinco polos (com quatro a sete escolas), que continham 12 encontros presenciais, divididos em três módulos, compondo uma carga de oito horas de duração;

- b) primeiro semestre de 2002: compreende a segunda fase, atendendo um maior número de escolas, no caso 40 delas, e perfazendo 13 polos por Núcleo de Ação Educativas;
- c) segundo semestre de 2002: terceira fase, no qual foram atendidas 52 escolas divididas em polos, como ocorreu no primeiro semestre;
- d) primeiro semestre de 2003: a quarta fase abrangeu um número de 65 escolas e 1.300 cursistas participantes. Nessa fase, foram inseridos articuladores, assistentes e mediadores enviados pelo NCE, que ficavam responsáveis pela formação das equipes nas unidades escolares. A base da formação era dada de acordo com um Caderno de Orientação de Atividades, por meio do qual eram debatidos temas sobre a implementação do programa;
- e) segundo semestre de 2003: quinta fase, com 78 escolas participantes, organizadas nos 13 polos, cada um composto por seis escolas;
- f) primeiro semestre de 2004: ocorre a sexta fase, totalizando a formação de 131 escolas divididas em 17 polos;
- g) segundo semestre 2004: finalmente chega a última fase do programa, com 68 escolas atendidas em 10 polos.

Os autores ressaltam que os equipamentos para montagem das estações de rádios escolares chegavam somente após a realização das formações. Uma equipe do NCE, enviada às escolas, era a responsável pela formação técnica dos participantes do programa (CORDEIRO, 2009, p. 17; ALVES 2007).

Essa formação consistia na visita de uma pessoa ligada ao NCE às escolas que tinham recebido o equipamento para apresentar seus componentes e formas de utilização; ligá-lo e demonstrar o funcionamento. Outro pessoal era responsável pela instalação dos equipamentos (antena de transmissão; caixas receptoras do sinal e demais componentes) onde melhor conviria a cada escola. (CORDEIRO, 2009, p. 17).

De acordo com o relatório de gestão 2001-2004 do Projeto Vida e especificamente ao cumprimento do Programa Educom.rádio, a meta em relação a formas de beneficiamento considerava “[...]a formação, aquisição e implantação de um sistemas de rádio de transmissão restrita em 455 escolas municipais de ensino fundamental” (SÃO PAULO, 2004, p. 4 apud CORDEIRO, 2009, p. 18). Porém, com a mudança de prefeito na cidade de São Paulo, a aquisição do sistema de rádio foi interrompida, perfazendo-se apenas 246 escolas que

realmente haviam recebido o equipamento para montagem da rádio, conforme previsto no contrato do programa.

Cordeiro (2009) argumenta que 453 escolas participaram da implantação do programa e em 2004 o Educom.rádio passa a ser de responsabilidade da Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação – DOT/SMESP.

O programa permaneceu mesmo com a mudança de responsáveis pelos principais cargos no nível hierárquico superior de administração pública no setor educacional municipal paulistano. Essa mudança adveio do fim do governo de Marta Suplicy (PT), em 2004, e início do governo de José Serra (PSDB)/Gilberto Kassab (PFL), em 2005. (2009, p. 21).

Por conta da mudança de prefeitos e da lei eleitoral, o Programa Educom.rádio ficou suspenso a partir de dezembro de 2004, sendo efetivamente encerrado em 2006. Entretanto, ainda em 2004, o projeto de Lei nº 556/02, de autoria do vereador Carlos Neder (PT), foi aprovado na Câmara Municipal de São Paulo, já como Lei nº 13.941. Passa-se, então, a ser instituído o Programa Educom no Município de São Paulo pela prefeita Marta Suplicy.

Tamanha exposição pública do Projeto Educom, cujos resultados eram estampados em páginas de jornais e reportagens de emissoras de rádio e TV das capitais envolvidas na ação, levaram a Educomunicação ao patamar de discussão das políticas públicas. A ponto de em 28 de dezembro de 2004 a Câmara Municipal de São Paulo aprovar o projeto de autoria do vereador Carlos Neder. Tratava-se da Lei Municipal Nº 13.941, regulamentada em 16 de agosto de 2005 pelo Decreto Nº 46.211. (MESSIAS, 2011, p. 144).

Em 2005, o então prefeito eleito José Serra (PSDB) assina o Decreto nº 46.211, publicado em 15 de agosto, que regulamenta o Programa Educom, sendo a partir daquele momento retomado novamente.

Durante essa transição de suspensão e de mudança de governos, Cordeiro (2009, p.22) enfatiza que:

[...] o programa mudou de denominação e se chamou, até outubro de 2008, Nas ondas do rádio; a partir de novembro de 2008, é nomeado, no sítio da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, como Programa Educomunicação; suspendeu-se a compra de equipamentos de rádio prevista no planejamento inicial: das 453 escolas que contaram com a formação para montar uma rádio, 246 constam como escolas que os receberam; transmutaram-se objetivos e procedimentos metodológicos, pois a violência não aparece mais como problema a ser enfrentado pelo programa e suas práticas assumem o objetivo de ser “uso pedagógico das linguagens midiáticas no processo de ensino”. (SÃO PAULO, 2008 apud CORDEIRO, 2009, p. 22).

No ano de 2009, na então gestão do prefeito Gilberto Kassab, é promulgada a portaria 5.792, que definia as normas complementares e os procedimentos para a implementação do Programa Nas Ondas do Rádio nas escolas da rede municipal. A seguir, é mostrado um esquema ilustrativo, com base na evolução legislativa da experiência do Educom.rádio para a formulação de políticas públicas na cidade de São Paulo:

Esquema 1 – Educom.Rádio: base legislativa e normativa



**LEI MUNICIPAL Nº 13.941/2004**

Institui o Programa EDUCOM – Educomunicação pelas ondas do rádio, no Município de São Paulo, e dá outras providências

Art. 2º Os objetivos do Programa são:

- I - desenvolver e articular práticas de educomunicação, incluindo a radiodifusão restrita, a radiodifusão comunitária, bem como toda forma de veiculação midiática, de acordo com a legislação vigente, no âmbito da administração municipal;
- II - incentivar atividades de rádio e televisão comunitária em equipamentos públicos, nos termos da legislação vigente;
- III - capacitar, em atividades de educomunicação, os dirigentes e coordenadores de escolas e equipamentos de cultura do Município, inclusive no âmbito das Subprefeituras e demais Secretarias e órgãos envolvidos, assim como professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar;
- IV - incentivar atividades de educomunicação relacionadas à introdução dos recursos da comunicação e da informação nos espaços públicos e privados voltados à educação e à cultura;
- V - capacitar os servidores públicos municipais em atividades de educomunicação;
- VI - incorporar, na prática pedagógica, a relação da comunicação com os eixos temáticos previstos nos parâmetros curriculares;
- VII - apoiar a prática da educomunicação nas ações intersecretoriais, em especial nas áreas de educação, cultura, saúde, esporte e meio ambiente, no âmbito das diversas Secretarias e órgãos municipais, bem como das Subprefeituras;
- VIII - desenvolver ações de cidadania no campo da educomunicação dirigidas a crianças e adolescentes;
- IX - aumentar o vínculo estabelecido entre os equipamentos públicos e a comunidade, nas ações de prevenção de violência e de promoção da paz, através do uso de recursos tecnológicos que facilitem a expressão e a comunicação

Art. 4º. Compete às Secretarias Municipais de Educação, Cultura, Saúde, Esportes, Lazer e Recreação e do Verde e Meio Ambiente, bem como aos demais órgãos municipais e às Subprefeituras:

- I – incluir as práticas educacionais em seus planejamentos anuais;
- II – designar funcionários devidamente capacitados para implementá-las e coordená-las;
- III – destinar recursos financeiros para as despesas decorrentes.

Art. 5º. No caso específico da Secretaria Municipal de Educação, o Programa EDUCOM – Educomunicação pelas ondas do rádio será desenvolvido principalmente nas unidades educacionais, articulado ao seu projeto pedagógico, na perspectiva de se instalar uma rede de comunicação que estimule a utilização de diferentes linguagens, em especial a radiofônica, na formação da competência comunicativa e da construção da leitura e da escrita.

**PORTARIA Nº 5792/2009**

Define normas complementares e procedimentos para a implementação do “Programa nas Ondas do Rádio”, nas Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEIs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEFs, Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – CIEJAs, Escolas Municipais de Educação Especial – EMEEs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio – EMEFMs, e dá outras providências

Fonte: Secretaria Municipal de São Paulo.

Finalmente, as pesquisas evidenciam o sucesso do Programa Educom.rádio em vários aspectos: em nível de continuidade e fortalecimento de uma política pública; de compromisso com um processo de planejamento emancipatório e de acordo com os projetos pedagógicos das escolas participantes; de integração e diálogo entre os vários membros, discentes, docentes, agentes operacionais das unidades educacionais, além de importante aliado no desenvolvimento da leitura e escrita na escola (ALVES, 2007; FUNARI, 2007; TAVARES JUNIOR, 2007; MOREIRA, 2007; BORGES, 2009; CORDEIRO, 2009; MESSIAS, 2011).

## **2.1 Programa Nas Ondas do Rádio – NOR**

O Programa Nas Ondas do Rádio, desenvolvido nas escolas municipais de São Paulo, é uma proposta pedagógica que utiliza as linguagens midiáticas e tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem. Baseia-se nos conceitos da educomunicação, ou seja, de educar pela comunicação e atende alunos dos ensinos infantil, fundamental e médio, desenvolvendo nas escolas projetos de Rádio Escolar, Jornal Mural e Comunitário, Agência de Notícias e Audiovisual, entre outros que adotam suportes midiáticos.

O Programa tem como objetivos: a) promover o protagonismo infantojuvenil através da comunicação e das tecnologias; b) auxiliar no aperfeiçoamento das competências leitora, escritora e oral dos alunos; c) promover a cultura de paz no espaço escolar; d) possibilitar a crianças e adolescentes espaços para expressão comunicativa e criativa.

Os projetos educacionais utilizam-se das tecnologias da informação e comunicação, principalmente por intermédio do computador, da internet e de *softwares* livres para possibilitar as produções desenvolvidas pelos alunos e divulgá-las na *web*.

A prefeitura, buscando viabilizar na prática o programa, contrata em 2009 os primeiros oito formadores que iniciaram o processo de formação do Programa. Conforme aponta o Coordenador Carlos Lima<sup>2</sup> :

Isso é um dos itens lá da portaria do programa Ondas do Rádio. É favorecer a formação continuada dos professores. A Secretaria Municipal de Educação entendeu que o melhor caminho na época era a contratação de especialistas em educação e, aí, a gente contratou esses especialistas através de edital de credenciamento público. Esse é um instrumento que a Secretaria adotou para contratar profissionais para atender as necessidades de formação. Esses profissionais que vieram para o programa, muitos deles eram oriundos do projeto Educom.rádio. Então, eu já tinha a experiência de ter trabalhado na rede na época de implementação do Educom.rádio, mas também vieram outros profissionais que não participaram do projeto Educom.rádio, mas que tinham lá na sua praxis a educação. Quando a gente faz a contratação, a gente olha a documentação e verifica as experiências. E as experiências mostravam que essas pessoas estavam adequadas à proposta de implementação de propostas de projetos de educação na rede (informação verbal).

Esses profissionais realizam os cursos de formação, além de visitas técnicas para acompanhamento dos projetos desenvolvidos nas escolas e reuniões de caráter presencial ou virtuais.

No ano de 2011, é desenvolvido um portal específico<sup>3</sup>, dentro do sítio da Secretaria Municipal de Educação para abrigar relatórios, conteúdos dos cursos oferecidos, fórum de discussões entre os cursistas e os formadores do programa.

O Programa segue o seguinte organograma dentro da Secretaria Municipal de Educação:

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida a Kelly Victor em 10 de maio de 2013.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/ondas/Default.aspx>>. Acesso em: 20 abr. 2012

Organograma 1 – Programa Nas Ondas do Rádio



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

As formações ocorrem tanto em nível presencial quanto a distância em ambientes *on-line*<sup>4</sup>. E os ambientes são formados seguindo a ordem das 13 Diretorias Regionais de Educação, além de serem definidos como um ambiente de formação continuada em educomunicação, gestão de projetos e tecnologia da informação e da comunicação de acordo com quadro abaixo:

Quadro 1 – Denominação dos ambientes *on-line* por região (Continua)

<b>Ambiente <i>On-line</i></b>	<b>Diretorias Regionais de Educação</b>
<b>Sala Florestan Fernandes</b>	Butantã
<b>Sala Landell de Moura</b>	Campo Limpo
<b>Sala Piaget</b>	Capela do Socorro
<b>Sala Marconi</b>	Guaianases
<b>Sala Darcy Ribeiro</b>	Freguesia
<b>Sala Henfil</b>	Ipiranga
<b>Sala Diego Educomunicador</b>	Itaquera
<b>Sala Vygostsky</b>	Tremembé

<sup>4</sup> Os ambientes *on-line* podem ser visualizados pelo link: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/ondas/Anonimo/ambientesformacao.aspx?PageView=Shared&DisplayMode=Design>>. Acesso em: 20 abr. 2012

<b>Sala Roquete-Pinto</b>	Penha
---------------------------	-------

Quadro 1 – Denominação dos ambientes *on-line* por região (Conclusão)

<b>Ambiente <i>On-line</i></b>	<b>Diretorias Regionais de Educação</b>
<b>Sala Mario Kaplún</b>	Pirituba
<b>Sala Ruth Cardoso</b>	Santo Amaro
<b>Sala Freneit</b>	São Mateus
<b>Sala Paulo Freire</b>	São Miguel

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Já os cursos e *workshops* são desenvolvidos nas diretorias regionais, na diretoria técnica da Secretaria Municipal de Educação e nos laboratórios de Informática Educativa das escolas, conforme publicação divulgada em diário oficial e no *site* da Secretaria. O público-alvo abrange os servidores da rede municipal de educação: professor de educação infantil; professor de educação infantil e fundamental I; professor de ensino fundamental II e médio; auxiliar técnico de educação; coordenador pedagógico; diretor de escola e supervisor escolar. Os cursos e *workshops* oferecidos são respectivamente:

Quadro 2 – Relação de cursos oferecidos (Continua)

<b>CURSOS</b>
<b>Gestores de Projetos Educomunicativos:</b> visam à formação de gestores de projetos educacionais.
<b>Imprensa Jovem – Criando Agência de Notícias:</b> visa à promoção do protagonismo infantojuvenil por meio da comunicação e das tecnologias da informação e comunicação.
<b>Nas Ondas do Rádio – Implementando uma Rádio Escolar:</b> visa promover o protagonismo infantojuvenil por meio da linguagem radiofônica.
<b>Nas Ondas do Vídeo:</b> visa à formação de professores com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos e da competência leitora e escritora; assim como a promoção do protagonismo infantojuvenil por meio do trabalho com as linguagens midiáticas.
<b>Produção de <i>blog</i>:</b> visa à formação de professores aptos a construir e manter <i>blogs</i> sob perspectiva pedagógica educacional, além de orientar o desenvolvimento das competências leitora e escritora junto aos alunos.
<b>Especialização – Nas Ondas do Vídeo:</b> visa à formação de professores com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos e da competência leitora e escritora; assim como a promoção do protagonismo infantojuvenil por meio do trabalho com as linguagens midiáticas.

Quadro 2 – Relação de cursos oferecidos

(Conclusão)

<b>CURSOS</b>
<b>Jornal Mural Literário:</b> visa à promoção do protagonismo infantojuvenil; assim como o auxílio no aperfeiçoamento das competências leitoras, escritora e oral dos alunos; melhoria do convívio escolar e estímulo à expressão comunicativa e criativa.

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Quadro 3 – Relação de workshops oferecidos

<b>WORKSHOPS</b>
<b>Twitter e Facebook na escola:</b> propor estratégias de utilização dessas ferramentas de comunicação e apresentar suas características e funcionalidades.
<b>Web aulas:</b> elaboração de um pequeno projeto utilizando recursos da internet, para vivenciar com os alunos.
<b>Produção educacional a partir de Games:</b> discutir e esboçar um projeto a partir de games.
<b>Edição de imagens com softwares da web:</b> criar, editar e gerenciar imagens com o uso de programas na web.
<b>Criação e uso pedagógico do formulário Gdocs:</b> visa ao processo de criação e uso pedagógico do Formulário Google Docs.
<b>Tratamento de imagens no GIMP:</b> apresentação e demonstração do <i>software</i> livre editor de imagens GIMP, além de introduzir os conceitos relacionados ao tratamento de imagens estáticas na educação.
<b>Webquest:</b> visa à construção e vivência prática de Webquest (proposta metodológica para uso da internet em espaços educativos).
<b>Blogs para professores:</b> recursos avançados I e II: familiarização de conceitos básicos da linguagem de formatação html; exploração do site Blogger. Na fase II, apresentação; discussão de alguns <i>blogs</i> educativos; produção de <i>blogs</i> .
<b>Técnicas de locução de rádio:</b> fornecer critérios que permitam observar e melhorar a locução para a rádio escolar.
<b>Educomunicação e análise das mídias:</b> oferecer repertório teórico para análise estrutural das informações publicadas nos meios tradicionais de comunicação e internet.
<b>Web aulas de matemática:</b> apresentar algumas ferramentas e recursos <i>on-line</i> que propiciem práticas pedagógicas diferenciadas aos professores de matemática.
<b>A Cultura Negra em pauta:</b> propor oficinas com o objetivo de utilizar-se de ferramentas comunicativas e instrumentalizar os participantes para o cumprimento da Lei Federal nº 11.645/08, que trata especificamente da obrigatoriedade do estudo da História e Cultura

Afro-brasileira e Indígena nas escolas.
---

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

A adesão ao programa ocorre via elaboração de projetos pedagógicos escolares viabilizados pelas escolas e também como uma prática inserida no Programa Ampliar<sup>5</sup>, que visa a ampliação da carga horária do alunado na escola pública municipal, por meio de ações e atividades curriculares de caráter educacional.

Em relação ao financiamento, os projetos desenvolvidos dentro do NOR podem contar com as verbas de cunho federal e municipal para compra e instalação de equipamentos técnicos a serem utilizados nas escolas. As verbas são<sup>6</sup>:

- a) **Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE):** verba de cunho federal que presta assistência financeira às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos. Esses recursos são transferidos conforme o número de alunos e objetiva a elevação dos índices de desempenho da educação, a melhoria da infraestrutura física e pedagógica e o reforço da autogestão escolar.
- b) **Programa de Transferência de Recursos Financeiros (PTRF):** consiste no repasse de verbas (creditado em uma conta exclusiva), estabelecidas em Orçamento pela Prefeitura do Município de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Educação, às Associações de Pais e Mestres das escolas da Rede Municipal de Ensino.

A assessoria técnica às escolas que desejam elaborar, implementar, divulgar projetos do NOR ou tirar dúvidas e solicitar esclarecimentos acerca de programas acontece por meio de um grupo aberto ao público, criado na rede social do Facebook, denominado Assessoria Técnica – Ondas do Rádio<sup>7</sup>. Para participarem do grupo, é preciso que os professores, coordenadores, diretores acessem a página no Facebook e postem dúvidas, perguntas, solicitação de atendimento técnico nas unidades educativas para a implementação de projetos educacionais. O responsável pela página do grupo é o Professor Carlos Lima,

<sup>5</sup> PORTARIA 2750/11 – SME DE 27 DE MAIO DE 2011

Regulamenta o Decreto nº 52.342 de 26/05/11 que institui o Programa “Ampliar” nas Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino e dá outras providências.

<sup>6</sup>SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Disponível em:

<<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Anonimo/DinheiroNaEscola.aspx?MenuID=200&MenuIDAberto=58>>.

Acesso em: 20 de abril de 2012.

<sup>7</sup> A página do grupo pode ser encontrada em: <<https://www.facebook.com/groups/298379276892362/>>. Acesso em: 20 abr. 2012

também responsável pelo Programa Nas Ondas do Rádio da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. É ele quem faz toda a mediação na página da rede social e responde às publicações postadas. No entanto, qualquer pessoa também pode comentar as publicações, dar opiniões, sugestões pelo fato de o grupo ser aberto ao público.

Anualmente, acontece o Seminário *Nas Ondas do Rádio*<sup>8</sup>, no qual são discutidas as experiências educacionais desenvolvidas na rede municipal com profissionais da rede educativa municipal, educadores e alunos em conjunto com pesquisadores de Universidades, que tratam da temática educacional, midiática e das tecnologias na educação.

---

<sup>8</sup> Para maiores informações consultar o link:  
<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/ondas/Anonimo/seminarionasondas.aspx?PageView=Shared>.  
Acesso em: 01 dez. 2013.

### **CAPÍTULO III - AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

O mundo, atualmente, vem sofrendo diversas transformações no que tange ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. A ampliação dos recursos tecnológicos, como o celular e a internet, vem alterando de forma significativa a maneira de viver e de aprender na era moderna. Toda essa mudança reflete-se nos âmbitos políticos, econômicos, sociais, educacionais e culturais.

A mediação tecnológica, no âmbito educacional, na concepção educomunicativa compreende os usos que se fazem das tecnologias de informação e comunicação.

A escola, antes detentora de um saber legitimado pela sociedade, tem se deparado com outras fontes de saber, como o computador, a televisão, o rádio, a internet, o cinema etc. Devido a isso, é imprescindível que a escola repense o seu papel educativo.

Martín-Barbero (1997) problematiza o uso das tecnologias na educação e afirma que a simples introdução dos meios de comunicação e das tecnologias não é garantia de ensino de qualidade. Para ele, o desafio que se coloca:

É como inserir a escola num ecossistema comunicativo, que seja ao mesmo tempo experiência cultural, entorno informacional difuso e descentralizado. E como fazer desse novo cenário um lugar onde o progresso de aprendizagem conserve seu encanto. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 19).

O autor avalia que os meios de comunicação promovem uma mediação com o sujeito, não mais visto como mero receptor passivo das mensagens que lhe chegam, mas sim como sujeito ativo, que interage com a mensagem por meio de suas representações simbólicas. Para ele, a tecnologia não é só aparato instrumental qualquer. “A estruturação técnica vivida pela modernidade disponibiliza um novo organizador perceptivo, um reorganizador da experiência social [...]” (SETTON, 2011, p. 78).

Kenski (2012), em seu livro *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*, aborda temas ligados à relação entre a educação e as tecnologias. A autora analisa o surgimento das tecnologias. Desde os primórdios dos tempos da humanidade, o uso e domínio de tecnologias é fator gerador de poder tanto políticos quanto econômicos. Retrata o avanço e o aperfeiçoamento das tecnologias impulsionadas pelas grandes potências mundiais, abrangendo a pesquisa e produção de armamentos e equipamentos militares. “Os vínculos

entre conhecimento, poder e tecnologias estão presentes em todas as épocas e em todos os tipos de relações sociais.” (KENSKI, 2012, p. 17).

De acordo com a autora tecnologia específica “o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”. (KENSKI, 2012, p. 24). Já as técnicas se restringem às habilidades, à execução, maneiras de lidar com os diferentes tipos de tecnologias.

Ela alerta que, por conta da rapidez do desenvolvimento tecnológico atualmente, ficou difícil delimitar um tempo ao qual pode-se designar as novas tecnologias, pois esse conceito é muito variável e contextual. Entende-se, portanto, como novas tecnologias os conhecimentos advindos das telecomunicações, da eletrônica e microeletrônica.

Ao abordar a evolução das tecnologias, pontua que elas promovem novas possibilidades de bem-estar, ampliam a memória humana, além de alterar os comportamentos sociais individuais e grupais.

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam sua maneira de pensar, sentir, agir. (KENSKI, 2012, p. 21).

De acordo com Lévy (1999, 2001, 2010), as tecnologias introduzem novas formas de pensar e de conviver, alterando, dessa maneira, as relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência. Em suas análises, esse autor preocupa-se em discorrer sobre as influências causadas pelo hipertexto, o computador e a internet, que criam os ciberespaços e a cibercultura.

As novas tecnologias geram uma tecnologia da inteligência que, de acordo com Levy (2010), é expressa por meio da linguagem digital reunindo aspectos da oralidade e da escrita de forma descontínua, fragmentada, aberta e veloz. Sua base é o hipertexto que, segundo ele é um conjunto de nós (conceitos, teorias, ideias etc.) e conexões (inter-relações entre os nós). Nesse sentido, os nós podem ser apresentados em diferentes mídias que se interligam numa rede, na qual as ligações formam uma trama estelar que caracteriza os processos interativos multidimensionais, como a interação na *web* (ALMEIDA, 2004; LÉVY, 2010).

Almeida (2004, p. 722) corrobora os estudos de Lévy e elucida que “todo sistema hipertextual permite essa forma de escrita, na qual ler e escrever é interagir, criar percursos próprios, deixar marcas, reconfigurar espaços e criar narrativas pessoais.”

A internet, conhecida como rede das redes, é um espaço no qual há a possibilidade de integração e articulação entre as pessoas que se encontram conectadas a todo tipo de conteúdo e informação imergidas no ciberespaço. Conforme aponta Lévy (2010, p. 95):

Eu defino o ciberespaço como o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores*. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

O ciberespaço é uma composição linguística advinda do inglês *cyberspace*, termo inventado por Willian Gibson no seu romance *Neuromancer*<sup>9</sup> (New York: Ed. Ace), que:

[...] designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Em *Neuromancer*, a exploração do ciberespaço coloca em cena as fortalezas de informações secretas protegidas pelos programas ICE, ilhas banhadas pelos oceanos de dados que se metamorfoseiam e são trocados em grande velocidade ao redor do planeta. Alguns heróis são capazes de entrar “fisicamente” nesse espaço de dados para lá viver todos os tipos de aventuras. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. (LEVY, 2010, p. 95).

Para a educação, as redes promovem novas formas de relação entre o conhecimento e o aprendizado. O ciberespaço é composto pelas redes de tecnologias de inteligência que permitem a ampliação, exteriorização e modificação das funções cognitivas da memória humana (KENSKI, 2012; LÉVY, 2010).

Valente e Almeida (2011) argumentam que o mundo ocidental tem apontado os estudos de tecnologias na educação como um novo campo de domínio da ciência que incorpora, de forma implícita, os “[...]conceitos de pluralidade, inter-relação, abertura e intercâmbio crítico de ideias, concepções e saberes advindos de distintas áreas do conhecimento e das contribuições das tecnologias.” (VALENTE; ALMEIDA, 2011, p. 6).

Esclarecem que o processo de ensino-aprendizagem deve buscar a incorporação do uso das tecnologias de informação e comunicação, a fim de que alunos e professores aprendam a ler, escrever e comunicar-se. “Hoje as tecnologias fazem parte do imaginário das pessoas e de seus diálogos rotineiros, e assim elas entram na escola pelo contato que as pessoas [sic] têm no cotidiano com as mídias e tecnologias.” (VALENTE; ALMEIDA, 2011, p. 27). Borges (2009, p. 38), em consonância com o pensamento dos autores, afirma que:

---

<sup>9</sup> Cf. LEVY, 2010.

As novas gerações não encontram dificuldades para se apropriar do mundo tecnológico, aliás, já nascem e se desenvolvem sob esta nova cultura. O choque ocorre quando entram na escola e se deparam com uma cultura totalmente diferente e que ainda não respeita a cultura do aluno, ou seja, ignora a dimensão comunicacional na formação do educando. Assim, o saber midiático e saber escolar se opõem e expõem os alunos a “culturas” diferentes.

Esta autora argumenta que os educadores atribuem ao aluno a falta de interesse e fracasso educacional, pois acreditam que cumprem o seu papel na transmissão de conhecimentos, ou seja, problematizam a falta de atenção como um problema de caráter moral do aluno. Numa outra dinâmica de pensamento, a autora revela que toda essa situação é fruto de um descompasso entre o “discurso ao qual o aluno está exposto e a prática educacional das escolas” (BORGES, 2009, p. 39) e que talvez resulte no desapontamento do educando frente à falta de sentido entre aquilo que é vivenciado por ele fora e dentro da escola.

Percebe-se, nos diversos espaços sociais, na área ou campo a que o indivíduo se dedique que a tecnologia trouxe uma nova linguagem, um novo conhecimento, um novo pensamento, uma nova forma de expressão. [...] As tecnologias devem vir acompanhadas por uma cultura capaz de redefinir os próprios conceitos que presidem os modelos atuais de circulação das informações e do conhecimento no âmbito escolar. (BORGES, 2009, p. 40-41).

A autora promove uma discussão acerca da relação entre comunicação e a leitura na escola e observa que, no aprendizado da leitura e da escrita, é preciso incorporar a leitura de mundo e não a simples decodificação de palavras; que o conhecimento prévio do aluno seja considerado como mecanismo de continuidade do processo de aprendizagem, no qual abarque o conhecimento de cunho linguístico, o textual e, principalmente, o conhecimento do mundo ativado pelo processo de leitura na busca da compreensão dele no mundo.

Dito em outras palavras, de acordo com esses estudiosos, faz-se necessário orientar os alunos para que aprendam a ler e interpretar de forma crítica as mensagens veiculadas pela mídia que fazem parte do cotidiano, bem como promover uma análise acerca das novas possibilidades de aprendizagem propiciadas pela mídia.

O estudo de problemáticas e desenvolvimento de projetos com o uso da TIC, [sic] permite o registro desse processo construtivo em textos ou hipertextos, criando condições para desenvolver o domínio da TIC em uso, a competência da linguagem escrita e a compreensão de conceitos específicos de áreas de conhecimento. Essa forma de utilização das TIC funciona como um recurso para o diagnóstico do nível de desenvolvimento do aprendiz,

suas dificuldades e potencialidades, e, principalmente, favorece a identificação e correção dos erros e a constante reelaboração sem perda do que já foi criado. (ALMEIDA, 2004, p. 15).

Contudo, educar para a comunicação significa desenvolver habilidades e competências básicas como falar, expressar-se, ouvir, argumentar, dialogar, ler e compreender um texto, escrever e comunicar uma ideia. No Brasil, é sabido que a aquisição de habilidades de leitura e escrita ainda constitui um grave problema a ser enfrentado pelo sistema educacional. Pensar em projetos e propostas de ensino mediadas pelas TICs nos traz o desafio de criar novos usos criativos por meio da tecnologia que ampliem o sentido de educar, o gosto em aprender e reinventar a própria função da escola na atualidade. Nesse sentido, Kenski (2012, p. 68) pondera que:

Os projetos educacionais desenvolvidos via redes não podem ser pensados apenas como forma diferenciada de promover o ensino. Eles são formas poderosas de interação, cooperação e articulação, que podem abranger professores, alunos, pessoal administrativo e técnico das escolas e pais e todos os demais segmentos nacionais e internacionais envolvidos. Eles viabilizam o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da gestão da educação em caminhos novos e diferenciados.

Ao retratar o ambiente escolar, a autora destaca que diversas transformações afetaram esse espaço, sobretudo as relacionadas à inserção das TICs, que no início causavam uma certa desconfiança ou eram encaradas como modismo. Na tentativa de esmiuçar essa integração das tecnologias aos sistemas educativos, a autora reitera que, por conta da pressão social, as escolas foram de início disponibilizando laboratórios de informática e as aulas de informática raramente incorporavam-se aos processos pedagógicos como espaço de aquisição de conhecimentos.

Kenski (2012), então, apresenta três momentos da inserção dos laboratórios de informática no sistema educacional:

- a) 1º momento: o computador era uma máquina de escrever mais aperfeiçoada com uma memória embutida. As aprendizagens tanto de professores e alunos concentravam-se nas linguagens de programação, como o LOGO; e, posteriormente, no treinamento no uso de *softwares* comerciais, como editores de texto, editores de *slides*, entre outros aplicativos da Microsoft. Tais propostas resumiam-se apenas à instrumentalização das tecnologias e não incluíam-se na proposta pedagógica da escola;

- b) 2º momento: aparecimento dos periféricos, programas interativos, enciclopédias, CDs, DVDs, em que o computador é tido como um recurso auxiliar no desenvolvimento de pesquisas e trabalhos diversificados. Nesse momento, já percebe-se na informática educativa a demanda por projetos interdisciplinares; enfatiza-se o uso das tecnologias como ferramentas para a aprendizagem e a compreensão da necessidade de uma formação específica para a utilização da tecnologia com viés pedagógico;
- c) 3º momento: encarado como um grande salto na relação entre educação e tecnologias, propiciado pela internet, na qual o acesso à informação realiza-se em qualquer lugar do mundo. Começam a surgir projetos de integração entre escolas, professores e alunos. Dá-se início ao uso de *e-mails*, *chats* e fóruns.

Conforme aponta Kenski (2012, p. 93):

As aulas se deslocam dos horários e espaços rígidos das salas presenciais e começam a criar vida de forma cada vez mais intensa no ciberespaço. [...] Em mundo que muda rapidamente, professores procuram auxiliar seus alunos a analisar situações complexas e inesperadas; a desenvolver a criatividade; a utilizar outros tipos de “racionalidade”: a imaginação criadora, a sensibilidade tátil, visual e auditiva, entre outras. O respeito às diferenças e o sentido de responsabilidade são outros aspectos que os professores procuram trabalhar com seus alunos.

A função da escola necessita abranger a formação de cidadãos aptos a lidar com a complexidade do mundo. “A educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes [...]” (KENSKI, 2012, p. 64).

Moran (2013) compartilha desse pensamento em suas análises e traz suas contribuições para a questão da tecnologia na educação. Afirma que não é somente o uso dos recursos tecnológicos que garante avanço e bons resultados na aprendizagem e sim a presença das pessoas, as interações sociais, a gestão e o projeto pedagógico. Define a educação como um processo de uma sociedade não só da escola. Na sua visão, a aprendizagem se dá em todas as organizações, grupos e pessoas com as quais possuímos vínculos. “Família, escola, meios de comunicação, amigos, igrejas, empresas, internet, todos educam e, ao mesmo tempo, são educados, isto é, todos aprendem mutuamente, sofrem influências, adaptam-se a novas situações.” (MORAN, 2013, p. 12).

O autor afirma que a escola é conservadora, burocrática, envelhecida na forma como apresenta e desenvolve seus métodos, procedimentos, currículos, o que a torna pouco estimulante aos bons alunos e professores. Na contramão dessa escola conservadora, redefine

o significado de uma educação inovadora dentro do contexto social que atualmente vivenciamos. Esse tipo de educação deve gerar o conhecimento integrador e inovador, desenvolver a autoestima e o autoconhecimento, formar alunos empreendedores, criativos e, finalmente, construir alunos-cidadãos que respeitem os valores individuais e sociais.

Segundo o autor, na atualidade caminhamos para uma fase de convergências e integração das mídias, na qual tudo pode ser divulgado em algum tipo de mídia e as pessoas podem tornar-se tanto consumidoras quanto produtoras de informações.

Há um diálogo crescente, muito novo e rico entre o mundo físico e o chamado mundo digital, com suas múltiplas atividades de pesquisa, lazer, de relacionamento e outros serviços e possibilidades de integração entre ambos, que impactam profundamente a educação escolar e as formas de ensinar e aprender a que estamos habituados. (MORAN, 2013 p. 14).

Uma educação de qualidade precisa ir além de ensinar, cabendo integrar o que é ensinado à vida, ao conhecimento e à ética; à reflexão e à ação; a uma visão de totalidade. “Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses.” (MORAN, 2013 p. 26).

O autor salienta que uma boa escola depende de um projeto pedagógico integrador que faça uso da internet como um importante componente metodológico. Afirma que as tecnologias digitais trazem inúmeros desafios às instituições, na medida em que são levadas a sair de ensino tradicional, para a busca de uma aprendizagem mais participativa, na qual os vínculos pessoais e afetivos sejam estimulados tanto presencialmente quanto virtualmente.

Enfim, um dos desafios atualmente enfrentados pela educação é permitir que o educando seja protagonista das ações de aprendizagem e que disponha de autonomia e controle sobre o seu próprio processo de aprender a aprender.

O intuito deste estudo será o de buscar mostrar o processo do Projeto Imprensa Jovem em São Paulo e suas possíveis implicações na promoção de uma educação mais criativa, desafiadora e capaz de potencializar o sujeito como aquele que pensa, reflete e divulga por meio de suas próprias produções.

## CAPÍTULO IV - PROJETO IMPRENSA JOVEM

A primeira ideia acerca da concepção do que seria o Imprensa Jovem dá-se com uma experiência desenvolvida pelo professor Carlos Lima em uma escola da rede municipal da zona leste de São Paulo. Após um convite para participar do Seminário *Nas Ondas do Rádio* no ano de 2005, houve a possibilidade de criar um espaço no qual os alunos pudessem relatar via rádio, ao vivo, o que estava ocorrendo no evento:

o Imprensa Jovem começou como um projeto, como uma ação que eu desenvolvi em 2005 numa escola chamada Pedro Teixeira, lá de São Miguel Paulista. Uma EMEF. Uma escola da Secretaria da Educação que tinha o projeto de rádio na escola e lá já tinha alguns grupos de alunos desenvolvendo o projeto. E, aí, a gente recebeu um convite para fazer uma oficina em um evento local. Isso em 2004. Foi um encontro regional focado na questão da criança e do adolescente. E lá a gente fez... a gente levou um grupo de alunos para fazer, na verdade, programas de rádio. Colocar caixas de som lá fora. Entrevistar as pessoas no ambiente para em tempo real... Poder divulgar lá que era um espaço aberto. E as pessoas que estivessem perto da caixa podiam ouvir. E ali surgiu a primeira ideia de como a gente poderia mobilizar os alunos para ajudar na comunicação dos eventos que estavam acontecendo... que acontecem em qualquer evento, seja dentro da escola, seja num evento fora, que foi esse caso, seja num grande evento fechado (informação verbal)<sup>10</sup>.

Durante a realização do Seminário, segundo ele, duas de suas alunas ficaram responsáveis pela cobertura do evento. A primeira era a repórter, que fazia as entrevistas com as pessoas, a outra realizava as filmagens para compor um registro do evento na forma de vídeo.

E eu estava apenas comandando as meninas para se conduzirem dentro do ambiente. Para poder captar as informações, entrevistar as pessoas, cobrir o que estava acontecendo para aquilo virar um registro de vídeo. Ali a gente já conseguiu ver como é que a gente poderia aproveitar aquela informação que estava sendo colocada de cunho importante, e divulgar isso para mais gente, fazendo um vídeo, entregar para uma DRE e ela passar lá numa reunião e mostrar o que foi o evento. Então, lá já estávamos trabalhando o conceito de socialização ou difusão da informação ou veiculação da informação, mas a partir do olhar dos jovens, do olhar deles (informação verbal)<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Entrevista concedida a Kelly Victor em 10 de maio de 2013.

<sup>11</sup> Ibid.

Ao longo do ano de 2005, Carlos Lima relata ter participado de outras experiências parecidas com seus alunos, mas já contando com a parceira de professores de outras regiões da cidade de São Paulo que se interessam pela ideia e, em conjunto, passaram a cobrir outros eventos que aconteciam na cidade, como o Seminário Municipal de Educação e o Seminário África- Brasil, que eram eventos de grande porte.

É... no Seminário Municipal de Educação. Então, um evento super grande. Um evento que aconteceu no Anhembi. A gente participando, botamos a estação de rádio lá, e, aí, as pessoas iam até lá. Mas os alunos acharam legal levar o gravador digital para ter mobilidade, para não precisar chamá-los até lá. A ideia de mobilidade, de ir até onde está a informação foi um negócio muito legal. Porque permitiu que eles tivessem uma coisa chamada credencial de imprensa. Então, eles tinham a autorização para poder adentrar nos espaços. Eles não iam trabalhar nos espaços deles. Eles iam trabalhar nos espaços do evento. Então, entrevistaram muita gente. Das autoridades até os participantes. Tiraram fotos. Fizeram gravações nas fitas e tal. E, aí, eu fiquei com esses registros e tudo o mais. E ali a gente batizou essa ação, de Imprensa Jovem. O Imprensa Jovem começou nesse evento propriamente dito. Foi batizado nesse evento, no Seminário Municipal de Educação. E, a partir daí, esse foi o primeiro grande evento da Secretaria, e o primeiro grande evento que participamos como Imprensa Jovem num evento que não era nosso, e sim de uma outra instituição, que foi o África-Brasil. (informação verbal)<sup>12</sup>.

No ano de 2006, logo após as experiências desenvolvidas com os alunos nesses eventos, o professor Carlos Lima foi convidado pela Secretaria Municipal de Educação para ser o Coordenador do Programa Nas Ondas do Rádio. Por conta da visibilidade que o trabalho de cobertura dos alunos teve na rede municipal, surge um convite ao então Coordenador, Carlos Lima, para a cobertura do *Campus Party* no espaço de exposições do Anhembi.

Em 2005, eu era colaborador da Secretaria. Vinha de vez em quando aqui, trocava a minha experiência com os professores da rede. Muitos deles tocavam projetos... eram coordenadores dos projetos do Ondas do Rádio na rede. Então, eu ia trocar a minha experiência e, em 2006, fui convidado para trabalhar aqui na Secretaria de Educação e logo fomos convidados a fazer a cobertura da *Campus Party*... E, aí, a gente acabou descobrindo naquele evento um mundo de possibilidade que a gente poderia aproveitar para o projeto imprensa jovem na questão da veiculação do trabalho realizado pelos alunos. Das entrevistas com a cara do jovem. Como é que a gente poderia ampliar esse universo de falas para o mundo, para fora dos muros da escola, para além das escolas, para todos os colegas de outras escolas que estavam ali. Esse era o meu desejo e era, provavelmente, o desejo do aluno que estava

---

<sup>12</sup> Ibid.

trabalhando com outras escolas de outros bairros e queria que o projeto dele repercutisse para outros bairros (informação verbal).<sup>13</sup>

A partir desse desejo, são criados três *blogs*: “Blogando Imprensa”; “Blogando Ondas do Rádio” e “Blog Nas Ondas”. Todos com o intuito de divulgar as produções e coberturas feitas nos eventos pelos alunos. Num primeiro momento, os *blogs* passam por um processo de experimentação.

Depois desse período de experimentações, finalmente é desenvolvido o *blog* No ar Imprensa Jovem, que continua a ser o principal veículo de divulgação das coberturas produzidas por alunos em diferentes escolas municipais de São Paulo.

Em cada edição da *Campus Party*, e de outros grandes eventos, a gente foi aperfeiçoando as nossas ferramentas de divulgação. Saímos do blogando Nas Ondas do Rádio, que era um *blog* que tinha tudo, além da cobertura. Criamos um *blog* chamado No Ar Imprensa Jovem, e esse *blog* No Ar Imprensa Jovem é o nosso veículo de comunicação. Se você olhar o *blog* do Imprensa Jovem, você vai ver lá muitas entrevistas, milhares de entrevistas com gente de toda a natureza. Com textos com autorias de diferentes alunos. Ali é o aluno em forma de mídia que está ali. Com vídeo, com áudio, com texto, com fotografia. É uma diversidade de formas de comunicação. Então, a gente criou o *blog* No Ar Imprensa Jovem<sup>14</sup> justamente para isso (informação verbal).<sup>15</sup>

No *blog*, encontramos a seguinte descrição acerca do que é o Imprensa Jovem:

Agência de notícias Imprensa Jovem é um projeto onde o aluno é quem dá o recado. Organizado em equipes de alunos repórteres, como é chamado o participante do projeto, discutem e criam pautas, realizam coberturas jornalística de eventos da escola, na comunidade e na cidade atendendo grande eventos. Fazem o tratamento da informação e veiculam e divulgam o conteúdo produzido em diversos meios de comunicação. A matéria-prima para as reportagens do Imprensa Jovem são os depoimentos das pessoas, aliada à curiosidade do aluno repórter, seja em grande coberturas jornalísticas, seja em eventos na comunidade. [...] O Imprensa Jovem tem como plataforma para divulgação *blogs*, redes sociais, *podcast*, *sites*, e ainda jornal mural, jornal comunitário, *fanzine* e programas da rádio escolar. A base tecnológica de produção de conteúdo são equipamentos de uso comum como celulares, gravadores digitais de mp3 *player* e computador. Este é o Imprensa Jovem, um projeto que desperta a curiosidade e o interesse pela pesquisa, estimula o trabalho colaborativo e cooperativo e contribui para a Gestão da Comunicação e do Conhecimento.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Pode ser consultado no link <<http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/p/conheca.html>>. Acesso em: 21 abr. 2012

Nesse canal, as escolas inscritas podem postar as atividades de cobertura jornalística em eventos que ocorreram na cidade de São Paulo e em sua própria unidade escolar. Para publicar postagens a escola precisa se inscrever. Segundo Carlos, cada escola inscrita recebe uma senha e participa como mais um colaborador do *blog*.

Dessa maneira, qualquer pessoa tem acesso ao trabalho que vem sendo realizado nas escolas pelas equipes do Imprensa Jovem. As equipes são basicamente formadas por crianças e jovens e, desde 2008 até novembro de 2013, constata-se um total de 581 postagens.

Uma variedade de temas e eventos é abordada no interior do *blog*. As postagens são feitas em forma de textos, vídeos, fotos, entrevistas gravadas, conforme visualização das imagens abaixo:

Figura 1 – *Blog no Ar Imprensa Jovem*



Fonte: <http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/2013/09/5-encontro-brasileiro-de-educomunicacao.html>

Figura 2 – Publicações postadas

SEXTA-FEIRA, 26 DE JULHO DE 2013

## SAPÊ LAR DOCE LAR: Mais uma Etapa conquistada

Essa semana foi uma semana de muita alegria para os moradores do Sapê. Isso porque ontem, quarta-feira (24/07/2013), aconteceu a escolha dos primeiros apartamentos dos condomínios A e B que serão os primeiros a ser entregues na comunidade.

E a nossa escola Roberto Mange, abriu as portas e os braços mais uma vez, parceira e solidária da comunidade, servindo de ponto de encontro para esse acontecimento histórico.

As primeiras famílias contempladas pelos imóveis foram escolhidas através de cinco critérios: o primeiro foi número de pessoas que moram na mesma casa, considerado entre 7 a 14 pessoas; segundo critério foi a posse da terra; o terceiro critério foi o tempo de moradia na comunidade; o quarto critério tempo de moradia no aluguel social; e quinto critério foi considerado as famílias com pessoas com deficiência e o sexto critério famílias com pessoas idosas. E assim, seguindo esses critérios foram escolhidas as 143 (cento e quarenta e três) primeiras famílias que morarão no Novo Sapê.

Os condomínios irão oferecer infraestrutura de lazer e apartamentos adaptados para pessoas com necessidades especiais. Cada condomínio terá suas próprias regras que serão decididas pelos próprios moradores.

**TV IMPRENSA JOVEM**  
Video documentário da Campus Party produzido pela equipe Imprensa Jovem

**VOCE É FAVOR OU CONTRA O USO DO CELULAR NA EDUCACÃO?**

Sim: 3 (75%)  
Não: 1 (25%)

Grandes Coberturas: Campus Party™ Brasil

Fonte: [http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/2013\\_07\\_01\\_archive.html](http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/2013_07_01_archive.html)

Figura 3 – Cobertura de eventos e relação do *blogs* das escolas participantes

CEU TRÊS PONTES

Dia 29/11/2013 foi realizado o lançamento do livro **MOSAICO EDUCACIONAL - "Reinventando a Escola numa Nova Perspectiva de Educação Inclusiva"**, resultado de um projeto desenvolvido na CEU Três Pontes DRE São Miguel.

**AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS IMPRENSA JOVEM**

Essas são as agências de notícias Imprensa Jovem. Confira!

- Blog do DOT Gualanazes
- A Voz do Anna Lamberg
- Ligados no Mange
- Rádio CLEM
- Braves Notícias na Escola
- Rádio Jacaré
- Blog do Dias Gomes
- Blog do Madre Joana
- Blog do Arthur de Azevedo
- Rede CEU Rubi
- Site Jardim da Conquista
- Site Educart
- Blog do Laerto
- Radio Afferes

Fonte: <http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/>

Segue, abaixo, o número exato de postagens por ano escolar:

Tabela 1 – Arquivos do *blog*

Ano	Nº de Postagens
2013	88
2012	223
2011	120
2010	148
2008	8

Fonte: <http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/>

Como é possível observar, além do *blog* oficial No Imprensa Jovem, cada escola também possui um canal de *blog* específico da sua unidade, além de outras redes sociais, como o *Facebook*, e o *Twitter*. Cada equipe de alunos, juntamente com o professor responsável pelo projeto, fica incumbida de alimentar, com as informações das coberturas realizadas, os canais do *blogs* para conhecimento da comunidade do que vem acontecendo na escola e na cidade de São Paulo.

Já em relação a aspectos e pontos que o projeto busca desenvolver, são elencados os seguintes itens:

- ✓ Colabora para circulação da informação e do conhecimento.
- ✓ Amplia as possibilidades de aprendizagens.
- ✓ Promove a reflexão crítica dos meios de comunicação.
- ✓ Potencializa a articulação dos conhecimentos e temas transversais.
- ✓ Oferece estratégias de aprendizado focando a pesquisa, a produção escrita, o uso das tecnologias de comunicação.
- ✓ Democratiza a comunicação no espaço escolar.<sup>17</sup>

O Projeto Imprensa Jovem ganha maior legitimidade nas escolas da rede municipal no ano de 2010, após a publicação da portaria 5792/09, que estabelecia a implementação e o oferecimento de práticas educacionais nas escolas dentro do horário regular ou como jornada ampliada (extraescolar) dos alunos regularmente matriculados. De acordo com as informações coletadas com o Carlos Lima, o projeto encontra-se em nível de avaliação.

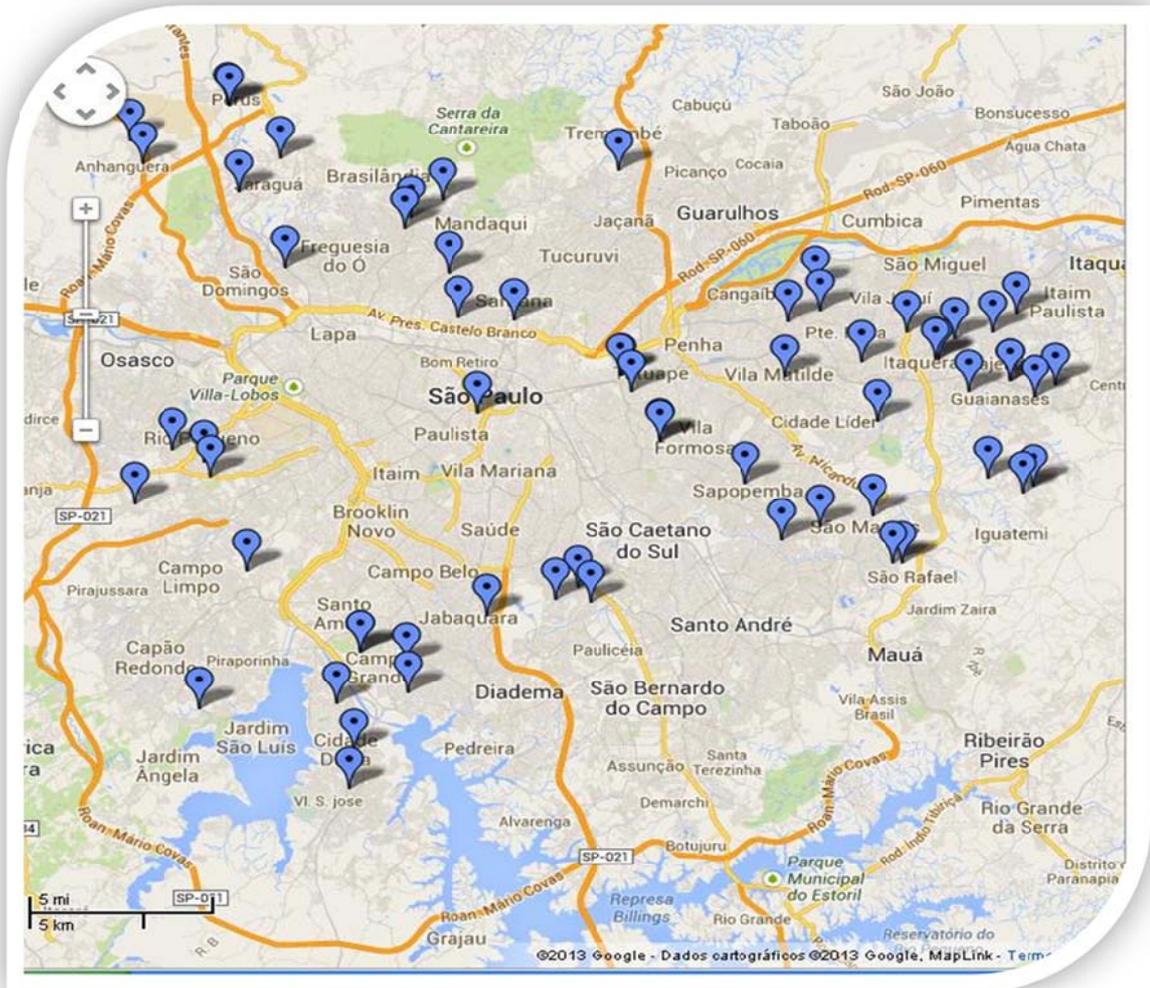
Atualmente, o projeto abrange um total de 83 escolas<sup>18</sup>, conforme informação fornecida pelo Coordenador da SME/SP.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/p/conheca.html>>. Acesso em: 21 abr. 2012

<sup>18</sup> Esse número foi obtido durante entrevista com o Coordenador Carlos Lima em maio de 2013.

Figura 4 – Mapa – Rede Imprensa Jovem



Fonte: <http://noarimprensajovem.blogspot.com.br/p/equipes-imprensa-jovem.html>

#### 4.1 O retrato das escolas

A pesquisa utilizou a metodologia de estudo de caso realizada em duas escolas municipais que, ao longo de três a dois anos desenvolviam o Imprensa Jovem. Foram escolhidas escolas pertencentes à Diretoria de Ensino Freguesia/Brasilândia, zona norte da capital paulistana, por conta da proximidade de ambas, o que facilitou o deslocamento do pesquisadora até as unidades.

Ambas são Escolas Municipais de Ensino fundamental I e II – EMEFS e atendem crianças e jovens, oferecendo o ensino do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

Por questões de ética da pesquisa, os nomes das escolas e dos entrevistados não serão fornecidos. Optamos por usar nomes fictícios para preservar as identidades dos sujeitos pesquisados. Elencamos os termos Escola 1 e Escola 2 para delimitar as apresentações e peculiaridades de cada uma.

A pesquisa adotou uma amostra de 31 participantes, sendo 16 da primeira escola e 15 da outra. Buscando coletar as percepções que os alunos têm do Imprensa Jovem. Optamos por relacionar os dados para cada escola de forma que o público perceba as peculiaridades de uma e outra unidade escolar.

Como são duas unidades educacionais, acreditamos que têm disparidades por conta da singularidade de cada uma na sua forma de conceber-se enquanto instituição educacional, o que mantém sua história e lugar no mundo.

Escola 1:

A escola está localizada no distrito da Casa Verde, constituído em grande parte pela classe média, possuindo um Índice de Desenvolvimento Humano<sup>19</sup> de 0,874, considerado elevado. De acordo com a pesquisa realizada no *site* da Secretaria Municipal de Educação, consta que as modalidades de ensino praticadas são: ensino fundamental I, ensino fundamental II e educação de jovens e adultos.

Percebe-se que é uma escola de médio porte pela quantidade de alunos atendidos.

**Tabela 2 – Total de turmas**

<b>Série</b>	<b>Nº</b>	<b>Período</b>	<b>Atendimentos</b>
<b>Ensino fundamental de 8 anos (5ª série a 8ª série)</b>	12	tarde	262
<b>Ensino fundamental de 9 anos (1ª ao 4º ano )</b>	8	manhã	208
<b>Educação de jovens e adultos</b>	3	noite	87
<b>Total</b>	23		557

Fonte: <http://eolgerenciamento.prefeitura.sp.gov.br/frmgerencial/NumerosEscola.aspx?Cod=091804>

Em relação aos ambientes, a escola possui:

**Tabela 3 – Espaços físicos**

<b>Ambiente</b>	<b>Total</b>
<b>Laboratório de informática</b>	1

<sup>19</sup> Informação retirada do documento Trabalho e Desenvolvimento Atlas Municipal: <<http://atlas municipal.prefeitura.sp.gov.br/Login/Login.aspx>>. Acesso em: 20 maio 2013.

<b>Quadra poliesportiva</b>	2
<b>Sala de Aula</b>	13
<b>Sala de leitura</b>	1
<b>Sanitário deficiente</b>	1
<b>Elevador</b>	1

Fonte: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/AnonimoSistema/BuscaEscola.aspx>

A escola promove um projeto de ampliação da jornada dos educandos denominado “A tecnologia sob diversos olhares”, de autoria da professora orientadora de informática educativa- POIE. O projeto foi autorizado pela supervisão e direção da unidade escolar. Teve início em março de 2013 e está previsto para término no mês de dezembro de 2013.

Segundo a POIE, esse tipo de projeto já vem sendo realizado na escola há cerca de dois anos. Conta no momento com uma equipe de 38 alunos divididos em duas turmas por dia da semana, distribuídas da seguinte maneira:

**Tabela 4 – Turmas – Imprensa Jovem**

<b>TURMA</b>	<b>DIA DA SEMANA</b>	<b>HORÁRIO</b>
<b>1 – 21 alunos</b>	Terças-feiras	12:00 às 12:45
<b>2 – 17 alunos</b>	Quartas-feiras	12:45 às 13:20

Fonte: Projeto “A tecnologia sob diversos olhares”. Ano base: 2013.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, predominantemente são alunos do 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental II.

No que tange aos objetivos do projeto, são abordadas várias diretrizes voltadas para a interação com as novas tecnologias; a ampliação das aprendizagens por meio da exploração e uso do computador e *softwares*; a busca do fortalecimento da autoestima e da liderança dos educandos participantes; a troca de experiências entre as escolas; uma maior integração entre alunos e professores; a colaboração entre os educandos principalmente em auxílio aos que têm dificuldade com a informática; a potencialização das linguagens midiáticas como um meio de explorar outras formas de ler, escrever, pesquisar, publicar e se comunicar; a potencialização de novas formas de comunicação e publicação, utilizando-se basicamente de comunidades de aprendizagens; a promoção de aprendizagens de leitura e escrita.

Os estudantes, são denominados de alunos-monitores<sup>20</sup>, tendo como principal função o auxílio de forma criativa e prestativa a professores e colegas por meio dos recursos tecnológicos da informática na escola.

O projeto obedece a alguns critérios para participação dos alunos-monitores. A POIE seleciona os alunos inscritos por meio da obrigatoriedade da autorização dos responsáveis legais para atuação dos alunos fora do horário normal de aulas; os estudantes devem ter espírito de responsabilidade, liderança, assiduidade, pontualidade, iniciativa; gostar de trabalhar com as tecnologias e com recursos da informática.

Escola 2:

Localizada no distrito da Brasilândia, possui um IDH de 0,769, considerado de nível médio. Ocupa a 84º posição dos distritos da capital paulistana. Faz parte do grupo de escolas pertencentes à Diretoria Regional de Ensino Freguesia/Brasilândia – DRE/FO.

De acordo com os dados levantados no *site* da Secretaria Municipal de Educação, consta que essa unidade escolar oferece as seguintes modalidades de ensino:

**Tabela 5 – Turmas**

<b>Série</b>	<b>Nº</b>	<b>Período</b>	<b>Atendimentos</b>
<b>Ensino fundamental de 8 anos (5ª série a 8ª série)</b>	13	Manhã – 5 Tarde – 8	419
<b>Ensino fundamental de 9 anos (1ª ao 4º ano )</b>	17	Manhã – 11 Tarde – 6	467
<b>Educação de jovens e adultos</b>	3	Noite – 3	142
<b>Total</b>	33	Manhã – 16 Tarde – 14 Noite – 3	1028

Fonte: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/AnonimoSistema/BuscaEscola.aspx>

Essa escola atende praticamente quase o dobro da primeira, podendo ser considerada de grande-porte.

Em relação aos ambientes, a escola possui:

**Tabela 6 – Espaços físicos**

<sup>20</sup> PORTARIA 1997/09 – SME: Institui o Programa Aluno-Monitor nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino. De acordo com a portaria O Programa Aluno-Monitor, visa à potencialização do protagonismo do aluno monitor na escola, contribuindo com o Professor Orientador de Informática Educativa – POIE e Professores das diferentes áreas de conhecimento/disciplinas, no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, com suas turmas/classes, em horário regular de aulas dos alunos e em horário anterior ou posterior ao do aluno monitor. Disponível em: <[http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios\\_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=20032009P%20019972009](http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=20032009P%20019972009)>. Acesso em: 20 abr. 2012.

<b>Ambiente</b>	<b>Total</b>
Laboratório de informática	1
Quadra poliesportiva	2
Sala de aula	16
Sala de leitura	2
Sanitário deficiente	2
Parque	1

Fonte: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/AnonimoSistema/BuscaEscola.aspx>

Essa unidade educacional desenvolve, também como atividade fora da jornada regular do aluno, ou seja, como jornada ampliada, o projeto que tem como tema “Conexão Teens”, porém, possui como foco principal de trabalho as diretrizes do projeto Imprensa Jovem.

Esse projeto já vem sendo desenvolvido na escola há cerca de 3 anos e é de responsabilidade da POIE da unidade. Teve início em 18 de fevereiro de 2013 e está previsto para término em 20 de dezembro de 2013.

O projeto possui três turmas, divididas em três dias da semana, totalizando 52 alunos participantes, conforme segue abaixo:

**Tabela 7 – Turmas – Imprensa Jovem**

<b>Turma</b>	<b>Dia da semana</b>	<b>Horário</b>
<b>1</b>	Segundas-feiras	12:00 às 13:30
<b>2</b>	Terças-feiras	12:00 às 13:30
<b>3</b>	Quartas-feiras	12:00 às 13:30

Fonte: Projeto “Conexões Teens”. Ano base: 2013

Em relação aos sujeitos da pesquisa, são alunos do 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental II.

Acerca dos objetivos do projeto, visam à promoção do protagonismo dos educandos por meio do uso das tecnologias de informação e da comunicação; a contribuição para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita; a possibilidade de desenvolver a expressão comunicativa e a promoção de uma maior integração entre professores, alunos e comunidade; o desenvolvimento do senso crítico, a criatividade, a análise reflexiva; a promoção da interdisciplinaridade versando sobre os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais; o conhecimento de todo o processo de produção de um jornal; a ampliação do universo cultural e intelectual; a construção do conhecimento por meio da coletividade.

O foco é a criação do jornal escolar, que é divulgado por meio de um canal de *blog*, sendo mantido e atualizado pelos próprios alunos participantes. De acordo com a POIE, os

alunos que desejam ingressar no projeto seguem os critérios estabelecidos pela portaria 1997/09 da SME para o Programa Aluno-Monitor. Além do jornal virtual, os alunos também desenvolvem o jornal mural, o qual é confeccionado e exposto em local próprio, em um dos corredores da unidade educacional, onde há circulação de alunos e professores.

Dessa maneira, os estudantes escolhidos são denominados de alunos-monitores, conforme ocorre na Escola 1. Para a alimentação do *blog*, os alunos são divididos em equipes, cada uma com funções específicas.

Há uma diversidade de conteúdos a serem trabalhados pelos educandos na elaboração de ambos os jornais, virtual e mural, como: artigos de opinião; cartas ao leitor; poesias; notícias da escola; acrósticos; charges/quadrinhos; dicas escolares acerca de temas variados; recados; contos; diários; receitas; entrevistas; charadas e desafios; dados estatísticos; oferta de empregos; assuntos ligados aos interesses da comunidade escolar.

Apresentadas as especificidades de cada escola, verificamos que ambas as práticas educacionais são viabilizadas por meio de um projeto, no caso o Imprensa Jovem. Insere-se, portanto, na pedagogia de projetos, a qual tal prática visa ao desenvolvimento da socialização e cooperação entre os participantes. Além de estimular que educandos comecem a dar seus primeiros passos no ato investigativo.

Conforme aponta Gaia (2001, p. 54), “percebe-se que a pedagogia de projetos tende a articular múltiplos saberes, permitindo que os estudantes façam relações entre o assunto pesquisado e suas próprias experiências, aproximando a construção do conhecimento às suas vidas.”

Hernandez (1998, p. 49) afirma que a utilização de trabalho por projeto “não deve ser vista como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola.” Os projetos, na visão do autor, ajudam os alunos a tomarem consciência do seu próprio processo de aprendizagem, além de exigir dos educadores que respondam aos desafios de uma estruturação flexível e aberta acerca dos conteúdos escolares. “A função principal do Projeto é possibilitar aos alunos o desenvolvimento de estratégias globalizadoras de organização dos conhecimentos escolares, mediante o tratamento da informação” (Ibid, p. 89).

Prado (2005, p. 4) traz suas contribuições acerca da pedagogia de projeto, a qual, segundo a autora, permite que o aluno aprenda, durante o processo de produzir conhecimento, a “levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivem novas buscas, descobertas, compreensões e reconstrução do conhecimento.” A autora afirma que um dos pressupostos do projeto é a autoria, seja ela individual ou coletiva.

#### 4.1.1 Perfil dos educandos

O questionário foi aplicado a um total de 31 alunos-monitores participantes do projeto. Desse total, 16 são integrantes da Escola 1 e 15 da Escola 2. De acordo com o levantamento realizado, foi possível desenhar o perfil dos entrevistados conforme consta abaixo:

Quadro 4 – Perfil comparativo das unidades educacionais

<b>Escola 1</b>	<b>Escola 2</b>
✓ Idade entre 13 e 14 anos	✓ Idade entre 11 e 13 anos
✓ Ambos os gêneros masculino e feminino	✓ Gênero masculino
✓ Brancos e pardos	✓ Brancos
✓ Alunos da 8ª série	✓ Alunos da 7ª série

Conforme visualização das Tabelas 8, 9, 10 e 11 abaixo, de forma mais detalhada:

**Tabela 8 – Idade** (Continua)

<b>Faixa-etária</b>	<b>Escola 1</b>	<b>Escola 2</b>
<b>10 anos</b>	6%	0%
<b>11 anos</b>	19%	40%
<b>12 anos</b>	19%	7%

**Tabela 8 – Idade** (Conclusão)

<b>Faixa-etária</b>	<b>Escola 1</b>	<b>Escola 2</b>
<b>13 anos</b>	25%	40%
<b>14 anos</b>	25%	7%
<b>15 anos ou mais</b>	6%	7%

Constata-se um universo diversificado de faixas etárias, pelo fato de o projeto inserir diferentes séries do ensino fundamental II, conforme já explicitado anteriormente. Porém, é possível observar que as faixas etárias predominantes são dos alunos com idade entre 13 e 14 anos, na escola 1, totalizando um percentual de 50%; na Escola 2, esse dado modifica-se, concentrando a faixa etária entre 11 e 13 anos, somando um percentual de cerca de 80%. No Gráfico 2, o público é majoritariamente masculino na Escola 2. Na Escola 1, esse dado se equilibra, sendo 50% de meninos e 50% de meninas.

**Tabela 9 – Sexo**

<b>Gênero</b>	<b>Escola 1</b>	<b>Escola 2</b>
<b>masculino</b>	50%	67%
<b>feminino</b>	50%	33%

Já a Tabela 10 expõe a auto afirmação dos estudantes em relação ao tipo de cor da pele. Observa-se na primeira escola uma equidade entre brancos e pardos com 44% cada um, respectivamente, diferentemente da segunda escola, que exibe uma maior incidência de brancos, totalizando 42%. Agora, se considerarmos pretos e pardos, atinge-se um índice significativo em ambas as escola por volta de 57% na primeira e 60% na segunda.

**Tabela 10 – Cor**

<b>Cor</b>	<b>Escola 1</b>	<b>Escola 2</b>
<b>Branco</b>	44%	40%
<b>Pardo</b>	44%	33%
<b>Preto</b>	13%	27%
<b>Amarelo</b>	0%	0%
<b>Indígena</b>	0%	0%

Na próxima tabela, verificamos que os alunos por nós investigados frequentam em sua maioria, a 8ª e a 5ª série na Escola 1, e 5ª e 7ª séries na Escola 2. Observa-se que não há alunos das 6ª série em ambas as escolas.

**Tabela 11 – Ano escolar**

<b>Série/ano</b>	<b>Escola 1</b>	<b>Escola 2</b>
<b>4ª série ou 5º ano</b>	0%	0%
<b>5ª série ou 6º ano</b>	31%	40%
<b>6ª série ou 7º ano</b>	0%	0%
<b>7ª série ou 8º ano</b>	25%	47%
<b>8ª série ou 9º ano</b>	44%	13%

### **Aspectos ligados à Tecnologia de Informação e Comunicação - TICs (Gráficos 1, 2 e 3)**

Nos Gráficos 1 e 2, buscamos levantar o índice médio de conhecimento e uso de computadores e tecnologia tanto por parte dos educandos quanto por parte da família. A partir

desses dados, constatamos o quanto o uso dos computadores e da internet se disseminou ao verificar que alunos já utilizam tais meios há cerca de cinco a seis anos ou mais.

Gráfico 1 – Tempo de utilização de computadores e internet

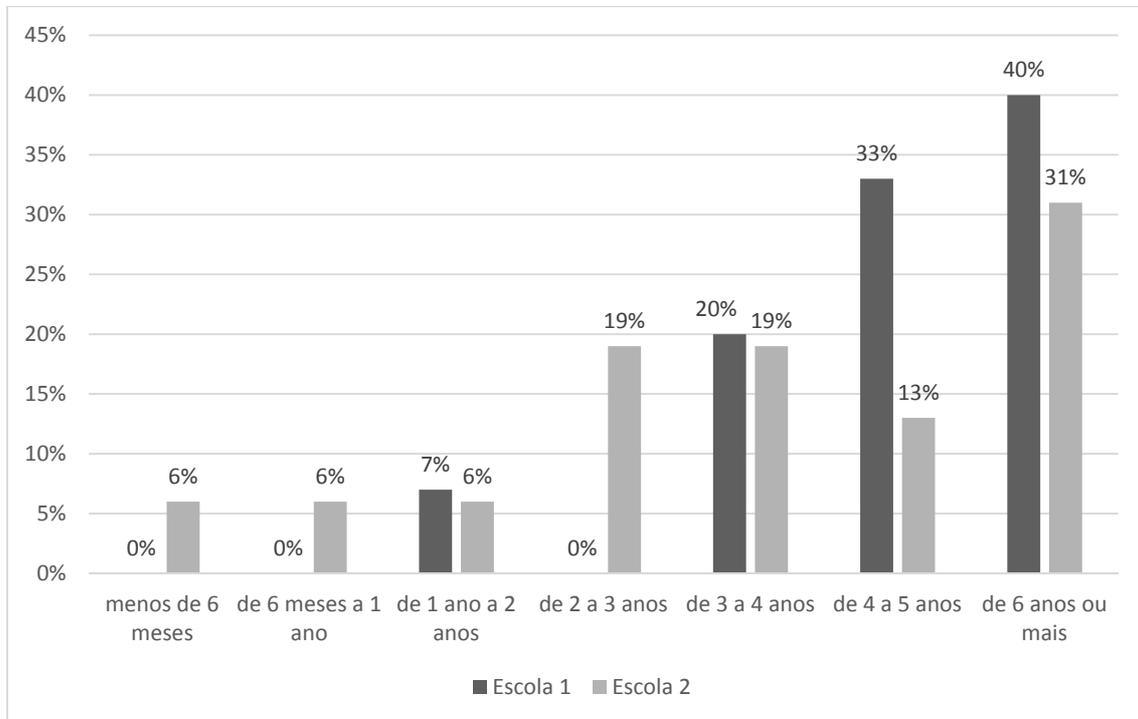
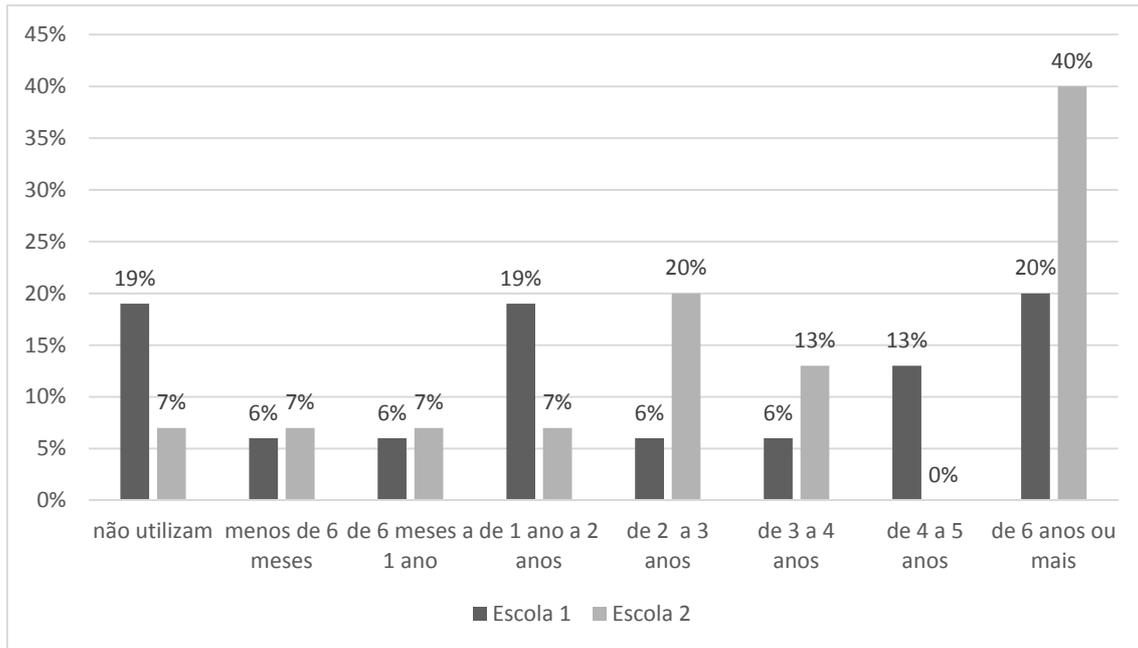


Gráfico 2 – Tempo de uso de computador e internet – pais ou responsáveis



Já o tempo gasto pela família aproxima-se do tempo dos estudantes. Porém, é relevante notar o percentual daqueles que não utilizam computadores e internet, sendo 19% na Escola 1 e 7% na Escola 2. Tal dado ainda denota a questão das gerações, no caso dos alunos inseridos na geração internet, já cercada de todo um aparato tecnológico, em contrapartida com certos pais que ainda possuem um receio em lidar com tecnologias.

A geração internet é um termo denominado por Tapscott (2010) e traduz-se numa geração fortemente influenciada pelo contexto tecnológico pós anos 90. O autor destaca:

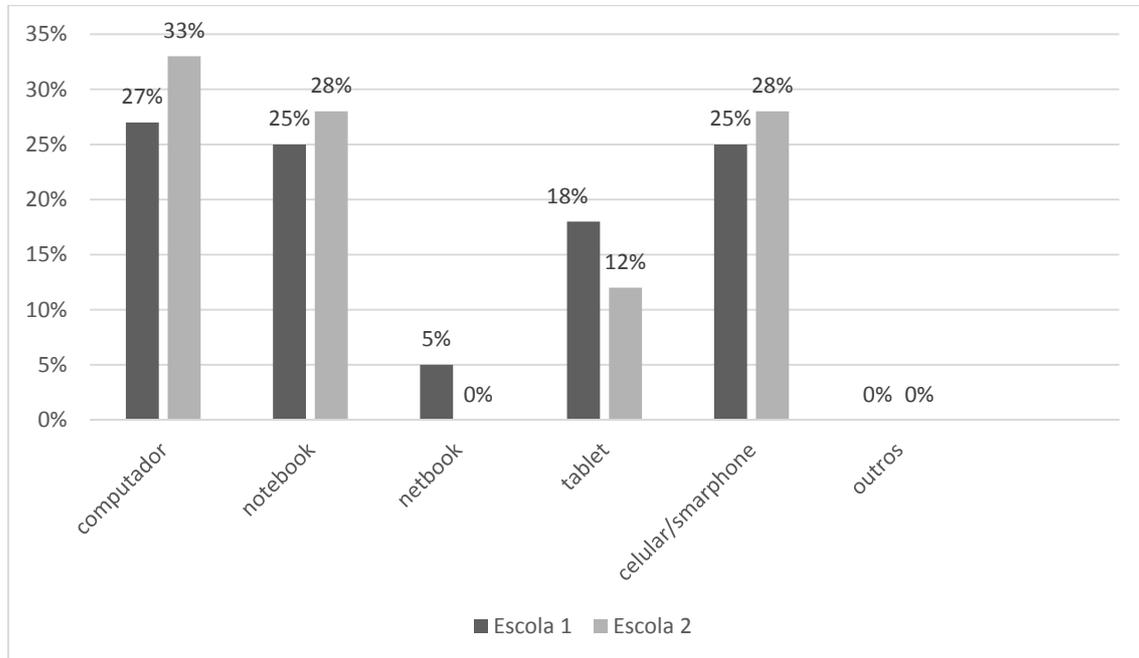
[...] eles querem estar conectados com amigos e parentes o tempo todo, e usam a tecnologia – de telefones a redes sociais – para fazer isso. Então quando a tevê está ligada, eles não ficam sentados assistindo a ela, como seus pais faziam. A tevê é uma música de fundo para eles, que a ouvem enquanto procuram informações ou conversam com amigos on-line ou por meio de mensagens de texto. Seus telefones celulares não são apenas aparelhos de comunicação úteis, são uma conexão vital com os amigos. (TAPSCOTT, 2010, p. 53).

O autor reitera que essa geração encontra-se imergida no mundo dos *bits*, no qual as TVs, computadores e *smartphones* convergem e são os meios pelos quais eles buscam informações, conversam com os amigos, além de se conectarem com o mundo.

As análises de Tapscott evidenciam-se nos dados seguintes deste estudo: os equipamentos mais utilizados para acesso à internet ainda são os computadores, com 27% (Escola 1) e 33% (Escola 2). Para Gomez (2004, p. 39), “os computadores são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, e podem transformar radicalmente o ser/estar no mundo.”

No entanto, podemos vilusmbrar a inserção dos dispositivos móveis como celulares e *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, que abarcam uma boa média de uso.

Gráfico 3 – Em quais equipamentos você acessa a internet?



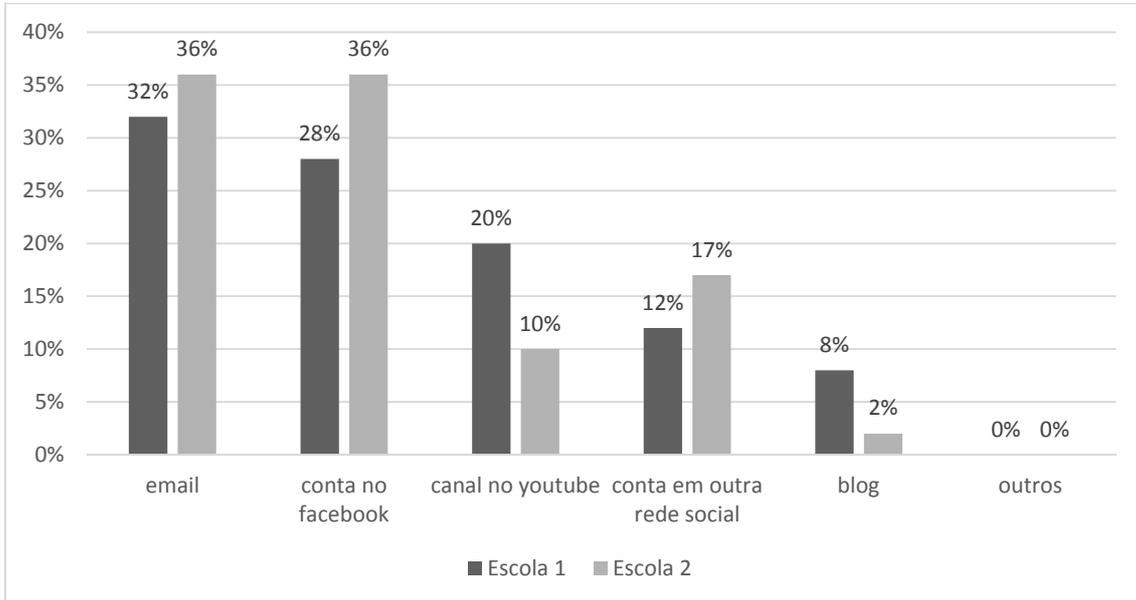
Indagados sobre quais canais possuem na rede, a maioria respondeu que possui conta de *e-mail* e conta no *Facebook*. Podemos verificar que na Escola 2 tanto *e-mail* quanto *Facebook* revelam uma igualdade nos índices de uso, com 36% cada um. Já na Escola 1, há uma maior predominância do *e-mail*, com 32%, e o *Facebook* vem em seguida, com 28%.

O *Facebook* é uma plataforma virtual constituída por meio de uma rede social que foi criada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes, estudantes da Universidade de Harvard. A rede social foi então lançada na *web* em fevereiro de 2004 (GOMEZ, 2010; RECUERO, 2009). De início, o foco da rede era permitir a comunicação entre os alunos que estavam saindo do ensino secundário com aqueles que estavam adentrando o universitário.

Porém, somente no ano de 2006 que a rede social passa a incorporar o cadastro de usuários não vinculados a uma universidade, e, por meio dessa mudança, a rede ganhou uma dimensão mundial com milhões de usuários espalhados pelo mundo. Constata-se que a rede social de comunicação tem grande atrativo para os adolescentes e jovens, público de nossa pesquisa. O *YouTube* também não fica atrás. Nele, as pessoas podem postar e compartilhar

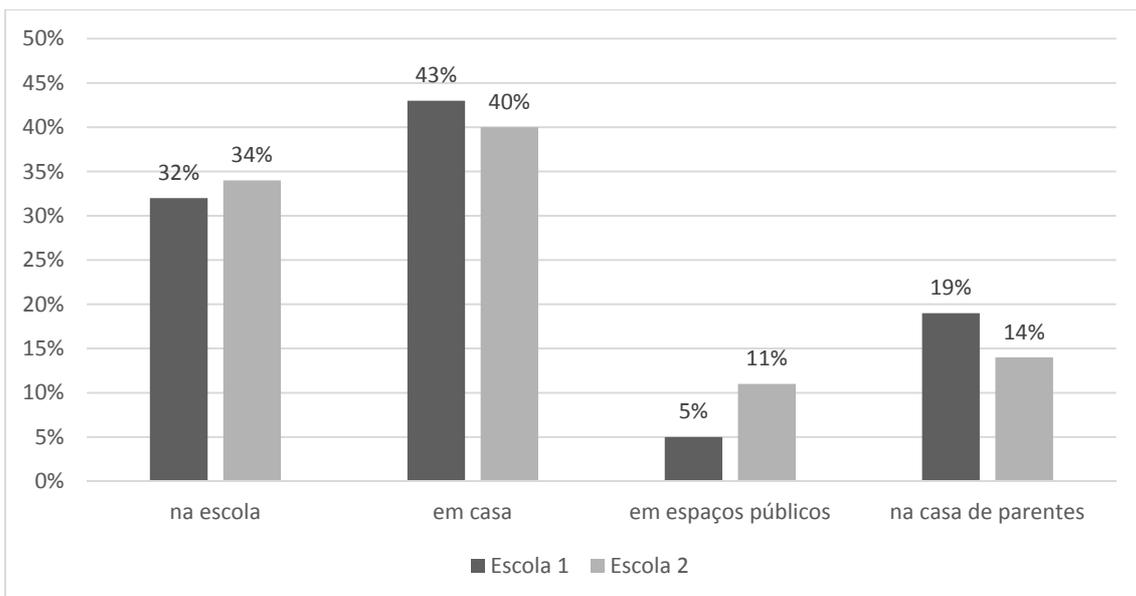
vídeos de diferentes gêneros. “Constitui-se numa rede de compartilhamento, parte da cibercultura, com enorme impacto social.” (GOMEZ, 2010, p. 97). Conforme dados abaixo:

Gráfico 4 – Você tem:



Após a apresentação dos dados acima, verificamos que as TICs fazem parte das vidas dos educandos, ocupando um espaço privilegiado no âmbito doméstico, conforme observamos abaixo:

Gráfico 5 – Onde você utiliza a internet?



Tal análise vem confirmar o levantamento feito pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, denominado “TIC Educação 2011”, segundo descrito abaixo:

Apesar de as TIC fazerem parte da vida dos alunos, a relação dos estudantes com o computador e a Internet parece ocorrer fora do ambiente escolar. O indicador sobre o local de uso do computador e da Internet nas atividades escolares demonstra que, para a maioria dos alunos, as atividades em que há maior proporção do uso das TIC são realizadas em casa e não na escola. (BARBOSA, 2011, p. 100).

Os percentuais de nossa pesquisa demonstram que a escola é o segundo lugar no qual os acessos internet são feitos. Ainda de acordo com o documento “TIC Educação”, os usos mais frequentes da internet nas escolas se resumem à realização de atividades como pesquisa escolar, com 82%; realização de projetos sobre um determinado tema, com 74%; e o uso dessas ferramentas para fazer as tarefas solicitadas pelos professores, com 60%.

#### ***4.1.2 A voz dos educandos***

Relataremos nesta parte as questões abertas e fechadas formuladas aos educandos acerca do projeto e do impacto dele em suas vidas, dentro e fora da escola. O importante foi reconhecer a opinião dos alunos e seus entendimentos sobre o projeto, sua função e objetivos.

Para tal intento, elaboramos 16 questões abertas, 15 questões fechadas, e 15 questões de escala zero a cinco para que os alunos respondessem. Agrupamos os resultados das análises de acordo com os objetivos propostos pela portaria 5792/09, que institui o Programa nas Ondas do Rádio nas escolas municipais e dá abertura para o desenvolvimento do projeto Imprensa Jovem, foco de nossa pesquisa. O projeto, como já informado, segue as concepções propostas pela educomunicação e visa promover objetivos que devem ser incorporados nas práticas educacionais voltadas para o Ensino fundamental e na informática educativa, conforme consta no Art. 2º:

Art. 2º – São objetivos gerais do “Programa nas Ondas do Rádio”, além dos contidos na pertinente legislação em vigor:

I – Promover o protagonismo infantojuvenil por meio das tecnologias da informação e da comunicação;

II – Contribuir para o desenvolvimento da competência leitora e escritora e das expressões comunicativas dos alunos;

III – Possibilitar o desenvolvimento da expressão comunicativa;

IV – Contribuir para a integração entre professores, alunos e comunidade. (SME/SP, 2009).

Como nossa pesquisa abrangeu um público-alvo pertencente ao ensino fundamental e se insere como prática pedagógica desenvolvida no âmbito da Informática educativa, achamos por bem retratar os objetivos que são especificados nessa mesma portaria para esses níveis, de acordo com descrição abaixo:

II – No Ensino Fundamental/EJA e Médio:

- a) Contribuir para o desenvolvimento das competências leitora e escritora e da expressão comunicativa dos alunos;
- b) Contribuir para o desenvolvimento de competências para o uso das tecnologias na comunicação;
- c) Ampliar o universo cultural e intelectual do participante proporcionando atividades de pesquisa em diferentes fontes de produção de textos e de informação;
- d) Desenvolver atividades e projetos voltados para a inclusão midiática e tecnológica dos alunos. [...]

IV – Na Informática Educativa:

- a) Promover ações voltadas a conscientizar os diferentes públicos das Unidades Educacionais no uso educativo e ético da produção cultural disponibilizada na Internet;
- b) Desenvolver projetos que utilizem *softwares* nas produções midiáticas (editor de texto, áudio, vídeo, fotografia, etc.);
- c) Promover a publicação das produções da comunidade educativa em meios digitais, tais como blogs, podcast, videocast;
- d) Desenvolver atividades de pesquisa de conteúdo na internet para produção de pautas para programas de rádio, produções em vídeo, textos para blog e para publicações impressas tais como (jornal mural, fanzine, jornal comunitário). (SME/SP, 2009).

Dessa forma, para corroborar a hipótese dessa pesquisa, que buscou verificar se nas atividades desenvolvidas pelo Imprensa Jovem os objetivos do Programa Nas Ondas do Rádio foram alcançados, organizamos nossa análise em subitens para visualizar a contemplação ou não desses objetivos da seguinte maneira:

- a) definição Imprensa Jovem: expressão comunicativa, gestão e circulação da informação;
- b) integração com as tecnologias: utilização de projetos voltados para inclusão midiática, por meio de *softwares* (editor e texto, áudio, fotografia etc.);
- c) promoção do protagonismo e da autonomia: realização de atividades de pesquisa, produção de programas em vídeo e áudio, produção de textos para *blog* e publicações impressas.

Discorridas as informações acima, vamos à apresentação das respostas dos alunos. Agora, iremos adentrar nos dados acerca do projeto em si, sua concepção, estrutura, modo de funcionamento, habilidades e recursos utilizados.

## **Definição do Imprensa Jovem: expressão comunicativa, gestão e circulação da informação**

### 1.1 Questão 1. O que é o Projeto Imprensa Jovem?

Os depoimentos evidenciam qual a percepção dos alunos acerca do que significa o projeto a partir do próprio olhar deles. Conforme elucidado abaixo:

É um projeto que é feito fora e dentro da escola, que nos ajuda na computação e diversidade com a escola. (Aluno – Escola 1).

É um projeto que ajuda crianças a se comunicarem com a internet, que dá notícias, participa de muitos eventos e faz entrevistas. (Aluno – Escola 1).

É um projeto que é pra gente aprender; a gente faz questionários, vai em alguns lugares para fazer algumas perguntas. (Aluno – Escola 1).

É um grupo de alunos que fazem a cobertura jornalística dos eventos mais importantes da escola e fora dela. (Aluno – Escola 1).

Esse projeto ensina a fazer o jornal da escola, ajuda a se expressar melhor, a fazer a rádio, projetos sobre sustentabilidade. Infelizmente, perdemos o projeto vídeo legal, mas o que importa mesmo é competir e nunca desistir. (Aluno – Escola 2).

É onde aprendemos a ser jornalista “teens” e aprendemos a caçar notícias, saber um pouco do mundo onde vivemos e aprendemos a ser mais responsáveis com nossas coisas e com notícias e projetos em torno do mundo. (Aluno – Escola 2).

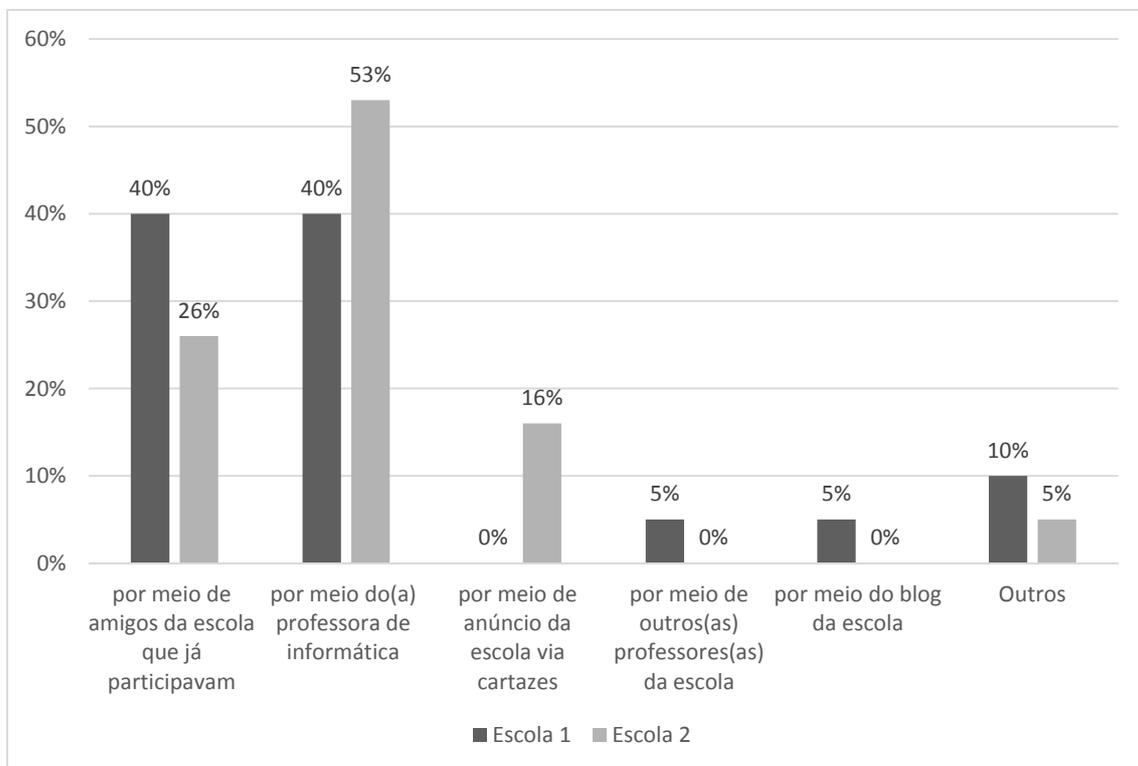
Podemos, então, observar que vários aspectos são elencados, como a expressão comunicativa; a cobertura jornalística, a elaboração de pesquisas, questionários; o manuseio e uso de rádio, jornal, equipamentos de informática e programas; o trabalho em equipe; a divulgação do conhecimento que abrange a escola e o mundo; o auxílio aos colegas e demais alunos; a utilização de projetos como metodologia de trabalho; o entretenimento e, principalmente, a questão do trabalho em grupo.

Identificam-se práticas permeadas pela inter-relação das áreas da educação e comunicação. A educomunicação é inserida por meio dos processos de ensino e aprendizagens; do uso das tecnologias de informação e comunicação, o rádio, vídeo; nas relações interpessoais estabelecidas entre os educandos, professores e comunidade local, promovidas por trabalhos em equipe.

### 1.2 Questão: Como você teve conhecimento do projeto?

Indagamos aos educandos como tiveram acesso ao projeto e verificamos que muitos responderam que tiveram conhecimento dele ou por meio da própria professora de informática educativa (com 40% na Escola 1 e 53% na Escola 2) ou por meio de amigos da escola que já faziam parte do projeto, sendo 40% na Escola 1 e 26% na Escola 2. Em relação às respostas do item “outros”, afirmaram ter conhecimento do projeto por meio de irmãos que já participavam dele.

Gráfico 6 – Conhecimento do Imprensa Jovem



### 1.3 Questão: O que despertou seu interesse para participar?

Nessa questão, vários motivos foram abordados. A escolha em fazer parte do projeto adveio da curiosidade em saber o que era o projeto, por incentivo de irmão, por acharem a proposta interessante e, como muitos afirmaram, “legal”.

Para Freire (1996), é no processo de aprender que o aprendiz deflagra uma crescente curiosidade que pode transformá-lo em um ser criador de conhecimentos. Essa curiosidade é denominada curiosidade epistemológica.

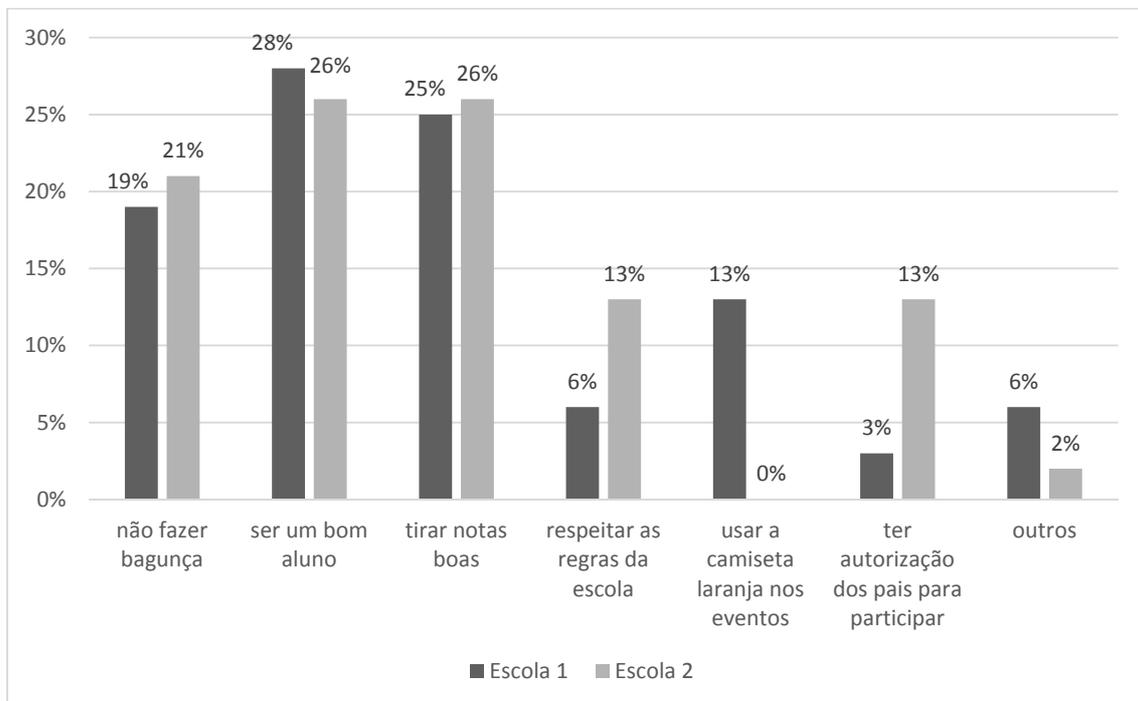
É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo criador. (FREIRE, 1996, p. 27).

Além da curiosidade, outros aspectos levantados foram aprender a manusear computadores e seus componentes, aprender a fazer uma rádio, um jornal, o fato de aprender e também poder ensinar outros alunos, os próprios comentários de outros alunos acerca do projeto, a oportunidade de participar de concursos e premiações que são fruto das atividades realizadas.

#### 1.4 Questão: Quais as condições para poder participar do projeto?

Segundo os educandos, o projeto tem como critérios de participação apontados com maior evidência ser um bom aluno e ter um bom rendimento escolar, tanto em relação às notas quanto à questão de disciplina/comportamento em ambas as escolas.

Gráfico 7 – Condições para participar

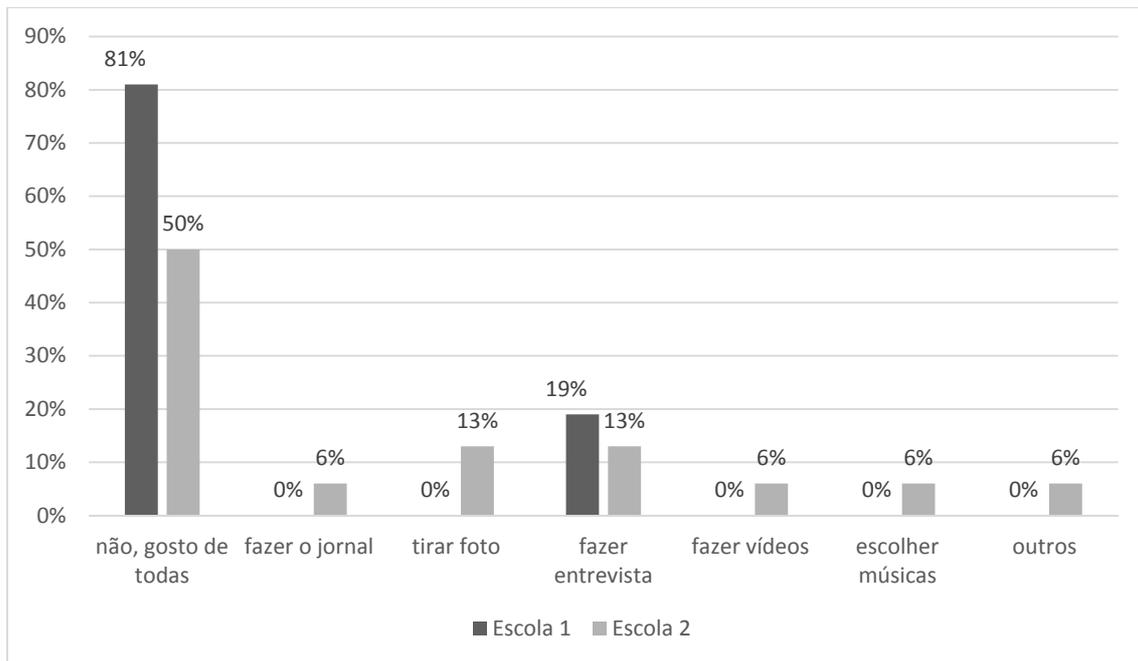


**Integração com as tecnologias: utilização de projetos voltados para inclusão midiática, por meio de *softwares* (editor e texto, áudio, fotografia etc.)**

1.5. Questão: Existe alguma atividade que não gosta de fazer?

A maioria afirmou que não há atividade que não goste de realizar no projeto. Porém, alguns alunos responderam que não gostam de fazer entrevista. Esse dado foi apontado na Escola 1 com 19% e 13% na Escola 2.

Gráfico 8 – Atividade que não gosta de fazer



1.6. Questão: Qual a atividade que você mais gosta de fazer?

Tabela 12 – Atividades que gosta de fazer

TIPOS DE ATIVIDADES	ESCOLA 1	ESCOLA 2
Todas	26%	30%
Editar vídeos no <i>Movie Maker</i>	16%	4%
Editar música	5%	4%
Escolher as músicas para a rádio	5%	4%
Tirar fotos	11%	0%
Fazer entrevista	5%	13%
Falar em frente as câmeras	5%	9%
Ajudar meus colegas	5%	4%
Fazer pesquisas na internet	10%	17%
Fazer o jornal	5%	4%
Fazer a rádio	5%	4%
Outros	2%	4%

Como a maioria afirmou gostar de todas as atividades desenvolvidas, foram elencadas as que mais os atraem, conforme pode-se observar acima.

#### 1.8. Questão: O que o projeto tem ajudado na sua vida escolar e fora da escola?

Neste item, os alunos trazem respostas que já foram elencadas em questões anteriores, enfatizando novamente o auxílio às pessoas, o maior domínio do uso de computadores e *softwares*, programas, aplicativos, a expressão comunicativa encarada como algo que mudou fortemente a vida deles; o desenvolvimento da escrita e da leitura; o respeito ao ser humano e as regras.

Aprendi muitas coisas, tais como ver o mundo de forma diferente, aprender a falar em público, porque eu já fui Mestre de Cerimônia, aí eu aprendi a lidar com meu medo e tal. Conhecer e aprender muitas coisas novas, não ficar com vergonha em público. (Aluno – Escola 1).

A escrever melhor, ler e se expressar, falar melhor. Ajudou muito nas matérias escolares a mexer no computador. (Aluno – Escola 2).

A questão do respeito ao outro é fortemente narrada pelos educandos. Há um entendimento de que o processo educativo não é viável sem a premissa do respeito ao outro. “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.” (FREIRE, 1996, p. 103).

Aprendemos mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem; e sentimos prazer no que estudamos e na forma de fazê-lo. (MORAN, 2013, p. 29).

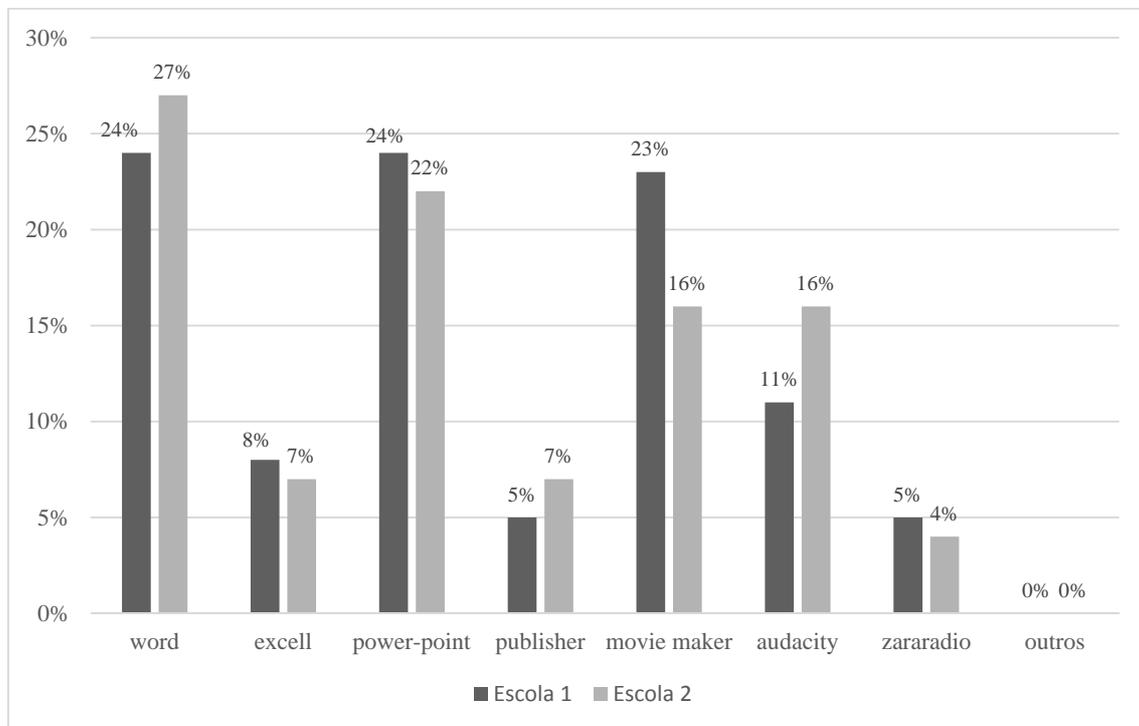
Para Moran, as mudanças na educação passam pelos alunos, uma vez que alunos curiosos e motivados “ [...] aprendem e ensinam, avançam mais e auxiliam o professor em sua tarefa de ajudá-los mais e melhor.” (MORAN, 2013, p. 27).

O autor ainda afirma que as tecnologias digitais trazem inúmeros desafios às instituições educacionais, na medida em que elas são levadas a saírem do ensino tradicional para a busca de aprendizagens mais participativas na qual os vínculos pessoais e afetivos sejam estimulados tanto presencialmente quanto virtualmente.

### 1.9. Questão: Quais são os *softwares* que você costuma utilizar no projeto?

O próximo gráfico apresenta quais os *softwares* mais utilizados durante a elaboração das atividades.

Gráfico 9 – *Softwares* utilizados



Os mais utilizados são o *Word*, *Power-Point* e *Movie Maker*, todos *softwares* aplicativos do *Windows*, que têm como funções criação e edição de textos, elaboração e edição de *slides* e elaboração e edição de vídeos, respectivamente. Todos apresentam ferramentas de áudio, vídeo, texto, entre outras funcionalidades que convergem entre si na criação de diferentes propostas de trabalho.

### 1.10. Questão: Quais são os equipamentos utilizados no projeto?

A Tabela abaixo apresenta quais os equipamentos e recursos são mais utilizados durante as atividades desenvolvidas, e, no caso, os mais citados na Escola 1 são máquina fotográfica, máquina filmadora, gravador, computador; com um índice de 14% cada um. Na Escola 2, o computador vem com maior percentual, 18%. Em ambas as escolas, outros equipamento, como o microfone e o aparelho de som, além do *notebook*, são também apontados. Os dados nos permitem considerar que recursos como a rádio escolar têm sido desenvolvidos com educandos como metodologia de trabalho inserida no Imprensa Jovem.

Tabela 13 – Equipamentos utilizados

	EQUIPAMENTOS	ESCOLA 1	ESCOLA 2
	Computador	14%	18%
Máquina fotográfica	14%	14%	
Gravador	14%	10%	
Máquina filmadora	14%	16%	
Notebook	12%	10%	
Netbook	3%	0%	
Tv	2%	1%	
Aparelho de som	12%	11%	
Microfone	13%	13%	
Tablet	2%	7%	
Outros	0%	0%	

1.11 Questão: Quais as habilidades que você adquiriu durante a sua participação no projeto?

No que tange às habilidades adquiridas durante o projeto, apontou-se uma grande distribuição em diferentes níveis de habilidades, porém, os índices de maior incidência foram a criação e edição de vídeos e criação e edição de áudio, com 9% e 8% cada uma, respectivamente, no total. Conforme podemos visualizar abaixo:

Tabela 14 – Habilidades

(Continua)

HABILIDADES	ESCOLA 1	ESCOLA 2
Criar um <i>blog</i>	5%	4%
Criar um e-mail	4%	5%
Criar e editar imagens	7%	8%
Criar e editar vídeos	8%	10%
Pesquisar em <i>site</i> de busca	6%	6%

Tabela 14 – Habilidades

(Conclusão)

HABILIDADES	ESCOLA 1	ESCOLA 2
Comparar informações de diferentes sites	5%	4%
Escrever e publicar um texto com imagens e som na rede	7%	6%
Publicar um texto com vídeos	6%	5%
Fazer uma entrevista em áudio	8%	5%
Criar uma pauta	4%	4%
Selecionar informações de um texto pesquisado	5%	4%
Criar e editar áudio	7%	8%
Baixar músicas, vídeos, textos, imagens	5%	7%
Baixar programa e <i>softwares</i>	2%	4%
Realizar programas de rádio	6%	6%
Criar e editar textos	4%	7%
Criar e editar planilhas	4%	3%
Criar e editar <i>slides</i> de apresentações	6%	4%
Outros	0%	1%

Os vídeos são muito utilizados pelos alunos e podem ser realizados via tecnologias móveis como *smartphones*, *tablets* e câmeras portáteis. Nesse sentido, Moran (2013, p. 49) afirma que:

Os jovens adoram fazer vídeo, e a escola precisa incentivar ao máximo a produção de pesquisas em vídeos pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes, tanto para crianças como para os adultos.

O Imprensa Jovem busca incentivar a produção de vídeos construídos pelos próprios alunos, por exemplo, programas informativos, registros de eventos, experiências, depoimentos, entrevistas.

Destacaram-se também a realização de entrevistas em áudio e a criação e edição de imagens com 7% de índice em cada uma das respostas, respectivamente. Essa diluição de

habilidades tem um caráter positivo, pois os educandos estão sendo orientados a desenvolver diferentes tipos de habilidades por meio do uso das tecnologias e a assumir um papel não mais de meros receptores, mas sim de produtores de diferentes conteúdos.

Apreende-se que nas diferentes atividades elencadas os educandos são levados ao exercício e prática de leitura e escrita intermediada pelas tecnologias de informação e comunicação. Martín-Barbero (2011) destacava a importância da escola de hoje transformar sua práxis de comunicação, passando de um modelo linear – unidirecional – para um outro descentralizado e plural, por meio da utilização de hipertextos.

Essa maneira de elaborar leituras e escritas diversas por meio de aplicativos, *softwares* diferenciados, permite que o aluno exponha a sua leitura do mundo referente aos temas que são abordados no projeto. Tal práxis vem de encontro à afirmação de Gomez (2004, p. 22):

Tanto a leitura e a escrita básica quanto a codificação/decodificação de uma imagem na tela do computador, a maneira de realizar a nossa leitura, nossa escrita, nossa fala dinâmica do contexto multimidiático serão coerentes com o nosso Ser no mundo.

Freire (2011) já assinalava em seu livro a hipótese de se ter uma disciplina na escola em que os alunos pudessem ter posse de gravadores e máquinas fotográficas para realizarem suas próprias leituras de mundo. Contemporâneo do seu tempo, afirmava:

Gravação do mundo! Poderia até ser esse o título. Em lugar de o estudante trazer um ensaio, como os professores pedem na pós-graduação, o aluno poderia fazer um ensaiozinho dentro de outra perspectiva, dessa linguagem diferente, mais oral do que escrita etc. (2011, p.73).

Também salientava que tal trabalho poderia ser direcionado pelo professor e ser deixado aberto, livre para escolha dos alunos: “Ele também poderia deixar a criança livre, para ela gravar o seu mundo em função do seu gosto, da sua temática, da sua curiosidade.” (Ibid., p. 74).

**Promoção do protagonismo e da autonomia: realização de atividades de pesquisa, produção de programas em vídeo e áudio, produção de textos para *blog* e publicações impressas.**

1.11. Questão: Como se dá sua participação no projeto?

A forma como se dá a participação no projeto é predominantemente por meio da realização de entrevista, 15% na Escola 1 e criação e/ou edição de vídeos, 15% na Escola 2. Em segundo lugar, vem a participação por meio de opiniões sobre os temas ou pautas a serem elencados no projeto, com 13% na primeira escola e 11% na segunda.

**Tabela 15 – Formas de participação**

<b>PARTICIPAÇÃO</b>	<b>ESCOLA 1</b>	<b>ESCOLA 2</b>
Opiniões sobre os temas ou pautas	13%	11%
Sugere atividades e/ou cobertura de eventos	11%	11%
Escreve textos para publicação em <i>blog</i> ou rede social	10%	9%
Participa de reuniões com a equipe de alunos e coordenador(a)	11%	9%
Criação e/ou edição de vídeos	12%	15%
Criação e/ou edição de áudios	10%	11%
Criação e/ou edição de fotos	10%	11%
Realização de entrevistas	15%	11%
Organização da equipe para cobertura de eventos	8%	11%
Outros	0%	0%

Percebe-se que as opiniões dos alunos é algo que realmente é levado em conta. A importância de levar em consideração os conhecimentos advindos dos educandos, respeitá-los e discuti-los, é defendida por Freire (FREIRE, 1996, p. 34): “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

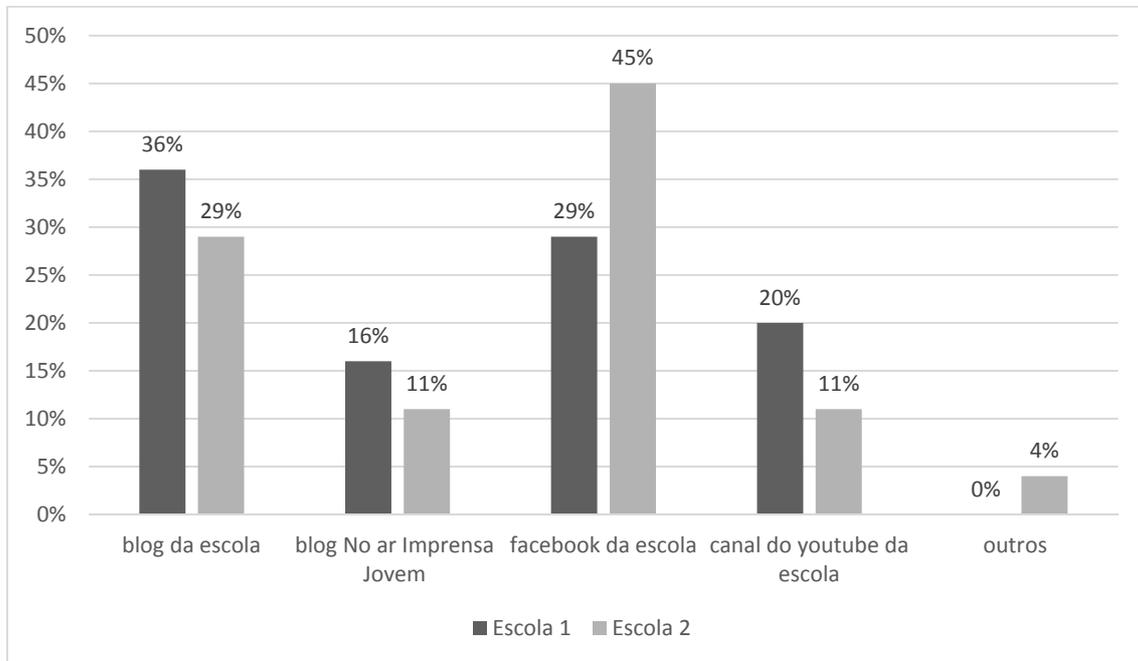
São saberes socialmente construídos e que não devem ser ignorados pela escola, mas ser aproveitados e discutidos na busca de compreender a realidade do mundo que os cerca.

1.12. Questão: Em quais redes sociais são postadas as atividades realizadas?

O canal mais utilizado para a postagem das publicações desenvolvidas no projeto é o blog da escola com 36% na escola 1. Verificamos que na Escola 2 a *fanpage* da unidade

criada no *Facebook* tem o maior índice, com 45%. O *blog* No Ar Imprensa Jovem é citado, mas com um índice bem menor, 16% (escola 1) e 11% (escola 2).

Gráfico 10 – Canal de publicação das atividades



Na concepção de Moran (2013, p. 31), as tecnologias são grandes facilitadoras da pesquisa, da comunicação e da divulgação em rede. Segundo o autor, temos tecnologias mais organizadas em sua estrutura, como os ambientes virtuais de aprendizagem; e um conjunto de tecnologias digitais denominadas de 2.0, que são mais abertas ao público, fáceis de manusear e gratuitas, como os *blogs*, *podcasts*, *wikis* etc. Ao utilizar essas tecnologias, “os alunos podem ser os protagonistas de seus processos de aprendizagem”.

Moran apresenta que há um crescente uso dos *blogs* nas escolas. No âmbito educacional, eles permitem a atualização constante da informação por professores e alunos, contribuem na construção de projetos e pesquisas grupais e individuais e, principalmente, a divulgação de trabalhos por meio de imagens, sons, vídeos. “Os *blogs* são importantes para avaliar o percurso dos alunos ao longo de um determinado tempo ou em determinadas áreas de conhecimento.” (MORAN, 2013, p. 43)

Gomez (2010) descreve o *blog* como um sistema para publicações no qual há a possibilidade de criação de diários organizados cronologicamente. Nele, podem ser inseridos conteúdos compostos por textos, imagens, vídeos, animações, além de *links* que remetem para outras páginas/conteúdos externos. Para a autora, a utilização de *blogs* pode propiciar um contexto colaborativo entre alunos e professores em torno de uma tema, além de tais

atividades produzirem uma dinâmica de convergência digital por meio da utilização de textos, imagens e vídeos.

No caso do Projeto Imprensa Jovem, podemos incluir aí as *web* rádios disponibilizadas pelos *podcasts*. Eles são usados para criar programas de rádios e publicá-los nos *blogs*. Ambas as escolas trabalham com essa ferramenta, e sua utilização permite que os alunos produzam seus próprios programas, programação de rádio, entrevistas, depoimentos. Como afirma Moran (2013, p. 45), “[...] participar como produtores de informação é muito mais importante para os alunos do que só acessar materiais prontos.”

Outro ponto importante é a construção coletiva em torno do mesmo tema utilizando o mesmo espaço. Enfim, a proposta colaborativa é explorada positivamente para o enriquecimento da construção do conhecimento em torno do tema, ao estimular os alunos a convergir suas postagens para um mesmo local. Do mesmo modo, promove-se uma aproximação do grupo em uma comunidade virtual em que as diferenças e afinidades estarão próximas, proporcionando o estímulo ao respeito e à ética. (GOMEZ, 2010, p. 88).

A autora relembra que as redes sociais não foram pensadas para serem utilizadas nas escolas, por outro lado, afirma que elas são mais um espaço a ser explorado pela escola contemporânea, mas que necessita de uma orientação e cuidados para finalmente transformar-se em dispositivo pedagógico.

O uso das tecnologias da comunicação e da informação e das redes sociais devem estar contempladas no projeto pedagógico da escola, em primeiro lugar, quando considera a cultura como um dos eixos do processo de aprendizagem. Uma escola que desconsidere a cultura de seus membros, dificilmente vai ter interesse de conhecer a cibercultura ou a cultura de cada um. (GOMEZ, 2010, p. 99).

Dessa maneira, verifica-se que, nas escolas pesquisadas, de forma geral, os professores responsáveis pelo projeto têm levado em conta o grande fascínio que os alunos têm pela rede social *Facebook*, e a têm utilizado como aliada na publicação dos trabalhos e atividades desenvolvidas pelos educandos na escola. As escolas vêm procurando situar-se no tempo dessa geração inserida na cibercultura, explorando novos meios de comunicação para a promoção de aprendizagens significativas construídas nos ciberespaços.

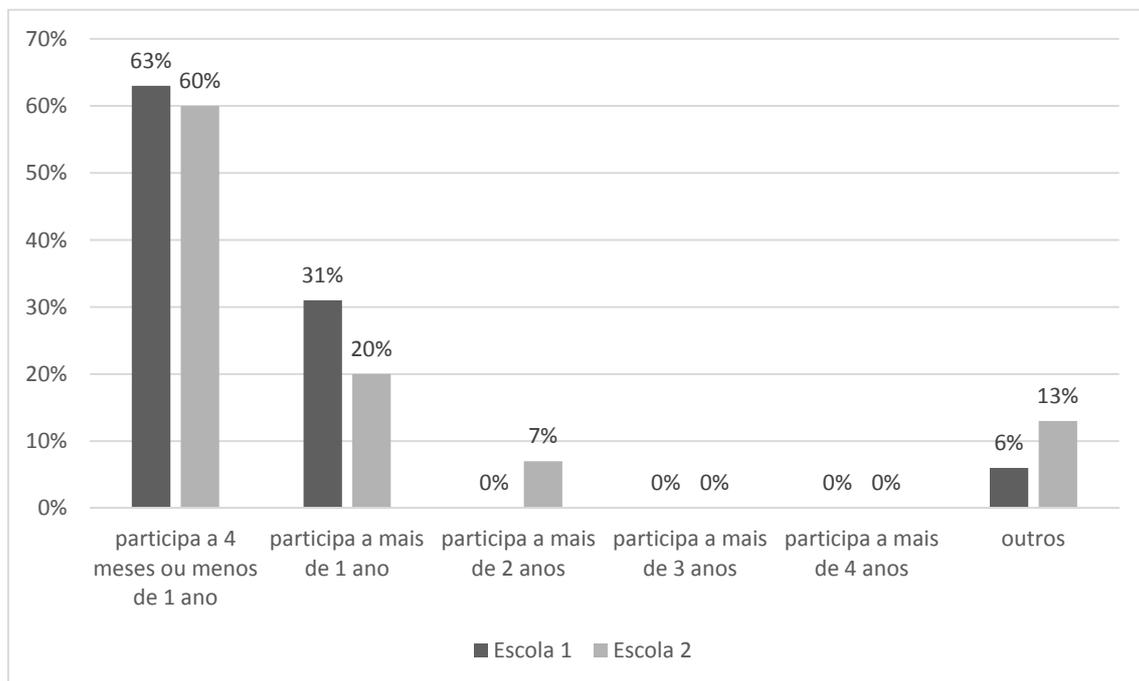
Por meio das tecnologias denominadas *web 2.0* como o *blog*, o *Facebook* e o *podcast*, alunos e professores podem vir a ser “[...]produtores e divulgadores de suas pesquisas e projetos, de formas muito ricas e estimulantes.” (MORAN, 2013, p. 42). Tal fenômeno pode

ser claramente observado no Imprensa Jovem, pois busca incorporar essas tecnologias em suas práticas educacionais.

### 1.13. Questão: Quanto ao tempo de participação no Projeto:

Neste item, foi solicitado ao aluno que escolhesse algumas opções acerca do tempo em que participa do projeto. As respostas assinaladas estão no gráfico abaixo:

Gráfico 11 – Tempo de participação

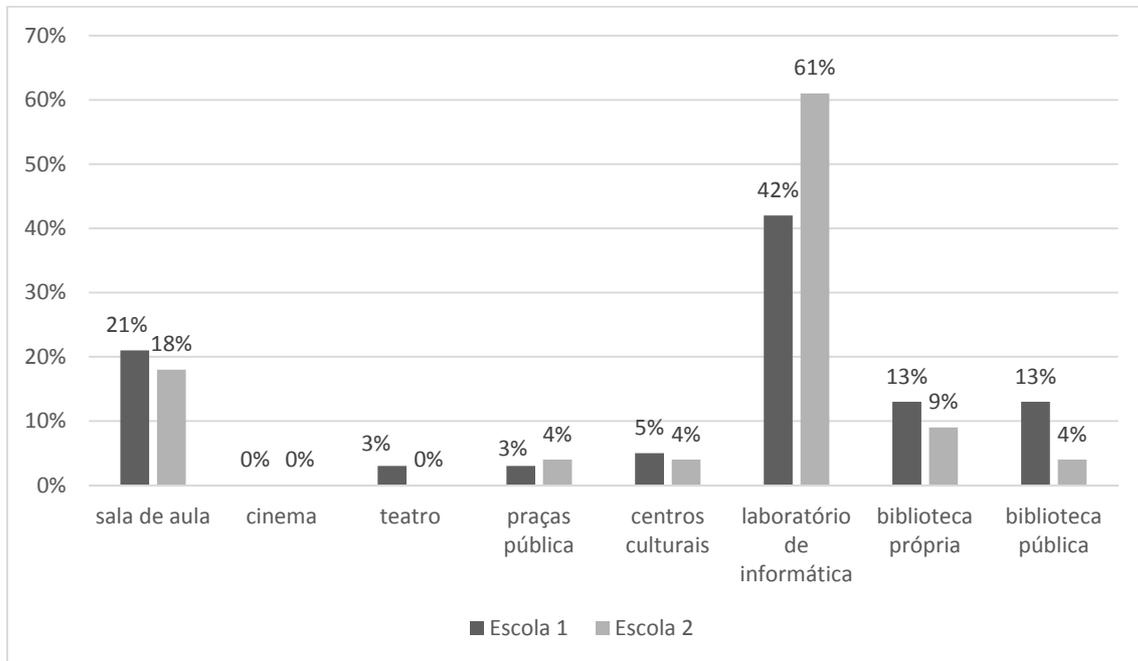


A partir destes dados, apuramos que os educandos são novatos no projeto, indicando que a participação é de apenas quatro meses a um ano. Podemos também notar que na primeira escola (31%) e na segunda escola (20%) os alunos afirmaram que já participam a mais de 1 ano no projeto, o que permite visualizar que a experiência que vivenciaram foi altamente positiva para que quisessem continuar nos anos seguintes no quadro da equipe do projeto na escola.

### 1.14: Questão: Que espaços o projeto ocupa com maior frequência?

Os espaços mais utilizados são o laboratório e a sala de aula. Acrescentamos a consideração de mais um fato: o uso do espaço de biblioteca própria e pública, que somadas atingem 26% (Escola1) e 13% (Escola 2). Portanto, o projeto tem a preocupação de adentrar outros espaços, diferentes daqueles tão habitualmente ocupados nas unidades educacionais.

Gráfico 12 – Espaços utilizados



### 1.15. Questão: Quais são os pontos positivos e negativos do projeto?

Acerca dos pontos positivos, muitos dos alunos afirmaram que tudo é positivo, porém, ao se solicitar que discriminassem quais eram, obtivemos algumas respostas como:

Um ponto positivo é que a gente é uma família aqui na sala de imprensa, a gente procura compreender muito um ao outro. (Aluno – Escola 1).

O trabalho em grupo. (Aluno – Escola 2).

A coletividade entre as pessoas de outras séries e passar o meu conhecimento para os outros. (Aluno – Escola 2).

É legal as pessoas comentarem uns com os outros sobre os seus conhecimentos em roda. (Aluno – Escola 2).

Nas falas dos educandos, evidencia-se a noção de círculo de cultura, no qual são estimulados a exporem suas ideias e conhecimentos. “O círculo é entendido como espaço educativo e a estratégia de aprendizagem, o conhecimento nele não é só reflexão ou espelho do outro, mas busca também a ação transformadora ao reconhecer e aceitar o outro diferente.” (GOMEZ, 2004, p. 43).

Gomez concebe, a partir desta ideia de círculo inspirada em Freire, o círculo de cultura digital, que no mundo virtual seria um espaço estratégico para a promoção de aprendizagens e pelo qual circulariam palavras e textos tanto de educadores quanto de educandos, o que remeteria “à circularidade dialógica da linguagem” (Ibid, p. 44).

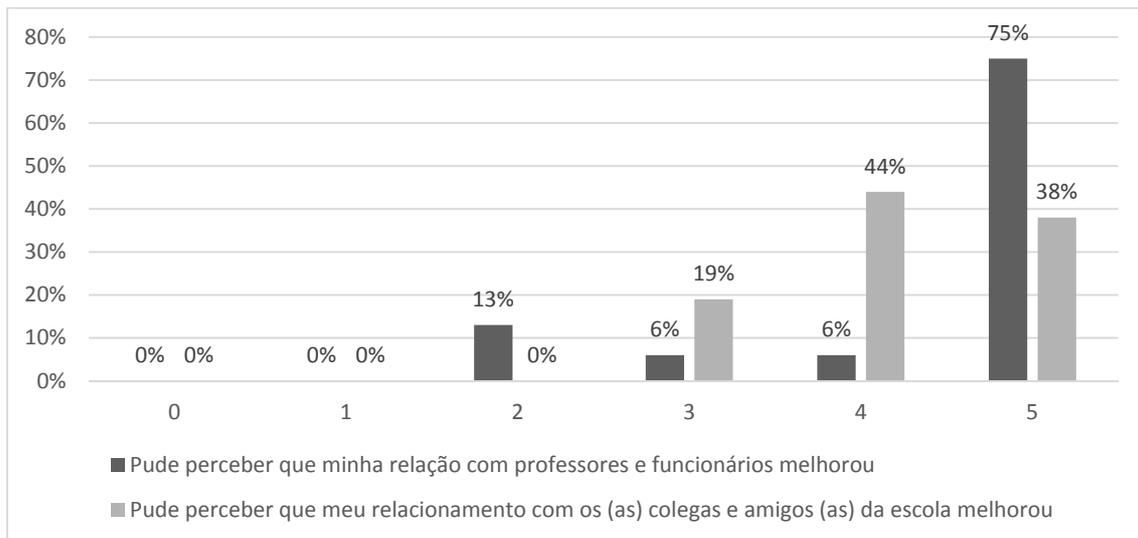
Já em relação aos pontos negativos praticamente a maioria afirmaram não ter nenhum. Apenas dois alunos da Escola 1 destacaram que, às vezes, não têm acesso à internet e o tempo reservado ao projeto é muito pouco.

Na última parte do questionário<sup>21</sup> foi solicitado aos educandos que elencassem, numa escala de zero a cinco, qual a relação do Projeto Imprensa Jovem na vida deles.

Os resultados serão apresentados somando as duas escolas, pois as respostas apresentaram-se de forma muito parecida em ambas. Então, foi decidido somá-las em gráficos únicos com a percepção geral dos 31 alunos participantes da pesquisa.

Os resultados estão a seguir:

Gráfico 13 – Relacionamento



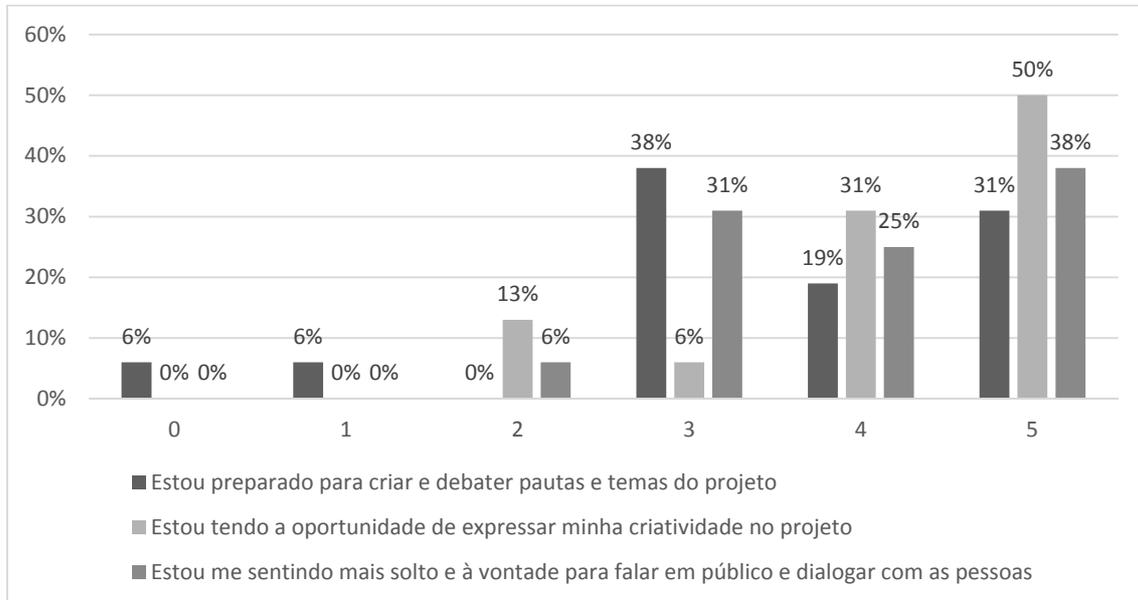
A maioria afirmou que o relacionamento com professores, amigos e funcionários da escola melhorou significativamente.

Conforme aponta Soares (2011), a educomunicação, além de prever ecossistemas educacionais, visa à melhoria dessa relação entre os atores envolvidos por meio da gestão da comunicação. As relações ganham qualidade por conta da abertura de uma escuta e

<sup>21</sup> As perguntas referente a essa parte final do questionário foram adaptadas do estudo de TAVARES JUNIOR, Renato. *Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio*. 2007. 279f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

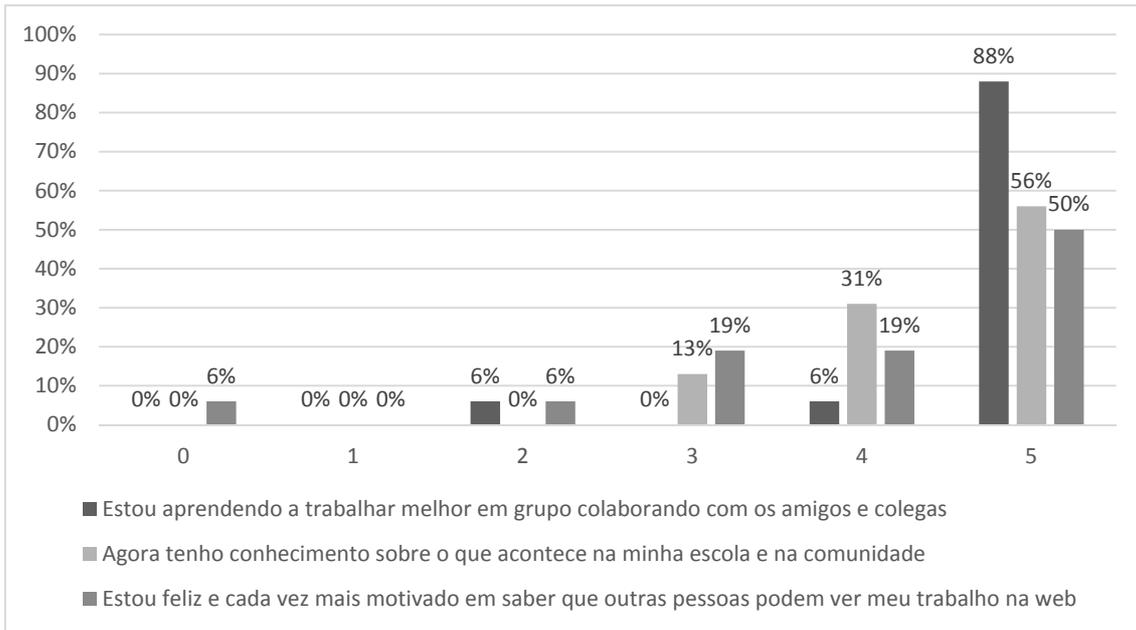
da premissa de um diálogo que é estabelecido e incentivado na organicidade do projeto, conforme já apontado.

Gráfico 14 – Participação/criatividade/expressão



Em relação ao fato de se sentirem aptos a criar e debater pautas para o projeto, 31% dos alunos afirmaram estar realmente preparados. Em relação ao aspecto da criatividade, 50% elucidam que o projeto permite que essa criatividade seja aflorada e expressada. Já no que tange à expressão comunicativa, 38% concordaram que estão se sentindo mais soltos e à vontade para colocarem seus pontos de vistas e dialogarem com seus pares.

Gráfico 15 – Trabalho desenvolvido

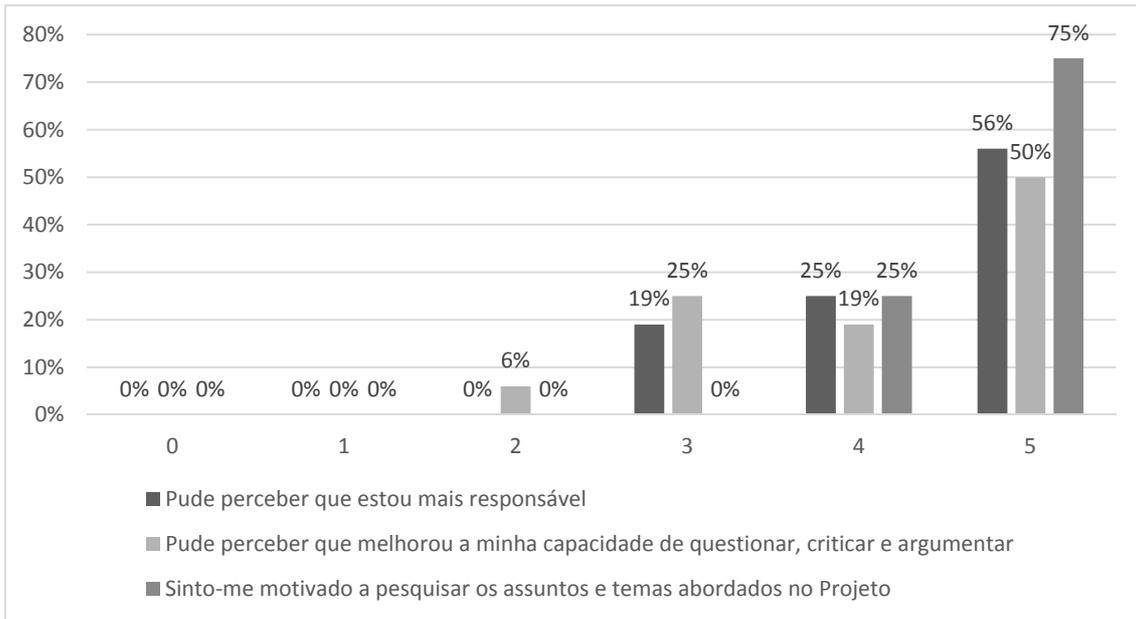


Em relação ao trabalho em equipe, 88% afirmaram que realmente estão aprendendo a desenvolver as atividades em grupos colaborando com os amigos. Acredita-se que esse seja um dos fatores mais positivos do projeto: permitir que os educandos tomem consciência da importância do trabalho em grupo, de estabelecer diálogos, de aprender com o outro, de perceber que a educação se processa num encontro de ideias.

Por outro lado, 56% afirmaram que conhecem o que de fato ocorre na escola e na comunidade por serem levados a investigar, a elaborar reportagens, a cobrir eventos.

Em relação ao trabalho desenvolvido por meio das produções postadas na rede social, 50% afirmaram que se sentem felizes e motivados em saber que muitas pessoas podem visualizar os trabalhos elaborados por eles.

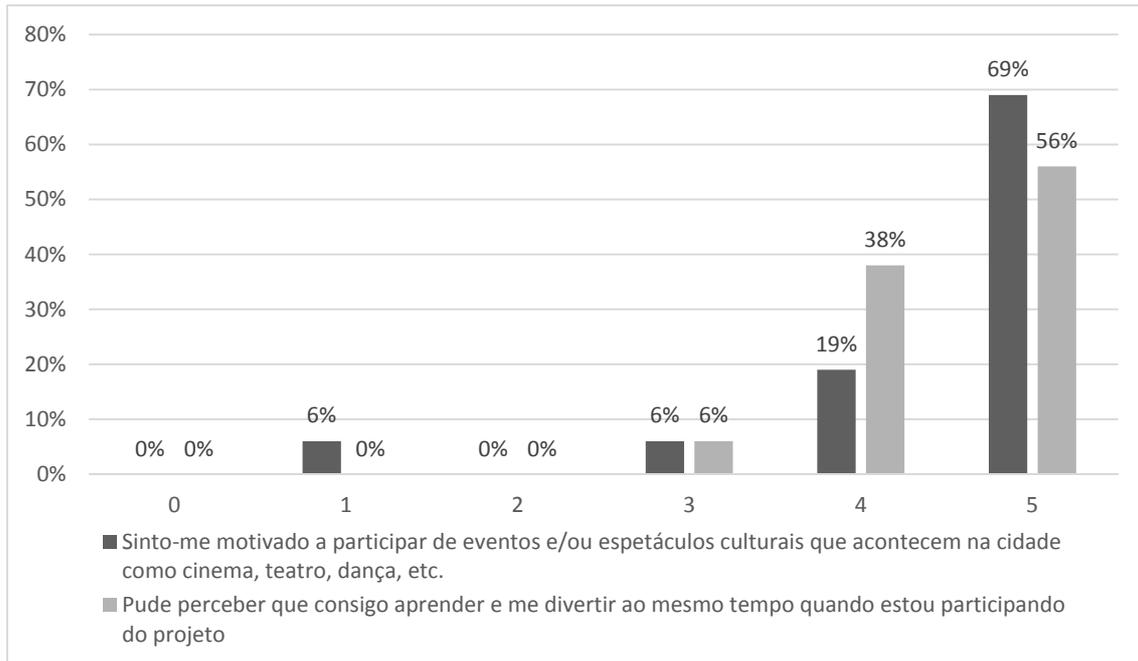
Gráfico 16 – Responsabilidade e aprendizagem



O princípio da responsabilidade já vem sendo evidenciado em todo o corpo desta pesquisa pelos alunos. Nesse aspecto, 56% afirmaram que se tornaram mais responsáveis após o ingresso no projeto.

No quesito que diz respeito à melhoria da capacidade argumentativa e crítica, 50% concordaram que esse fato realmente se efetivou durante as práticas exercidas. Além disso, 75% elencaram que se sentem ainda mais motivados a realizarem pesquisas acerca dos temas abordados no Imprensa Jovem.

Gráfico 17 – Eventos culturais e diversão



Em relação à participação em eventos que acontecem fora do espaço escolar, 69% afirmaram que se sentem mais motivados a participar de espetáculos culturais na cidade.

Dentre os participantes, 56% cogitaram que a aprendizagem no projeto acontece de forma divertida. Gaia (2001, p. 54) destaca que, “dependendo da criatividade do professor e da sua capacidade de motivar os alunos, é possível desenvolver uma série de experiências prazerosas.”

O projeto pode ser encarado como uma oportunidade de ampliação do repertório cultural dos educandos, pois permite que o aluno explore outros espaços que não aqueles centrados em torno da unidade escolar. É a oportunidade de alunos conhecerem outros lugares e equipamentos culturais, e de trocarem informações com pessoas de diversas classes, gêneros e etnias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de nossa análise, foi possível verificar que o Imprensa Jovem, segundo percepção dos alunos, é um grande aliado na construção de uma educação inovadora conectada com a realidade atual.

Educação inovadora, na medida em que busca integrar as diferentes áreas do conhecimento e que trabalha sob a ótica transdisciplinar na abordagem dos diversos conteúdos, além de conduzir ao efetivo uso das tecnologias como mais uma forma de potencializar o conhecimento, fugindo das práticas tradicionais presentes na escola pública.

Como já exposto, o projeto investigado abarca uma diretriz educacional sancionada por meio da portaria 5.792 de 2009, que define as normas e procedimentos para a implementação do Programa Nas Ondas do Rádio nas redes educacionais do município. Cabe esclarecer que ele não é imposto de forma verticalizada, de cima para baixo. Traduz-se numa iniciativa que primeiramente foi institucionalizada pelo poder público via Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo e, num segundo momento, intermediada por professores que possuíam afinidade com o tema da educação e/ou das TICs, e que passaram a desenvolver o Imprensa Jovem nas escolas.

Quanto à hipótese que guiou nosso trabalho, relacionada à efetiva consecução dos objetivos do Programa Nas Ondas do Rádio nas práticas desenvolvidas no interior do Imprensa Jovem, foi verificada com clareza e precisão. Ficou evidente que tais objetivos como: a promoção do protagonismo infantojuvenil por meio das tecnologias da informação e da comunicação; a contribuição do projeto no desenvolvimento da competência leitora e escritora e das expressões comunicativas dos alunos; a integração entre professores, alunos e comunidade, confirmaram-se nas vozes dos alunos participantes.

O fator positivo do sucesso do Imprensa Jovem é que ele acontece sem à margem da rigidez das normas burocráticas da escola. São atividades realizadas fora do horário de aula, com a adesão voluntária dos educandos.

Desse modo, pudemos observar que, por ser de iniciativa do aluno a participação no Imprensa Jovem, foi conduzida num maior nível de autonomia e engajamento nas práticas de cunho educacional propostas na metodologia do projeto. O aluno teve, portanto, a oportunidade de expor suas opiniões, sugerir atividades e assuntos que foram traduzidos no processo de produção dos jornais e *posts* dos *sites*: rede social, *blogs*, canais do YouTube.

A questão colaborativa também se inseriu como passo fundamental na aprendizagem, pois os alunos foram conduzidos a trabalhar em pequenas equipes e a divulgar o produto desse conhecimento via tecnologia de informação e comunicação.

Todavia, em relação às aprendizagens por meio das TICs, os educandos tiveram a possibilidade de desenvolverem novas habilidades e novos modos de aprender utilizando diversos tipos de *softwares*, redes sociais, aplicativos que incorporam outras linguagens diferentes das tradicionais, tão arraigadas no fazer pedagógico das escolas. Evidenciou-se a mediação tecnológica no percurso do projeto. A proposta do Imprensa Jovem rompe com o uso da tecnologia de forma mecanicista e propõe o que Kaplún tanto defendeu: que o educando desenvolva suas próprias expressões comunicativas.

Percebemos, ao longo da investigação, que o despertar da responsabilidade e do engajamento nas ações do projeto são aspectos de destaque na fala dos educandos, o que permitiu a tomada de consciência do processo de ensino e aprendizagem a que foram submetidos no projeto. Por outro lado, a autoria apresentou-se como uma forma de aprendizagem significativa, em que o aluno tornou-se o personagem central do seu processo de aprendizagem.

O avanço das tecnologias trouxe à escola outras formas e técnicas de informação e conhecimentos que permitiram ultrapassar a esfera de comunicação televisiva e incorporou outros atributos de cunho tecnológico, como as redes e a internet, possibilitando uma cultura digital - ou cibercultura na visão de Levy que proporcionou a muitos educandos o processo criativo de produção de suas próprias leituras de mundo.

Diante dessas implicações, os educandos puderam desenvolver atividades não somente escolares, mas também sociais e humanizadoras, na medida em que foram estimulados a escrever e publicar seus escritos na forma de hipermídias, o que despertou sua curiosidade, estimularam a experimentação e a reflexão em torno do conhecimento construído.

Em relação aos limites de nossa pesquisa, podemos destacar que não se pretendeu incorporar a análise dos conteúdos publicados no *blog* para realmente verificar o quanto as práticas educomunicativas de fato potencializaram as escritas e leituras dos alunos. Tal aspecto pode ser futuramente investigado por outras pesquisas, tanto da área da educação quanto da comunicação.

O Imprensa Jovem inseriu o conceito da educomunicação ao utilizar as tecnologias próprias do mundo dos educandos, e fez dela ponte e alicerce para empreender conhecimentos, vindo, de certa forma, a evidenciar o que Paulo Freire afirmava como uma forma de exercer uma pedagogia da autonomia.

Por fim, promoveu-se uma aprendizagem preocupada em ouvir o que o educando tem dizer. O projeto permitiu ao educando ser o agente do seu próprio processo de aprendizagem, além de contribuir na construção de uma pedagogia mais flexível, aberta ao diálogo, ao respeito humano e de integração entre educadores e educandos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho; LOBATO, Margareth Cavalcante de Castro; GHAZIRI, Samir Mustapha. ANPED e Intercom: panorama da produção dos pesquisadores em Educação e Comunicação na última década. *RESGATE – Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 19, n. 22, p. 32-43, 2011. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/305/313>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologia de informação e comunicação na escola: novos horizontes na produção escrita. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 43, p. 711-725, abr./jun. 2004.

ALVES, Patricia Horta. *EDUCOM.rádio: uma política pública em Educomunicação*. 2007. 247f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

APARICI, Roberto. *Educomunicación: más allá del 2.0*. Espanha: Gedisa, 2010.

ARROYO, Miguel González. Trabalho, educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, G. (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 138-165.

BARBOSA, Alexandre F. (Coord.). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2011*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

BARCELOS, Cláudia; MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/541>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

BELLONI, Maria Luiza. *Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança*. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. São Paulo: Ática, 2001.

BORGES, Queila Cristina Goes. *Educomunicação e democracia na escola pública: o educom.rádio e o planejamento*. 2009. 259f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CABALLERO CORDOBA, Venâncio Elias. *Comunicação/educação: uma inter-relação que caminha em direção ao futuro*. 2002. 206f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CASTRO, Ruy. *Roquette-Pinto: o homem multidão*. 1996. Disponível em: <[http://aminharadio.com.sapo.pt/brasil80\\_roquette.html](http://aminharadio.com.sapo.pt/brasil80_roquette.html)>. Acesso em: 5 jul. 2012.

CITELLI, Adilson Odair. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e Educação: convergências educacionais*. *Comunicação, Mídia E Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 19 p. 67-85, jul. 2010. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/195/193>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

\_\_\_\_\_; COSTA, Maria Cristina (Orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. *Educomunicação: imagens do professor na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2012.

COELHO, Fernanda. Mario Kaplún: A comunicação educativa por uma sociedade mais democrática. *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Curitiba, PR, 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0275-1.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

COGO, Denise. Da comunicação rural aos estudos de audiência: influências da obra de Paulo Freire no ensino e na pesquisa em comunicação social. *Rastros – Revista do Núcleo de Estudos em Comunicação*. Joinville, v. 1, n. 1, p. 29-36, dez. 1999.

CONSANI, Marciel Aparecido. *Mediação Tecnológica na Educação: conceitos e aplicações*. 2008. 252f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CONTEÇOTE, Nívea Bona, Marcelo Luis; COSTA, Laílton. Kaplún e a comunicação popular. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, São Paulo, UMESP, ano 11, n. 11, p. 169-184, jan./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/viewFile/931/990>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

CORDEIRO, Mauro Soares. *Política educacional, elaboração e continuidade: o programa Educom.rádio nas escolas municipais da capital de São Paulo*. 2009. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.

FERNANDEZ, Rogério Garcia; JANUÁRIO, Carlos; GARCÍA, Francisco García. A Educomunicação Colaborando nos Processos de Produção de Conhecimento das Comunidades e Chegando às Esferas Política-Pedagógica. *Confibercom*, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/315.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

FREIRE, Paulo. *Extensão e Comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_; GUIMARÃES Sergio. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNARI, Claudia Vicenza. *A prática da mediação em processos educacionais: O caso do Projeto Educom.rádio*. 2007. 420f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GAIA, Rosana Viana. *Educomunicação e mídias*. Maceió: EDUFAL, 2001.

GOMEZ, Margarita Victoria. *Cibercultura, formação e atuação em rede: guia para professores*. Brasília: Liberlivro, 2010.

\_\_\_\_\_. *Educação em rede: uma visão emancipadora*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

\_\_\_\_\_. *Paulo Freire: releitura par uma teoria da informática na educação*. Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, ano 1, n. 3, p. 15-26, jan./mar. 1999.

GURGUEIRA, Fernando. *A integração pelas ondas: O rádio no Estado Novo*. 1995. 182f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

HERNANDEZ, Fernando; MONTSERRAT, Ventura. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

\_\_\_\_\_. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KAPLÚN, Mário. *Una pedagogía de la comunicación*. Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

\_\_\_\_\_. *Processos educativos e canais de comunicação*. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 14, p. 68-75, jan./abr. 1999.

KENSKI, Vania Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

- KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas 2001.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é virtual*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- \_\_\_\_\_. Desafios culturais da comunicação à educação. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 18, p. 51- 61, maio/ago. 2000.
- \_\_\_\_\_. Comunicação e Convergência Digital. *Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural*, Brasília, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=U7jo4G4\\_quQ&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=U7jo4G4_quQ&feature=player_embedded)>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- \_\_\_\_\_. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Sílvia Helena Simoes; FREIRE FILHO, João (Orgs.). *Culturas juvenis no século XX*. São Paulo: Educ, 2008.
- \_\_\_\_\_. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: COSTA, Maria Cristina (Org.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 121-134
- MELO, José Marques; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia & educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- MESSIAS, Claudio. *Duas décadas de educomunicação – da crítica ao espetáculo*. 2011. 243f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MORAN, Jose Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS; Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- MOREIRA, Claudia da Consolação. *EDUCOM.RÁDIO: Indícios e sinais*. 2007. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

MONROE, Paul. *História da educação*. Tradução de Idel Becker. 12. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

OLIVERIA, Edilson Moreira; ALMEIDA, José Luís Vieira de; ARNONI, Maria Eliza Brefere. *Mediação dialética: teoria e prática*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

OROZCO, Guillermo Gomez. Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação. *MATRIZES: Perspectivas Autorais nos Estudos de Comunicação I*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 209-216, out. 2007.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Orgs.). *Integração das tecnologias na educação*. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 1995, p. 12-17. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

PERRENOUD, Philippe. *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 76, p. 232-257, out. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

ROMÃO, José Eustáquio. Pesquisa na Instituição de Ensino Superior: referencial teórico, que bicho é este? *Cadernos de Pós-Graduação*, São Paulo, Educação, v. 4, p. 19-32, 2005. Disponível em: <[http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos\\_posgraduacao/cadernosv4edu/cdposv4n1edu2a02.pdf](http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernosv4edu/cdposv4n1edu2a02.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2012.

ROSSETTI, Fernando; VASCONCELLOS, Patrícia; SAYAD, Alexandre Le Voci. *Projetos de Educação, Comunicação & Participação: Perspectivas para Políticas Públicas*. Unicef s/d. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/midia\\_escola.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/midia_escola.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Luciane Justus dos Santos. O jornal escolar e a livre expressão na visão de Célestin Freinet. *I Fórum Paranaense de Educomunicação*, Curitiba: Universidade Positivo, 2011. Disponível em: <<http://forumeducom.com.br/wp-content/uploads/2011/09/35-Luciane-Justus-dos-Santos.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2012.

SÃO PAULO. *Lei nº 13.941, de 28 de Dezembro de 2004*. Institui o Programa EDUCOM-Educomunicação pelas ondas do rádio, no Município de São Paulo, e dá outras providências. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 46.211, 15 de agosto 2005*. Regulamenta o Programa Educom – Educomunicação pelas ondas do rádio, instituído no Município de São Paulo pela Lei nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Portaria nº 5792, de dezembro de 2009*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2009.

\_\_\_\_\_. *Portaria nº1997 de 19 de março de 2009*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2009.

\_\_\_\_\_. *Portaria nº 2750, de 27 de maio de 2011*. Regulamenta o Decreto nº 52.342 de 26/05/11 que institui o Programa “Ampliar” nas Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino e dá outras providências. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2011.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO: DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA. *Orientações curriculares: proposições de expectativas de aprendizagem – Tecnologias de Informação e Comunicação / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2010.*

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. *Como surgiu o Educom.rádio na rede municipal de educação?* São Paulo, 28 maio 2002.

SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

SEGAWA, Francine Sayuri. *Programa Educom.rádio: um estudo sobre representações*. 2009, 281f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Luciana. Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise a partir da visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior. 2013. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, UNINOVE, São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Pesquisa*, São Paulo, v. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida*. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOBREIRO, Marco Aurélio. *Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar*. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/145.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2012.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: AgirNegócios, 2010.

TAVARES JUNIOR, Renato. *Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio*. 2007. 279f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

THIESEN, Juarez da Silva. Mediação tecnológica/pedagógica: diferentes perspectivas sobre o mesmo conceito. *Congreso Iberoamericano de Educación-metas 2021*. Buenos Aires, República Argentina, 13, 14 e 15 de setembro de 2010. Disponível em: <[http://www.adeepra.org.ar/congresos/Congreso%20IBEROAMERICANO/TICEDUCACION/RLE3211\\_Thiesen.pdf](http://www.adeepra.org.ar/congresos/Congreso%20IBEROAMERICANO/TICEDUCACION/RLE3211_Thiesen.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2012.

URIBE, Esmeralda Villegas. Mario Kaplún: uma luz que continua acesa. *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo, n. 31, p.189-208, jan. 1999.

VALENTE, Jose Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. *Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?* São Paulo: Paulus, 2011.

YIAN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução de Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Pessoas entrevistadas

- Carlos Lima: Coordenador do Programa Nas Ondas do Rádio.

#### **Entrevista com Carlos Lima (10/05/2013)**

Fale um pouco da sua experiência profissional, acadêmica (processo de convite ao cargo: experiências anteriores, movimento social, conexões político-partidárias).

Quais são suas perspectivas acerca da educomunicação?

Como se deu a constituição do Programa Nas Ondas do rádio? (situar a caminhada para a formatação do programa, permanência entre os governos: se permaneceu, adaptou, modificou).

Qual a configuração do NOR atualmente na rede? (fazer uma avaliação – apontar elementos positivos e negativos; resistências, sua importância).

Que concepções de currículo estão expressas no NOR? São efetivamente praticadas?

Quais são os projetos educacionais na rede atualmente?

Quais são cursos disponibilizados a professores da rede com cunho educacional?

Quem são e de onde vêm os profissionais que trabalham com as formações dos professores?

Há um entrosamento entre estes profissionais e os professores responsáveis pelo desenvolvimento de práticas educacionais em âmbito escolar? Como isso é feito?

Que relação a formação continuada de professores tem com a produção curricular?

Qual o total de projetos realizados nas escolas de acordo com o levantamento da Secretaria? É dividido por áreas, por exemplo rádio, tv, jornal, ou não? Como é feito esse levantamento?

As escolas dispõem de uma assessoria para construção e viabilização desses projetos educacionais? Por quais meios, metodológicos, financeiros de formação isso é feito?

Qual a importância da educomunicação, na sua opinião, em relação ao programa Ler e Escrever da secretaria?

O que você pode nos relatar acerca do Imprensa Jovem? (Origem; demanda de alunos e/ou professores, gestores).

Tem-se os dados das escolas que desenvolvem esse projeto em específico? Quais seriam essas escolas? Posso ter acesso a esses dados?

Qual a importância do POIE no desenvolvimento dos projetos educacionais?

## APÊNDICE B – Questionário eletrônico aplicados aos alunos participantes do projeto

## Projeto Imprensa Jovem:

A presente pesquisa faz parte da minha dissertação de mestrado, realizado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Uninove.

O objetivo da pesquisa é verificar quais são as percepções dos alunos participantes do Projeto Imprensa Jovem, que vem sendo desenvolvido nas escolas municipais de ensino fundamental em São Paulo.

Este formulário encontra-se em teste.

Caso tenha dúvidas ou sugestões sobre a pesquisa e os resultados, pode utilizar a caixa de comentários no fim do questionário.

Agradeço pela ajuda!

---

\*Obrigatório

**Perfil do entrevistado****Nome completo:\***

Qual a sua idade?\*

- 10 anos
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 ou mais
- Outro:

Qual o seu sexo?\*

- feminino
- masculino

**Qual a sua renda familiar?\***

- sem rendimento
- 1 a 2 salários mínimos
- 3 a 4 salários mínimos
- 5 a 6 salários mínimos
- 7 a 8 salários mínimos
- 9 a 10 salários mínimos
- 10 ou mais salários mínimos

**A sua cor ou raça é:**

- branco
- pardo
- preto
- amarelo
- indígena

**Qual a sua série ou ano?\***

- 4ª série ou 5º ano
- 5ª série ou 6º ano
- 6ª série ou 7º ano
- 7ª série ou 8º ano
- 8ª série ou 9º ano

**Você mora com quem?\***

- somente com a mãe
- somente com o pai
- mãe, pai e irmãos quando houver
- mãe, padrasto e irmãos quando houver

- irmãos
- avós
- tios (as)
- Outro:

Quantos irmãos você tem?\*

- não tenho
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 ou mais

Há quanto tempo você utiliza computadores e Internet?\*

- menos de 6 meses
- de 6 meses a 1 ano
- de 1 ano a 2 anos
- de 2 a 3 anos
- de 3 a 4 anos
- de 4 a 5 anos
- de 6 anos ou mais
- Outro:

Seus pais ou responsáveis fazem uso de computador e internet há quanto tempo?\*

- não utilizam
- menos de 6 meses
- de 6 meses a 1 ano
- de 1 ano a 2 anos
- de 3 a 4 anos
- de 4 a 5 anos
- de 2 a 3 anos
- de 6 anos ou mais
- Outro:

**Onde você utiliza a internet?\***

- na escola
- em casa
- em espaços públicos
- na casa de parentes
- Outro:

**Em quais equipamentos você acessa à internet?\***

- computador
- notebook*
- netbook*
- tablet*
- celular
- iphone*
- Outro:

**Quantas horas por dia você utiliza a Internet? (tempo total incluído lazer, escola ou trabalho)\***

- até 1 hora
- de 2 a 4 horas
- de 5 a 7 horas
- de 8 a 10 horas
- de 11 a 13 horas
- de 13 a 15 horas
- de 16 a 19 horas
- mais de 20 horas

**Você tem:\***

- e-mail*
- conta no Facebook
- canal no YouTube
- conta em outra rede social
- blog*
- Outro:

### Projeto Imprensa Jovem

O que é o projeto Imprensa Jovem?\*

Como teve conhecimento do Projeto Imprensa Jovem?\*

- por meio de amigos da escola que já participavam do projeto
- por meio da professora da sala de informática
- por meio de outros professores da escola
- por meio de anúncio na escola via cartazes
- por meio do *blog* da escola
- Outro:

O que despertou seu interesse para participar do projeto?\*

Quais as condições para poder participar do projeto?\*

- não fazer bagunça
- ser um bom aluno
- tirar notas boas

- respeitar as regras da escola
- usar a camiseta laranja nos eventos
- ter autorização dos pais para participar
- Outro:

Você sabe quais são os objetivos do projeto?\*

O que você faz no projeto? Quais são as atividades realizadas? Você tem alguma função específica?\*

Escrever como é sua rotina no projeto

Existe alguma atividade que não gosta de fazer? \*

- não, gosto de todas
- fazer o jornal
- tirar foto
- fazer entrevista
- fazer vídeos
- escolher as músicas
- Outro:

Qual a atividade que você mais gosta de fazer no projeto?\*

- todas
- editar vídeos no movie maker

- editar músicas
- escolher as músicas para a rádio
- tirar fotos
- fazer entrevista
- falar em frente as câmeras
- ajudar meus colegas do projeto
- fazer pesquisas na internet
- fazer o jornal
- fazer a rádio
- Outro:

O que você aprende no projeto?\*



O que o projeto tem ajudado na sua vida escolar e fora da escola?\*



Você comenta com seus familiares sobre as atividades que desenvolve no projeto?

Você poderia citar alguns exemplos?\*



O que você espera do projeto?\*

A rectangular text input field with a light gray border and a white background. It is currently empty. The field has a small upward-pointing arrow in the top right corner and a small downward-pointing arrow in the bottom right corner. On the left side, there are two small square buttons, one with a left-pointing arrow and one with a right-pointing arrow.

O que acha que o projeto espera de você?\*

A rectangular text input field with a light gray border and a white background. It is currently empty. The field has a small upward-pointing arrow in the top right corner and a small downward-pointing arrow in the bottom right corner. On the left side, there are two small square buttons, one with a left-pointing arrow and one with a right-pointing arrow.

Quais são os *softwares* que você costuma utilizar no projeto?\*

- Word
- Excell
- Power-Point
- Publisher
- Movie Maker
- Audacity
- Zaradio
- Outro:

Quais as habilidades que você adquiriu durante a sua participação no projeto?\*

- criar um *blog*
- criar um *e-mail*
- pesquisar em *site* de busca

- criar e editar imagens
- criar e editar vídeos
- comparar informações de diferentes *sites*
- escrever e publicar um texto com imagens e som na rede
- publicar um texto com vídeos
- fazer uma entrevista em áudio
- criar uma pauta
- selecionar informações de um texto pesquisado
- criar e editar áudio
- baixar músicas, vídeos, textos, imagens
- baixar programas e *softwares*
- realizar programas de rádio
- criar e editar textos
- criar e editar planilhas
- criar e editar slides de apresentações
- Outro:

Quais são os pontos positivos do projeto na sua opinião?\*

A rectangular text input field with a light gray border and a vertical scrollbar on the right side. The field is currently empty.

Quais são os pontos negativos?\*

A rectangular text input field with a light gray border and a vertical scrollbar on the right side. The field is currently empty.

Caso você fosse o coordenador do Projeto Imprensa Jovem o que você mudaria?\*

Na sua opinião quais seriam as atividades em que você pode expressar sua criatividade?\*

Como se dá sua participação no projeto?\*

- opiniões sobre os temas ou pautas
- sugere atividades e/ou cobertura de eventos
- escreve textos para publicação em *blog* ou rede social
- participa de reuniões com a equipe de alunos e coordenador(a)
- criação e/ou edição de vídeos
- criação e/ou edição de áudio
- criação e/ou edição de fotos
- realização de entrevistas
- organização da equipe para cobertura de eventos
- Outro:

Em quais redes sociais são postadas as atividades realizadas? \*

- blog* da escola
- blog* No ar Imprensa Jovem
- Facebook da escola
- canal de YouTube da escola

- o  Outro:

A participação no projeto ajudou você em alguma matéria na escola? De que forma?\*

 A large empty rectangular text area with a light gray border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom side, there are two small square buttons, one on the left and one on the right.

A comunidade escolar comenta o trabalho realizado por vocês? Como a comunidade vê o trabalho desenvolvido por vocês?\*

Pode comentar sobre como a comunidade vê os trabalhos publicados na internet.

 A large empty rectangular text area with a light gray border. On the right side, there are three small square buttons stacked vertically. On the bottom side, there are two small square buttons, one on the left and one on the right.

Quanto ao tempo de participação no Projeto: \*

- o  participa há 4 meses ou menos de 1 ano
- o  participa há mais de 1 ano
- o  participa há mais de 2 anos
- o  participa há mais de 3 anos
- o  participa há mais de 4 anos
- o  Outro:

Quantas vezes por semana você participa do projeto?\*

- o  1
- o  2

- 3
- 4
- 5
- Outro:

Como a equipe de alunos é dividida para cobertura de eventos?\*

As opiniões de alunos participantes são levadas em conta? Há atrito de ideias? \*

Quais são os equipamentos utilizados no projeto?\*

- computador
- máquina fotográfica
- gravador
- máquina filmadora
- notebook*
- netbook*
- tv
- aparelho de som
- microfone
- biblioteca pública
- biblioteca própria
- laboratório de informática
- tablet*
- Outro:

Que espaços o projeto ocupa com maior frequência?\*

- salas de aula
- cinema
- teatro
- praças públicas
- centros culturais



Estou me sentindo mais solto e à vontade para falar em público e dialogar com as pessoas\*

	0	1	2	3	4	5	
pouco	<input type="checkbox"/>	muito					

Estou aprendendo a trabalhar melhor em grupo colaborando com os amigos e colegas\*

	0	1	2	3	4	5	
pouco	<input type="checkbox"/>	muito					

Agora tenho conhecimento sobre o que acontece na minha escola e na comunidade\*

	0	1	2	3	4	5	
pouco	<input type="checkbox"/>	muito					

Estou feliz e cada vez mais motivado em saber que outras pessoas podem ver meu trabalho na web\*

	0	1	2	3	4	5	
pouco	<input type="checkbox"/>	muito					

Pude perceber que estou mais responsável\*

	0	1	2	3	4	5	
pouco	<input type="checkbox"/>	muito					

Pude perceber que melhorou a minha capacidade de questionar, criticar e argumentar \*

	0	1	2	3	4	5	
pouco	<input type="checkbox"/>	muito					

Sinto-me motivado a pesquisar os assuntos e temas a serem abordados no Projeto\*

	0	1	2	3	4	5	
--	---	---	---	---	---	---	--

